Universidade de São Paulo
Faculdade de Educação

ALEXANDRE TUNDISI

Sérgios e Aristarcos: apropriações de “O Ateneu” no campo educacional brasileiro

São Paulo
2013

ALEXANDRE TUNDISI

Sérgios e Aristarcos: apropriações de “O Ateneu” no campo educacional brasileiro

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre.

Área de concentração: História da Educação e Historiografia

Orientação: Profª. Drª. Dislane Zerbinatti Moraes

São Paulo
2013

Nome: TUNDISI, Alexandre

Título: Sérgio e Aristarcos: apropriações de “O Ateneu” no campo educacional brasileiro

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição:_____

Julgamento:_____ Assinatura:_____

Prof. Dr. _____ Instituição:_____

Julgamento:_____ Assinatura:_____

Prof. Dr. _____ Instituição:_____

Julgamento:_____ Assinatura:_____

Agradecimentos

À minha orientadora, Profª Drª Dislane Zerbinatti Moraes, pela atenção dispensada, pelo auxílio prestado e por toda a paciência.

À Profª Drª Vivian Batista da Silva e à Profª Drª Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas, pelas valiosas observações feitas na qualificação.

Aos colegas do grupo de estudos LIHED (Literatura, História e Educação), pelos debates interessantes e pelas experiências trocadas.

À minha mãe, pelo incentivo, dedicação e força.

Aos meus familiares, tios e tias, primos e primas, pelo apoio, amizade e presença nos momentos difíceis.

Aos amigos Ricardo Sandri, Luiz Felipe Ferreira Teixeira, Ricardo Panico Rizzo Luiz, João Luiz Vitorino Araujo, Talita Crevatin Frangione, Cassia Benetti Rey, Ettore Enrico Delfino Ligorio, Ulysses Coelho Carvalho, Adriano Pereira Sandini, Marcio Falanca, Ulissys Trega dos Reis, Mauricio Simões e Camila Rodrigues.

Aos funcionários, colegas de trabalho e diretores da Escola Vésper, pelo ótimo ambiente de trabalho.

Aos demais amigos, em especial os voluntários na ABCD Nossa Casa, os colegas de Círculo Militar e os frequentadores do Casa de Navarra.

À Dona Manor, por seu exemplo de educadora, e por ter despertado em mim o desejo de trabalhar na área do ensino básico.

A professores muito especiais, competentes e entusiastas do ensino, com os quais compartilhei e compartilho ideais, experiências, alegrias e frustrações: Gustavo Ignacio Duarte, Luiz Carlos Mariano de Souza, Suely Paker Rodrigues, Carlos Souza (*in memoriam*), Fábia Alvim, Guilherme Terzi, Karol Lamarca e Sonia Chiodi.

Às crianças e adolescentes com as quais convivi e convivo, trocando ensinamentos, histórias e experiências. A cada uma delas e a cada um deles. Ao Filipe, à Dani, à Gabi e ao Gustavo, com um carinho especial.

Ao querido amigo professor Danilo Donzelli Alves (*in memoriam*), exemplo de pessoa e de educador. Sua ausência será sentida demais.

Resumo

O presente trabalho pretende investigar as práticas de leitura e apropriações de “O Ateneu”, romance de Raul Pompéia, escritor e intelectual do século XIX, no campo educacional brasileiro. O trabalho tem a intenção de traçar considerações a respeito da relevância e alcance do romance no seu diálogo com a produção do campo educacional ao longo dos anos. Colhendo leituras, imagens e apropriações de “O Ateneu”, o trabalho busca as formas de apropriação da obra e a possível constituição de uma memória a seu respeito e em sua relação com a História da Educação no século XIX. Para tanto, será analisado um “corpus” selecionado de fontes escritas que tenham circulação no campo educacional brasileiro e que contenham referências a “O Ateneu”, permitindo, assim, uma avaliação daquilo que a obra representa na constituição e funcionamento do campo educacional.

Palavras-chave: campo educacional, século XIX, literatura, memória, historiografia, apropriações

Abstract

The aim of this work is to investigate the reading practices and appropriations of "O Ateneu", novel written by Raul Pompéia, an important nineteenth century author, in Brazilian educational field. This work intends to make considerations about the relevance of the novel in its dialogue with the production of the educational field over the years. This work searches forms of appropriations and the construction of a memory on the novel and on History of Education in the nineteenth century, while bringing up readings, images and appropriations of "O Ateneu". To do so, it will be considered a selected corpus of written sources that circulate in Brazilian educational field and that have references to "O Ateneu". This will allow us to make an evaluation of what the work represents in the constitution and functioning of Brazilian educational field.

Keywords: educational field, nineteenth century, literature, memory, historiography, appropriation.

Lista de figuras

Figura 1 – Edição de 1905 de “O Ateneu” 30

Figura 2 – Raul Pompéia (1863-1895) 45

Figura 3 – Ilustração de Raul Pompéia para “O Ateneu” 45

Figura 4 – Abílio César Borges, o Barão de Macaúbas 82

Figura 5 – Aristarco, no desenho de Pompéia 82

Figura 6 – “O Ateneu: literatura brasileira em quadrinhos” 109

Figura 7 – “O Ateneu: clássicos brasileiros em HQ” 134

Lista de Tabelas

Quadro 1 – As 42 fontes 87

Quadro 2 – Natureza das publicações selecionadas 91

Quadro 3 – Divisão cronológica 92

Quadro 4 – Manuais pedagógicos e materiais de formação 94

Quadro 5 – Estudos literários 95

Quadro 6 – História da Educação 97

Quadro 7 – Estudos educacionais 103

Sumário

1. INTRODUÇÃO **10**

2. DO AUTOR À OBRA **31**

2.1. RAUL POMPÉIA E O CAMPO INTELECTUAL 31
2.2. "O ATENEU" – PRODUÇÃO E RECEPÇÃO 46
2.3. "O ATENEU" – TEMAS RECORRENTES 61

3. DA OBRA ÀS LEITURAS DA OBRA: APRESENTAÇÃO DO "CORPUS" **83**

3.1. MANUAIS PEDAGÓGICOS E MATERIAIS DE FORMAÇÃO: 93
3.2. ESTUDOS LITERÁRIOS 95
3.3. HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO 97
3.4. ESTUDOS EDUCACIONAIS 102

4. APROPRIAÇÕES DA OBRA NO CAMPO EDUCACIONAL **110**

4.1. MODOS DE APROPRIAÇÃO 110
4. 1. 1. Apropriação "didática" *113*
4. 1. 2. Apropriação "como um clássico" *116*
4.2. "O ATENEU": MEMÓRIA/MONUMENTO? 127

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS **135**

FONTES **137**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS **140**

APÊNDICE – QUADROS COM DESCRIÇÃO DAS FONTES **146**

1. Introdução

O presente trabalho pretende investigar as leituras e apropriações de “O Ateneu”, romance de Raul Pompéia, escritor e intelectual do século XIX, no campo educacional brasileiro. Pretende, assim, traçar considerações a respeito da relevância e alcance da obra no seu diálogo com a produção do campo educacional ao longo dos anos. Colhendo leituras, imagens e apropriações de “O Ateneu”, o trabalho busca as formas de apropriação do romance e a possível constituição de uma memória a respeito da obra e da História da Educação no século XIX. Para tanto, será analisado um “corpus” selecionado de fontes escritas que tenham circulação no campo educacional brasileiro e que contenham referências a “O Ateneu”, permitindo, assim, uma avaliação daquilo que a obra representa na constituição e funcionamento do campo educacional.

De início, a proposta do trabalho era estudar, a partir do romance “O Ateneu”, as práticas escolares existentes nos internatos do século XIX brasileiro. Contudo, conforme o andamento das pesquisas, tal perspectiva se alterou. Constatou-se que o romance “O Ateneu” tem sido objeto de diversas análises e passou a ser referência constante em textos que circulam dentro do campo educacional, sobretudo nos últimos anos. Sendo assim, a pesquisa tomou outro rumo. Após os primeiros contatos com alguns trabalhos relativos à educação escolar no século XIX brasileiro, além de trabalhos em que o romance era objeto primário de estudo, passou-se a considerar a pesquisa sob outro ponto de vista.

A ideia passou a ser, ao invés de utilizar “O Ateneu” como fonte documental para estudar um período específico da educação no Brasil, utilizar os textos que se servem de “O Ateneu” para compreender melhor as razões da referência frequente ao romance, e de que modo essas articulações são feitas pelos autores que o citam. Assim, a pesquisa caminhou em outro sentido, procurando como fontes principais um “corpus” a ser selecionado de textos encontrados em diversos meios de circulação dentro do campo educacional, e que permitisse uma análise a respeito das diferentes formas de apropriação do romance nos mais recentes estudos educacionais.

A escolha da temática está relacionada com a consagração da obra e com suas diversas leituras que têm sido feitas nos estudos educacionais, possibilitando uma apreensão da memória construída sobre a educação no período.

De qualquer modo, uma análise prévia do romance, tendo em vista suas condições de produção e circulação se faz necessária, bem como uma atenção a questões teóricas e metodológicas que sirvam de embasamento para a realização do trabalho.

O escritor Raul Pompéia nasceu em 1863, em Angra dos Reis, e suicidou-se no Natal de 1895, na cidade do Rio de Janeiro. Bacharelou-se em Direito, participou de grandes debates públicos, contribuindo com crônicas na imprensa da época, exerceu alguns cargos públicos e foi militante em movimentos abolicionistas. De personalidade inquieta e angustiada, foi crítico contumaz da sociedade em que viveu e de instituições que conheceu, como o internato.

“O Ateneu – Crônica de Saudades” é considerada a obra-prima de Raul Pompéia. Publicado em 1888, o romance é uma recriação artística da educação nos internatos da época estruturada em uma sucessão de episódios conduzidos pelas lembranças de Sérgio, o narrador-personagem, que relata os seus dois anos de aluno de um colégio destinado à elite, o Ateneu, dirigido por Aristarco Argolo de Ramos.

O romance “O Ateneu” é uma das obras da Literatura Brasileira entre aquelas em que o tema principal é a Educação. O romance é recheado de relatos de práticas pedagógicas da época, não apenas denunciando as falhas do sistema educacional, como também estendendo críticas a comportamentos e valores de toda a sociedade.

Amplamente referido, citado e estudado desde sua publicação, o romance tornou-se um clássico da Literatura Brasileira, seja por seu valor estético, seja por sua popularização. Intensamente publicado, sobretudo após seu enquadramento em obra de domínio público na década de 1950, foi também objeto de diversas adaptações, não apenas literárias, como também no teatro, em histórias em quadrinhos, além de ter sido inspiração para uma telenovela nos anos 1970, como se verá mais adiante.

Quanto ao valor estético da obra, muitos são os críticos literários que o exaltaram ao longo dos anos, o que fortaleceu deveras o enquadramento do

romance como um clássico da literatura brasileira. Para Lêdo Ivo, “é o elemento poético, vibrante em toda a contextura sinfônica de O Ateneu, a substância que nutre a sua durabilidade e lhe realça a posição solitária no panorama de nossa ficção.”[1]

Sendo assim, o valor literário da obra advém também de seu estilo, pela presença de fortes elementos poéticos. Cristalizando-se como um clássico na Literatura nacional, o livro de Raul Pompéia passa a ser revisitado das mais diversas formas.

Italo Calvino, quando trata de obras clássicas, coloca, entre outras questões, que “um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer.”[2]

“O Ateneu” é um livro que se instalou no campo educacional brasileiro há décadas como um clássico, do qual há muito ainda que se dizer e o qual permite inúmeras leituras e apropriações. Para José Gonçalves Gondra, “este livro é considerado leitura escolar quase que obrigatória, posto que é tido como um dos romances mais geniais do século XIX”[3]

“O Ateneu” insere-se, então, entre os mais citados textos literários dos que abordam a temática da infância e educação, ao lado de obras como “Menino de Engenho” e “Doidinho”, de José Lins do Rego, “Conto de Escola”, de Machado de Assis, “Cazuza”, de Viriato Corrêa, “Infância”, de Graciliano Ramos, entre outras. De qualquer modo, a obra de Raul Pompéia destaca-se sobremaneira dentro do campo literário brasileiro.

Nesse sentido, tendo em vista sua grande repercussão no campo literário, há referências a “O Ateneu” em outros romances do século XX. A título de exemplo, podemos citar Leo Vaz, em sua obra “O Professor Jeremias”. Em um trecho em que o narrador-personagem trata de sua experiência de aluno em um internato, coloca:

> Não te farei o reconto de tudo quanto no colégio vi, ouvi, ou imaginei. Seria um outro livro dentro deste, com o defeito de já o ter escrito, com muito mais

---

[1] Lêdo IVO, *O universo poético de Raul Pompéia*, Rio de Janeiro: Livraria São José, 1963, p. 59.
[2] Italo CALVINO, *Por que ler os clássicos?*, São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 11.
[3] José Gonçalves GONDRA, *Arquivamento da vida escolar: um estudo sobre o Ateneu* in Diana Gonçalves VIDAL e Maria Cecília Cortez Christiano de SOUZA (orgs.), *A memória e a sombra: a escola brasileira entre o Império e a República,* Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 51.

> encanto e arte, Raul Pompéia. Se teimas em conhecer o meu colégio, abre o *Ateneu* e o encontrarás ali, com pequenas variantes[4]

Outra referência é encontrada nos últimos parágrafos de "O Menino de Engenho", de José Lins do Rego: "aquele Sérgio, de Raul Pompéia, entrava no internato de cabelos grandes e com uma alma de anjo cheirando a virgindade. Eu não: era sabendo de tudo, era adiantado nos anos, que ia atravessar as portas do meu colégio.[5]

Pedro Nava, em sua obra "Balão cativo", narra memórias de estudante, que, por vezes, se distanciam das narradas por Raul Pompéia. Ainda assim, o romance do século XIX é sempre referido no texto de Pedro Nava, até porque trata de uma temática semelhante: "tudo que ali se diz repetia-se tanto, tanto, mas tanto! no Internato que eu conheci – que o livro de Raul Pompéia indifere a datas e ficou retrato válido de quase noventa gerações (contadas do tempo provável daquelas 'memórias de saudade')"[6]

Interessante notar que, nos trechos citados de Pedro Nava e de Leo Vaz, a obra de Raul Pompéia aparece como uma obra chave na discussão sobre o que representa a vida em reclusão dentro de um internato. Se se torna referência obrigatória para os autores que vêm depois de Raul Pompéia, quando vão revisitar o tema, há fortes indícios da relevância de "O Ateneu" dentro do campo literário.

Considerando-se essa consagração da obra dentro desse campo, chamam atenção também as palavras do escritor Carlos Heitor Cony, em crônica publicada na Folha de São Paulo:

> Pompéia morreu cedo, escreveu uma obra prima. Creio que o maior personagem da literatura nacional não é Capitu, nem Macunaíma, nem Riobaldo, nem Brás Cubas. O professor Aristarco, copiado de um personagem da vida real, é de longe o personagem mais bem construído pela ficção brasileira. Paradoxalmente "O Ateneu", obra isolada, só pode ser comparada a outra obra isolada, "Os Sertões", de Euclides da Cunha[7]

De qualquer modo, é importante afirmar que o presente estudo se orientou a partir de alguns indícios. Se "O Ateneu" é amplamente referido e estudado dentro do campo literário, sua temática educacional pode indicar que o romance também seja referência importante dentro dos estudos educacionais.

---

[4] Leo VAZ, *O professor Jeremias*, Rio de Janeiro: Bom Texto, 2001, p. 55.
[5] José Lins do REGO, *Menino de engenho*, Rio de Janeiro: José Olympio, 2009, p. 149.
[6] Pedro NAVA, *Balão cativo – memórias 2*, Rio de Janeiro: José Olympio, 1973, p. 274.
[7] Carlos Heitor CONY, Da necessidade de ressuscitar os duelos, *Folha de São Paulo,* 17 ago. 2001, p. E24.

O historiador Carlo Ginzburg, em uma investigação teórica[8] sobre a atual situação das Ciências Humanas, descreve um novo paradigma, denominado paradigma indiciário, que se inicia no final do século XIX, e no qual se nota a tendência de, nos mais diversos campos de estudo, inferir causas a partir de seus efeitos, observando-se detalhes até então desprezíveis. No seu dizer, o paradigma indiciário tem a ver com a "capacidade de, a partir de dados aparentemente negligenciáveis, remontar a uma realidade complexa não experimentável diretamente."[9]

Assim, o exame a ser realizado no presente estudo parte de sinais que permitem supor a relevância da obra de Raul Pompéia também dentro do campo educacional. Ainda para Ginzburg, "se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la".[10]

Nesse sentido, buscam-se alguns modos de compreender o fenômeno educacional brasileiro por meio da presente análise, que se insere na perspectiva da História da Educação, por procurar fazer uma história das leituras de "O Ateneu" em estudos dentro do campo educacional brasileiro.

Justifica-se, então, o estudo dos modos de apropriação do romance no discurso educacional, tendo em vista o valor da obra, não apenas em seu aspecto estético e literário, como também em sua consagração e popularidade, sugerindo-se, talvez, um deslizamento de prestígio e de visibilidade ocorrido do campo literário ao campo educacional, visto que representaria algo de essencial do movimento histórico-educacional a que se refere e do tempo da sua escrita.

Ainda que o presente trabalho não tenha por intenção principal a análise do texto literário em si, mas sim de suas repercussões nos diálogos com os trabalhos educacionais, cumpre dizer que, segundo Dislane Zerbinatti Moraes: "a literatura se abre para o imaginário, mantendo, não obstante, íntima relação com a experiência vivida. O real ficcionalizado representa tanto o mundo das possibilidades quanto a consciência das diferenças e particularidades, das identidades e alteridades."[11]

---

[8] cf. Carlo GINZBURG, *Sinais – Raízes de um paradigma indiciário* in Carlo GINZBURG, *Mitos, emblemas e sinais*, São Paulo: Companhia das Letras, 1996, passim.
[9] ibid., p. 152.
[10] ibid., p. 177.
[11] Dislane Zerbinatti MORAES, *Ficções, memórias e culturas da escola: a escrita de "si", dos "outros" e da história da profissão docente* in Maria da Conceição PASSEGI & Tatyana Mabel Nobre BARBOSA (orgs.), *Narrativas de formação e saberes biográficos*,São Paulo: Paulus, 2008, p. 214.

A literatura, sendo terreno rico em possibilidades e interpretações, serve não apenas de ilustração, mas de recurso consistente para análise das ideias e discursos educacionais. Ainda segundo Dislane Zerbinatti Moraes: “as fontes literárias refratam e refletem os modos de conceber as questões educacionais em cada época histórica, além de darem pistas sobre quais agentes sociais se mobilizaram no debate.”[12]

Para Eliane Marta Teixeira Lopes, a literatura “pode oferecer uma chave instigante, levantar algum dado desprezado pela historiografia corrente que se vale apenas de documentos oficiais”[13]

O que se pode depreender, então, é que a literatura abre novos caminhos para as investigações educacionais, sobretudo as de caráter historiográfico. Nas palavras de Nicolau Sevcenko: “todo escritor possui uma espécie de liberdade condicional de criação, uma vez que os seus temas, motivos, valores, normas ou revoltas são fornecidos ou sugeridos pela sua sociedade e seu tempo – e é destes que eles falam”.[14]

Há que se considerar a literatura como produto de uma realidade social, e também reveladora de dimensões dessa realidade. Revelações essas que, embora ultrapassem limites do real e entrem no terreno da fantasia e da possibilidade, frequentemente traduzem testemunhos, valores e tensões sociais contidas no âmbito da realidade. Isso ocorre também pelo fato de o discurso literário ser uma forma bastante livre de linguagem, que se expõe inteiramente. [15]

A questão colocada sobre até que ponto um texto literário pode servir de fonte documental dentro de um estudo historiográfico tem sido debatida já há algumas décadas. De todo modo, a utilização do texto literário dentro dos estudos histórico-educacionais ganhou força. Em variadas pesquisas, propõe-se uma atenção maior às fontes ficcionais, inclusive por abrirem em muitos casos um maior leque de possibilidades de leitura de um passado. Ainda segundo Sevcenko: “a literatura, portanto, fala ao historiador sobre a história que não ocorreu, sobre as

---

[12] Dislane Zerbinatti MORAES, *Ficções, memórias e culturas da escola: a escrita de "si", dos "outros" e da história da profissão docente*, p. 218.
[13] Eliane Marta Teixeira LOPES, História da Educação e Literatura: algumas ideias e notas, *Educação em revista*, Belo Horizonte, n. 27, 1998, p. 40.
[14] Nicolau SEVCENKO, *Literatura como missão,* São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 29.
[15] cf. Nicolau SEVCENKO, op. cit., p. 28-31.

possibilidades que não vingaram, sobre os planos que não se concretizaram. Ela é o testemunho triste, porém sublime, dos homens que foram vencidos pelos fatos."[16]

Em estudo sobre as possibilidades da utilização da literatura na História da infância, Maria Cristina Soares de Gouvêa atenta para o seguinte fato: "no campo historiográfico, o uso da literatura vem sendo afirmado em vários estudos sobre a infância. Vem-se produzindo um expressivo conjunto de obras que tomam a literatura como fonte privilegiada, quer em estudos brasileiros quer estrangeiros."[17]

A autora prossegue dizendo que o compromisso da literatura é

> com a verossimilhança, e sua estrutura textual, sua força argumentativa, estrutura-se de forma a construir uma realidade que seja coerente para o leitor, que não busca na leitura literária um encontro com a verdade e o real, mas uma experiência estética de encontro com uma realidade possível.[18]

Portanto, não se deve tomar o texto literário como espelho da realidade, mas também não se podem negar as possibilidades que ele engendra em uma tentativa de análise histórico-social. Ainda para a mesma autora:

> A literatura, entendida como prática simbólica, configura-se como a formulação de uma outra realidade que, embora tenha como referente constante o real no qual autor e leitor se inserem, guarda com a realidade uma relação não de transparência, mas de opacidade própria da reconstrução.[19]

Justifica-se, portanto, um olhar atento às fontes literárias e aos usos que delas têm sido feitos nos estudos educacionais, até pelo fato de estas utilizações se intensificarem após as inovações teórico-metodológicas das últimas décadas. Consequentemente, o romance "O Ateneu" pôde ter abertas suas páginas com maior facilidade para que fossem lidas, relidas, desvendadas e reconstruídas pelos estudiosos das questões educacionais, e, sobretudo, da História da Educação.

Em estudo publicado em 1999 a respeito da obra "O Ateneu", fazendo um diálogo com a História da Educação no Império, José Gonçalves Gondra traz algumas questões que nos sugerem orientações para o presente estudo. Para Gondra, o livro de Pompéia:

> colabora para construir uma visão negativada da escola do final do século XIX no Brasil. Ao exibir o mundo privado do internato, Raul Pompéia

---

[16] Nicolau SEVCENKO, *Literatura como missão,* p. 30.
[17] Maria Cristina Soares de GOUVÊA, *A literatura como fonte para a história da infância: possibilidade e limites* in Alberto LOPES, Luciano Mendes de FARIA FILHO e Rogério FERNANDES (orgs.), *Para a compreensão histórica da infância*, Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 22.
[18] ibid., p. 23.
[19] ibid., loc. cit..

> colabora para reforçar uma interpretação recorrente na historiografia da educação brasileira que identifica, e produz, uma espécie de 'vazio' no que se refere ao processo de escolarização deste período, caracterizado tanto pela ausência de iniciativas nesta área, como pela qualidade negativa das experiências escolares efetivadas nesse período.[20]

Tal "visão negativada" da educação no Império poderia estar relacionada de alguma forma com uma imagem que predomina nos estudos educacionais a partir dos anos 1930 e 1940, e que se reforça especialmente após o lançamento de "A cultura brasileira", extensa obra de Fernando de Azevedo que representa um marco na produção intelectual brasileira do século XX, por seu amplo alcance dentro da área. Na terceira parte da obra, "A transmissão da cultura", Fernando de Azevedo faz um amplo panorama da História da Educação no Brasil. Sobre o século XIX, afirma:

> A educação teria de arrastar-se, através de todo o século XIX, inorganizada, anárquica, incessantemente desagregada. Entre o ensino primário e o secundário não há pontes ou articulações: são dois mundos que se orientam cada um na sua direção. As escolas de primeiras letras, como as instituições de ensino médio, em geral ancoradas na rotina.[21]

Para Fernando de Azevedo, destacava-se no período monárquico brasileiro, em relação às políticas, "o caráter esporádico das medidas, tímidas, fragmentárias, inoperantes, instituídas um pouco à aventura, sem qualquer plano de conjunto, e a extrema lentidão no desenvolvimento da educação popular e do ensino técnico."[22]

A esse respeito, o seguinte excerto de Marta Maria Chagas de Carvalho é esclarecedor, por colocar em questionamento o ponto de vista de Fernando de Azevedo, afirmando o "apagamento operado no âmbito mais geral dos discursos com que os vencedores de 1930 e seus colaboradores passaram a legitimar a nova ordem política, constituindo-a como ruptura que instaura o 'novo', reservando para o 'velho' a lata de lixo do esquecimento."[23]

Mais adiante, a autora faz análise crítica em relação à obra de Fernando de Azevedo. Conforme a autora, "construindo sua narrativa pela montagem de uma polarização entre o 'novo' e o 'velho', o discurso de Azevedo produz um relato

---

[20] José Gonçalves GONDRA, *Arquivamento da vida escolar: um estudo sobre o Ateneu,* p. 34 in Diana Gonçalves VIDAL e Maria Cecília Cortez Christiano de SOUZA (orgs.). *A memória e a sombra*: *a escola brasileira entre o Império e a República*, Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
[21] Fernando de AZEVEDO, *A transmissão da cultura: terceira parte de A cultura brasileira*, Brasília: Melhoramentos, 1976, p. 76.
[22] ibid., p. 94.
[23] Marta Maria Chagas de CARVALHO, Escola, memória, historiografia: a produção do vazio, *São Paulo em perspectiva*, São Paulo, v. 7, n. 1, 1993, p. 11.

apologético dos acontecimentos que teriam tido ‘o seu ponto culminante no golpe de Estado e na Constituição de 1937’”[24]

Ou seja, para ressaltar as transformações ocorridas no Estado Novo, havia que se recusar ou relativizar as contribuições anteriores, muito ligadas ao “velho”. Ainda para a mesma autora, em outro estudo, afirma-se que “A distribuição dos ‘fatos’ relatados por séries marcadas diferencialmente pela rubricas ‘novo’ e ‘velho’ é operação suficiente para amalgamar iniciativas díspares, constituindo-se seja como ‘renovadoras’, seja como ‘tradicionalistas’”[25]

Assim, uma importante questão que deve ser levada em conta neste trabalho é investigar até que ponto a leitura e apropriação de “O Ateneu” contribuiriam para reforçar uma imagem negativa da educação oitocentista.

Os objetivos da presente investigação são, portanto, compreender o processo de consagração da obra “O Ateneu” dentro do campo educacional brasileiro e levantar elementos que expliquem a transformação da obra em uma memória histórica da educação no Império. Além disso, busca-se identificar ou levantar hipóteses sobre processos de apropriação do romance em discussões sobre o fenômeno educacional como um todo, por meio da análise do “corpus” selecionado.

Em primeiro lugar, faz-se necessária uma breve análise do romance, partindo dos sentimentos e emoções que o narrador-personagem deixa transparecer, de reflexões sobre o espaço-escola do Ateneu, tentando, inclusive, estabelecer pontos de contato com o contexto educacional da época. Outra análise necessária diz respeito às condições de produção e circulação da obra. Ao mesmo tempo, uma retrospectiva da repercussão crítica do romance deve ser feita para que se obtenha com maior solidez a relevância de autor e obra no contexto cultural do período.

Paralelamente, procuram-se analisar as repercussões do romance no campo educacional ao longo dos anos. Para tanto, será útil o referencial teórico proposto por Pierre Bourdieu, especialmente em relação ao conceito de “campo”, para que se possa delimitar com maior clareza o que deve ser considerado o “campo educacional”, e também para que a análise das leituras tome por base o espaço em que elas se inserem.

---

[24] Marta Maria Chagas de CARVALHO, *Escola, memória, historiografia: a produção do vazio*, p. 13.
[25] idem, O velho, o novo, o perigoso: relendo “A cultura brasileira”, *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 71, 1989, p. 31.

Sobre o conceito de “campo”, pode-se dizer que são espaços relativamente autônomos, compostos por agentes e instituições, que estão em posições determinadas, em constante luta para se manterem nessas posições, ou então para transformá-las.[26] Para Bourdieu:

> descrevo o espaço social global como um *campo*, isto é, ao mesmo tempo, como um campo de forças, cuja necessidade se impõe aos agentes que nele se encontram envolvidos, e como um campo de lutas, no interior do qual os agentes se enfrentam, com meios e fins diferenciados conforme sua posição na estrutura do campo de forças, contribuindo assim para a conservação ou a transformação de sua estrutura.[27]

Bourdieu considera também a existência de vários campos que se relacionam entre si, e em que atuam os agentes e instituições, como o campo cultural, o campo literário, entre outros.

No caso em questão, procura-se estabelecer uma delimitação do que seria considerado o “campo educacional”, tendo em vista a perspectiva de análise sociológica de Bourdieu. Um espaço, então, em que atuam agentes e instituições específicas, que tenham, em sua atuação, alguma relação com o fenômeno educacional.

Denice Bárbara Catani realizou importantes contribuições na delimitação do campo educacional, no caso brasileiro. Alguns de seus estudos procuraram objetos e fontes até então negligenciados pela maioria dos pesquisadores, mas que serviriam de base para uma apreensão mais consistente do campo, como em seus exames dos periódicos educacionais. No seu dizer, a respeito do campo educacional brasileiro:

> Se se quer saber mais sobre os modos de funcionamento desse campo é necessário deter-se em instâncias nem sempre muito investigadas e procurar conhecer como agem os indivíduos nesse espaço e em função de suas posições. Desse modo, revistas de ensino, atuação de professores na organização da categoria profissional, produção de textos de celebração e instaurações de memórias modelares são fontes, configurações e questões vitais na perspectiva aqui anunciada, mas há pouco não se poderia dizer que fossem consideradas objetos legítimos.[28]

Em outro estudo, Denice Bárbara Catani afirma que analisar o campo educacional é estudar:

---

[26] cf. Pierre BOURDIEU, *Os usos sociais da ciência*, São Paulo: Unesp, 2003, p. 20-21

[27] Pierre BOURDIEU, *O novo capital* in Pierre BOURDIEU, *Razões práticas: sobre a teoria da ação*, Campinas: Papirus, 1996, p. 50.

[28] Denice Barbara CATANI, *Ensaios sobre a produção e circulação dos saberes pedagógicos*, São Paulo: USP, 1994 (tese de livre-docência), p. 3.

> o espaço que inclui a vida e os interesses de grupos profissionais, a elaboração e difusão de trabalhos que visam ao estabelecimento de formas legítimas de tratamento para as questões de âmbito educativo, as instituições escolares e os mecanismos criados para manter o campo delimitado em atividade.[29]

Tendo em vista a necessidade da constituição de um "corpus" que trate dos modos de funcionamento do campo educacional brasileiro, podem-se selecionar, portanto, textos produzidos por agentes do campo, ou então que tenham circulação significativa dentro dele.

Denice Bárbara Catani, em muitas de suas investigações, inclusive, utiliza-se de textos publicados em periódicos educacionais. Em uma apresentação de um livro por ela organizado juntamente com Maria Helena Câmara Bastos, pontua-se que a imprensa educacional:

> torna-se um guia prático do cotidiano educacional e escolar, permitindo ao pesquisador estudar o pensamento pedagógico de um determinado setor ou de um grupo social a partir da análise do discurso veiculado e da ressonância dos temas debatidos, dentro e fora do universo escolar.[30]

Ainda no caso brasileiro, outro estudo cuja opção metodológica também se volta a diferentes objetos que servem na apreensão de práticas e saberes dentro do campo é o de Vivian Batista da Silva, em seus trabalhos sobre "manuais" pedagógicos, textos usados na formação de professores. A intenção da pesquisadora era, segundo suas palavras:

> conhecer alguns dos modos pelos quais se constitui a cultura profissional do professorado, ou seja, um amplo conjunto de práticas, dentre as quais estão as tarefas cotidianas na sala de aula, a convivência com os alunos, a conversa cotidiana com os colegas, a partilha de uma identidade comum, a integração de experiências pessoais às atividades de trabalho, bem como a assimilação, durante a formação inicial, de valores, competências, crenças, hábitos e conhecimentos que buscam instaurar modalidades de interpretação e ação junto às situações de ensino.[31]

Assim, o estudo dos manuais pedagógicos assume um importante significado, já que, segundo a autora, são textos cuja leitura e análise contribuem para uma compreensão dos saberes difundidos dentro do campo educacional, dentro do grupo de educadores, tendo em vista que os manuais "participaram da produção e

---

[29] Denice Barbara CATANI, *Educadores à meia-luz: um estudo sobre a Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo (1902-1918),* Bragança Paulista: EDUSF, 2003, p. 9.

[30] Denice Barbara CATANI e Maria Helena Camara BASTOS (orgs.), *Educação em Revista: a imprensa periódica e a História da Educação*, São Paulo: Escrituras, 1997, p. 5.

[31] Vivian Batista da SILVA, *História de leituras para professores: um estudo da produção e circulação de saberes especializados nos "manuais pedagógicos" brasileiros (1930-1971),* São Paulo: USP, 2001, p. 5.

circulação de saberes no espaço desse grupo enquanto livros escritos para darem conta do ensino de disciplinas profissionalizantes dos currículos das escolas normais."[32]

Para a constituição do "corpus" do presente trabalho, foram realizados inicialmente levantamentos de obras de cunho acadêmico, como teses, dissertações e também artigos encontrados em periódicos que pudessem ser considerados como fazendo parte do campo educacional. Em seguida, passou-se a um levantamento de textos variados destinados à formação de professores e manuais pedagógicos que tivessem alguma referência a "O Ateneu".

A seleção do "corpus" obedeceu, portanto, em primeiro lugar a um critério que levasse em conta a contribuição da utilização da obra "O Ateneu" em um debate sobre educação, seja no âmbito da História de Educação, seja no âmbito da Filosofia da Educação, ou mesmo no de Didática e Práticas de Ensino.

Ainda que não tenha a intenção de esgotar todas as referências feitas ao romance em todas as publicações dentro do campo educacional brasileiro, o que seria fora do alcance neste momento, a presente investigação busca um panorama das leituras e apropriações da obra de Raul Pompéia em um período determinado.

O levantamento de teses e dissertações foi feito em pesquisas nas bibliotecas da Universidade de São Paulo e da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, além de alguns portais existentes na Internet, como o Portal da CAPES. Já o levantamento de textos de revistas e periódicos foi realizado dentro da biblioteca da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

As coleções de periódicos consultadas foram as seguintes: Revista Brasileira de História da Educação, Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Cadernos de História da Educação da Universidade Federal de Uberlândia, Cadernos de Educação da Universidade Federal de Pelotas, Cadernos Cedes e Cadernos de Pesquisa.

Além disso, foram feitas através de portais na Internet, como o "Scielo", outras pesquisas de artigos. Por meio de notas encontradas com alguma frequência em alguns dos estudos sobre o texto de Raul Pompéia, outros textos que pudessem

---

[32] Vivian Batista da SILVA, *História de leituras para professores: um estudo da produção e circulação de saberes especializados nos "manuais pedagógicos" brasileiros (1930-1971),* p. 223.

contribuir na expansão do “corpus”, tendo em vista a finalidade do presente trabalho, também tiveram sua seleção.

Importa atentar para o critério de amplitude temporal obedecido. Buscaram-se somente textos publicados após o ano de 1988. Este marco foi selecionado por se tratar de um ano em que os estudos a respeito de “O Ateneu” foram revisitados por diversos autores, já que foi o ano de centenário da publicação da obra. Além do que, estender a análise para um período maior inviabilizaria a pesquisa, por se tratar de um espaço de estudo muito amplo. Delimitou-se, portanto, uma pesquisa de textos que se referissem e se apropriassem de “O Ateneu” no decorrer dos últimos 25 anos, ou seja, de 1988 a 2013.

A escolha do ano de 1988, como já se disse, está relacionada a uma retomada do livro, que passou a ter uma maior repercussão no âmbito acadêmico. Sintomático é o livro comemorativo organizado por Leyla Perrone-Moisés “Ateneu: retórica e paixão”, publicado pela Editora Brasiliense. Para se entender o valor dessa obra, que revisitou o romance sob diversos ângulos, é interessante mencionar uma crítica de Luiz Roncari feita logo na época de sua publicação:

> É uma contribuição que já se integra e passa a fazer parte do acervo de escritos recomendáveis a todo leitor que pretenda ter um contato mais profundo com o romance. A quantidade de ângulos novos que seus autores abrem para a aproximação do texto de Raul Pompéia e os procedimentos de pesquisa bem cuidados que seguem são seus pontos mais importantes.[33]

Para delimitação do “corpus” do presente trabalho foram selecionados, portanto, 42 textos encontrados entre teses, dissertações, trabalhos acadêmicos, artigos, manuais pedagógicos, textos para formação de professores, bem como demais textos de circulação no âmbito do campo educacional.

Quaisquer que fossem os textos selecionados para compor o “corpus”, não há como descartar, em primeiro lugar, as ressalvas do teórico Pierre Bourdieu: “para compreender uma produção cultural (literatura, ciência etc.) não basta referir-se ao conteúdo textual dessa produção, tampouco referir-se ao contexto social contentando-se em estabelecer uma relação direta entre o texto e o contexto.”[34]

---

[33] Luiz RONCARI, Romance de formação brasileiro faz cem anos, *Folha de São Paulo*, 19 nov. 1988, p. H1.
[34] Pierre BOURDIEU, *Os usos sociais da ciência*, p. 20.

Por isso, uma análise do “corpus” considerado não poderia simplesmente relacionar seus conteúdos com o contexto social, sem que se faça uma relação com o campo educacional, espaço intermediário em que essas obras se inserem.

Além disso, a busca por leituras e apropriações da obra tem por base uma ideia de trazer à tona reminiscências de discursos educacionais que não se fazem por vezes muito visíveis.

Ao se buscar as apropriações que são ou foram feitas a partir da leitura de “O Ateneu”, deve-se também estar atento às considerações feitas por Roger Chartier, em seus estudos teóricos sobre História e práticas de leitura, nos quais ele afirma que “a apropriação, tal como a entendemos, tem por objetivo uma história social das interpretações, remetidas para as suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais) e inscritas nas práticas específicas que as produzem.”[35]

Sendo assim, torna-se relevante uma análise que leve em consideração as operações de sentido produzidas pelos leitores e produtores de textos que façam referência à obra “O Ateneu”. Uma análise que procure apreender de que modo a obra de Raul Pompéia contribuiu e ainda contribui na elaboração de discursos educacionais, levando em conta isoladamente cada contexto de produção.

Ainda para Chartier:

> No ponto de articulação entre o mundo do texto e o mundo do sujeito coloca-se necessariamente uma teoria da leitura capaz de compreender a apropriação dos discursos, isto é, a maneira como estes afetam o leitor e o conduzem a uma nova norma de compreensão de si próprio e do mundo.[36]

Portanto, o estudo será feito considerando o quanto as práticas de leitura realizadas em torno da obra, bem como a circulação de ideias e saberes nela inseridos auxiliam na produção de novos escritos dentro do campo educacional.

Para Michel de Certeau, em excerto esclarecedor a respeito da atividade da leitura e interpretação:

> a atividade leitora apresenta, ao contrário, todos os traços de uma produção silenciosa: flutuação através da página, metamorfose do texto pelo olho que viaja, improvisação e expectação de significados induzidos de certas palavras, intersecções de espaços escritos, dança efêmera. Mas incapaz de fazer um estoque (salvo se escreve ou ‘registra’), o leitor não se garante contra o gasto do tempo (ele se esquece lendo e esquece o que já leu) a

---

[35] Roger CHARTIER, *A História Cultural: entre práticas e representações,* Lisboa: Difel, 1990, p. 26.
[36] ibid., p. 24.

> não ser pela compra do objeto (livro, imagem) que é apenas o *ersatz* (o resíduo ou a promessa) de instantes 'perdidos' na leitura. Ele insinua as astúcias do prazer e de uma reapropriação no texto do outro: aí vai caçar, ali é transportado, ali se faz plural como os ruídos do corpo. Astúcia, metáfora, combinatória, esta produção é igualmente uma 'invenção' de memória. Faz das palavras as soluções de histórias mudas. O legível se transforma em memorável: Barthes lê Proust no texto de Stendhal; o espectador lê a paisagem de sua infância na reportagem de atualidades. A fina película do escrito se torna um remover de camadas, um jogo de espaços. Um mundo diferente (o do leitor) se introduz no lugar do autor.[37]

Ou seja, para que se faça uma análise mais adequada dos textos selecionados há que se considerar o modo de produção e circulação desses textos dentro do campo em que se inserem, seus diálogos com o que foi escrito anteriormente, entre outras possibilidades de relações intertextuais. Daí que o "escrito" se torna um "remover de camadas".

Sendo uma das intenções do presente trabalho a de se apreender uma noção de memória que tenha sido produzida (ou "inventada", segundo Certeau) a partir do romance "O Ateneu", cumpre lembrar que, segundo Denice Bárbara Catani, partindo das reflexões de Pierre Nora:

> memória é a vida, sempre produzida pelos grupos que vivem e sob esse aspecto, está em evolução permanente, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todas as utilizações e manipulações, suscetível de longas latências e frequentes reutilizações.[38]

Enfim, partindo das problemáticas relacionadas à construção de memórias e processos de apropriação, busca-se uma apreensão do significado e alcance do romance no campo educacional ao longo dos anos, permitindo uma compreensão de questões relativas ao funcionamento do campo e ao fenômeno educacional como um todo, sob um ponto de vista que leve em conta o processo histórico.

O presente trabalho situa-se, portanto, nos estudos de História da Educação e Historiografia. Neste sentido, em primeiro lugar, cumpre observar que, nas palavras de Miriam Warde:

> a História da Educação não se instituiu a partir do movimento interno da História e não foi a ele incorporada. A gênese e o desenvolvimento da História da Educação estão no campo da Educação, do qual ela foi convertida em enfoque, em abordagem. Assim, efetivamente, a História da

---

[37] Michel de CERTEAU, *A invenção do cotidiano: artes de fazer*, Petrópolis: Vozes, 1994, p. 49.
[38] Denice Barbara CATANI, A memória como questão no campo da produção educacional: uma reflexão*, Revista História da Educação,* Porto Alegre, n. 4, 1998, p. 122.

> Educação não se configura uma especialização temática da História, mas, sim, uma ciência da educação ou uma ciência auxiliar da educação.[39]

Ou seja, fazer um trabalho de pesquisa na área de História da Educação implica em buscar reconhecer o valor das mais recentes contribuições encontradas nesse campo de estudo, tendo em vista a noção de que o campo da História da Educação tem sua própria autonomia, seus objetos de estudo e interesses especificados no decorrer dos anos.

Dentro dos estudos na área de educação, os de caráter historiográfico têm se desenvolvido sobremaneira, sendo que seus objetos e métodos continuam passando por uma renovação constante.

Nesse sentido, são importantes as contribuições de Antonio Viñao, no que diz respeito a uma constatação da atuação dos estudiosos de História da Educação recentemente: "vem-se prestando maior atenção, nos últimos anos, à história do currículo, não já prescrito, mas vivido, à história da realidade e práticas escolares, do cotidiano, das culturas escolares, das reformas educativas em sua aplicação prática e da profissão e prática docente."[40]

Ainda nesse mesmo sentido, cumpre citar Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas: "a produção no campo da história da educação, em diversos estados e programas de pós-graduação, muito tem se beneficiado dos estudos sobre cultura escolar, profissão docente e práticas educativas, não apenas sobre o século XX, mas também sobre o século XIX."[41]

Hoje, pode-se dizer, então, que os trabalhos em História da Educação devem levar em conta, portanto, uma análise interna da escola, através de um estudo que considere as práticas culturais, e que não fique restrito a visões estáticas e generalizantes, muitas vezes subordinadas a estudos de legislação e documentos oficiais.

Segundo Dominique Julia, "para evitar a ilusão de um total poder da escola, convém voltar ao funcionamento interno dela. Sem querer em nenhum momento

---

[39] Mirian Jorge WARDE, Contribuições da História para a Educação, *Em aberto*, Brasília, n. 47, 1990, p. 8.

[40] Antonio VIÑAO, *Relatos e relações autobiográficas de professores e mestres* in Maria Cristina MENEZES (org.), *Educação, memória, História: possibilidades, leituras,* Campinas: Mercado de letras, 2004, p. 335.

[41] Anamaria Gonçalves Bueno de FREITAS, *Cultura escolar, práticas educacionais e profissão docente,* in Maria Elisabeth Blanch MIGUEL et Rosa Lydia Teixeira CORRÊA (orgs.), *A educação escolar em perspectiva histórica*, Campinas: Autores associados, 2005, p. 74.

negar as contribuições fornecidas pelas problemáticas da história do ensino, estas têm-se revelado demasiado 'externalistas'"[42]

Ou seja, é importante que os estudos educacionais, e entre eles os historiográficos, tenham em vista essa problemática. Para tanto, o conceito de cultura escolar se faz necessário. Ainda para Dominique Julia:

> poder-se-ia descrever a cultura escolar como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas[43]

Enfim, estudar a escola e as problemáticas relacionadas ao espaço escolar implica adentrar na cultura em que esse espaço se desenvolveu, a cultura escolar. Para José Mário Pires Azanha:

> descrever a escola [...] Não se trata, simplesmente, de caracterizar os protagonistas que atuam no espaço escolar e relacioná-los a condições sociais, políticas e econômicas, procedimento que poderia sugerir relações de causa e efeito que, muitas vezes, implicam pressupostos obscuros e simplistas. O que interessa é descrever as 'práticas escolares' e os seus correlatos[44]

Ainda para Azanha:

> Esse esforço só será possível por meio de um amplo conjunto de investigações (multi e interdisciplinares) capazes de cobrir o amplo espectro das manifestações culturais que ocorrem no ambiente escolar e que se objetivam em determinadas práticas. Esses estudos deveriam não apenas descrever essas práticas num certo momento como também identificar e deslindar os processos de sua formação, transformação e permanência. Do conjunto desses estudos, cujo propósito seria um 'mapeamento cultural da escola', teríamos a possibilidade de chegar a hipóteses interessantes sobre a crise educacional em sua dimensão histórico-social.[45]

José Gonçalves Gondra e Alessandra Schueler, ao buscarem fazer um panorama da História da Educação no Império Brasileiro, estudaram, entre outros, um internato para meninos cegos. De acordo com a legislação da época, esse internato seria apenas destinado a meninos, mas outras fontes indicaram conclusão diversa:

> Reconhecer a presença de meninas se constitui em um pequeno detalhe que fortalece o princípio de que não devemos nos contentar com a verdade de uma única fonte, posto que, neste caso, a confiar exclusivamente no

---

[42] Dominique JULIA, A cultura escolar como objeto histórico, *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, n. 1, 2001, p. 12.
[43] ibid., p. 10.
[44] José Mario Pires AZANHA, Cultura escolar brasileira: um programa de pesquisa, *Cadernos de História e Filosofia da Educação*, São Paulo, v. 5, n. 7, 2002, p. 69.
[45] ibid., p. 70.

> Regulamento de 1854, ficaríamos com a ilusão de que o Imperial Instituto dos Meninos Cegos teria funcionado como um internato masculino.[46]

Sendo assim, não se pode pensar em reconstruir historicamente a educação de um período sem levar em conta múltiplos questionamentos e múltiplos objetos. Olhar o ensino apenas tendo em vista seu aspecto institucional ou ideológico se não empobrece a pesquisa, torna-a pouco inovadora.

Por outro lado, faz-se necessário ressaltar que tal tentativa de estudo sempre esbarra em obstáculos metodológicos, e, sobretudo, de falta de fontes adequadas. Para Dominque Julia:

> Convém, pelo contrário, a cada vez, recontextualizar as fontes das quais podemos dispor, estar conscientes de que a grande inércia que percebemos em um nível global pode estar acompanhada de mudanças muito pequenas que insensivelmente transformam o interior do sistema; convém ainda não nos deixarmos enganar inteiramente pelas fontes, mais frequentemente normativas, que lemos. A história das práticas culturais é, com efeito, a mais difícil de se reconstruir porque ela não deixa traço.[47]

Tendo em vista tais obstáculos, cumpre mencionar que o trabalho do historiador deve levar em consideração todas as reminiscências encontradas sobre o período, buscando trabalhar com fontes das mais variadas. Entre elas, podem-se situar os textos literários, as memórias, as autobiografias, os relatos pessoais, os documentos ligados a práticas de sala de aula (como exercícios feitos por alunos), entre outros.

A respeito do exame das fontes feito pelo historiador, Carlo Ginzburg observa que “o fato de uma fonte não ser ‘objetiva’ (nem mesmo um inventário é ‘objetivo’) não significa que seja inutilizável.”[48]

Qualquer análise de fontes, ainda que seja de relatos sobrecarregados de subjetividade, como os literários, deve buscar uma contextualização, situando a obra de modo a criar um distanciamento necessário aos olhos do observador. Segundo Pierre Bourdieu, “situar a leitura e o texto lido numa história da produção e da transmissão culturais significa ter uma possibilidade de controlar não só a relação do leitor com o seu objeto, mas também a relação com o objeto que foi investido nesse objeto.”[49]

---

[46] José Gonçalves GONDRA e Alessandra SCHUELER, *Educação, Poder e Sociedade no Império Brasileiro*, São Paulo: Cortez, 2008, p.102.
[47] Dominique JULIA, *A cultura escolar como objeto histórico*, p. 15.
[48] Carlo GINZBURG, *O queijo e os vermes*, São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 16.
[49] Pierre BOURDIEU, *Leitura, leitores, letrados, literatura* in Pierre BOURDIEU, *Coisas ditas,* São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 142.

Toda obra é fruto de seu tempo, e, portanto, carregada de referências culturais e sociais, implícitas ou explícitas, que precisam ser elucidadas, por meio do trabalho do historiador. Assim, ainda nas palavras de Bourdieu:

> A cultura letrada, erudita, define-se pela referência; ela consiste no permanente jogo de referências que dizem respeito mutuamente umas às outras; ela não é nada mais do que esse universo de referências que são indissoluvelmente diferenças e reverências, distanciamentos e atenções.[50]

Ao se fazer um recorte no caso dos estudos de História da Educação no Brasil, mais especificamente relativos ao período do Império, certamente encontram-se questionamentos acerca das possibilidades de se buscar uma memória da educação que tenha se constituído sob o ponto de vista internalista e das práticas culturais.

Para tanto, os trabalhos mais recentes apontam alternativas viáveis, como é o caso dos estudos de José Gonçalves Gondra e Alessandra Schueler, por exemplo. Em sua síntese sobre História da Educação no Império[51], nota-se uma preocupação em se pensar o período em sua totalidade, buscando descrever a multiplicidade de práticas educacionais, e de agentes e instituições ligados à educação, olhando sob um ponto de vista internalista.

Estado, Igreja e sociedade civil atuaram simultaneamente na educação formal e informal, criando variadas instâncias de relações entre educadores e educandos. Os autores constatam que:

> No Brasil, ao observar a capilarização do modelo escolar ao longo do século XIX, fica perceptível a adesão do Estado, da Igreja e da sociedade civil a esta forma de interferir no curso da vida e no funcionamento geral da sociedade. Adesão que implicou um investimento na construção de uma malha escolar diferenciada, acionada e voltada para públicos específicos.[52]

Tal heterogeneidade e especificidade na análise contrastam, portanto, com perspectivas globalizantes e homogeneizantes recorrentes em estudos conhecidos sobre o século XIX, permitindo olhares novos sobre as fontes e novas fontes a serem olhadas. Ainda para Gondra e Schueler:

> Investigar as forças educativas oriundas da iniciativa da sociedade significa seguir as trajetórias de indivíduos e grupos, buscando mapear suas ideias, tradições, comportamentos e formas de organização, de modo que seja

---

[50] Pierre BOURDIEU, *Leitura, leitores, letrados, literatura*, p. 144.
[51] cf. José Gonçalves GONDRA e Alessandra SCHUELER, *Educação, Poder e Sociedade no Império Brasileiro,* passim.
[52] ibid., p. 82.

> possível caracterizar e compreender seus esforços de reunião e de afirmação de identidades em determinados momentos históricos.[53]

Entre os inúmeros modelos escolares existentes, chama atenção a difusão do ensino em internatos, forma escolar que separa radicalmente o indivíduo do convívio social para tentar prepará-lo melhor à vida, de acordo com as teorias em voga na época.

Se muitos internatos foram destinados a crianças abandonadas, deficientes físicos ou dependentes químicos, houve também experiências de colégios destinados à elite que seguiram esse modelo. Para José Gonçalves Gondra e Alessandra Schueler, esses estabelecimentos de ensino secundário merecem atenção, sobretudo porque:

> Algumas das experiências relativas aos internatos frequentados por meninos da elite foram imortalizadas nos chamados romances de formação de traço autobiográfico. [...] Se a produção de uma memória sobre internatos vem sendo feita com base nos relatórios de viajantes, fotografias, regulamentos, manuais de higiene, ela também vem sendo construída pelos romances de internato[54]

Um dos “romances de internato” mais célebres é “O Ateneu” de Raul Pompéia.

Contudo, se o texto de Raul Pompéia pode ser utilizado como fonte para uma análise de um período educacional determinado, como se observa, também serve de base para muitas outras discussões dentro do campo educacional.

Afinal, por meio da leitura de “O Ateneu”, pode-se discutir não apenas a educação nos colégios internos do Império, mas todo um modelo educacional e uma visão sobre ensino.

Reside aí o interesse de se voltar os olhos a um texto já amplamente analisado e discutido, seja no âmbito da crítica literária, seja no âmbito da historiografia, ou mesmo no dos estudos educacionais.

O presente trabalho compõe-se de três capítulos. No primeiro capítulo, pretende-se fazer um breve panorama do contexto de produção, circulação e recepção de “O Ateneu”. Consistirá de uma descrição da vida e obra de Raul Pompéia, utilizando-se de fontes biográficas e de uma análise de seus escritos, contextualizando o período histórico em que viveu. Haverá também uma discussão

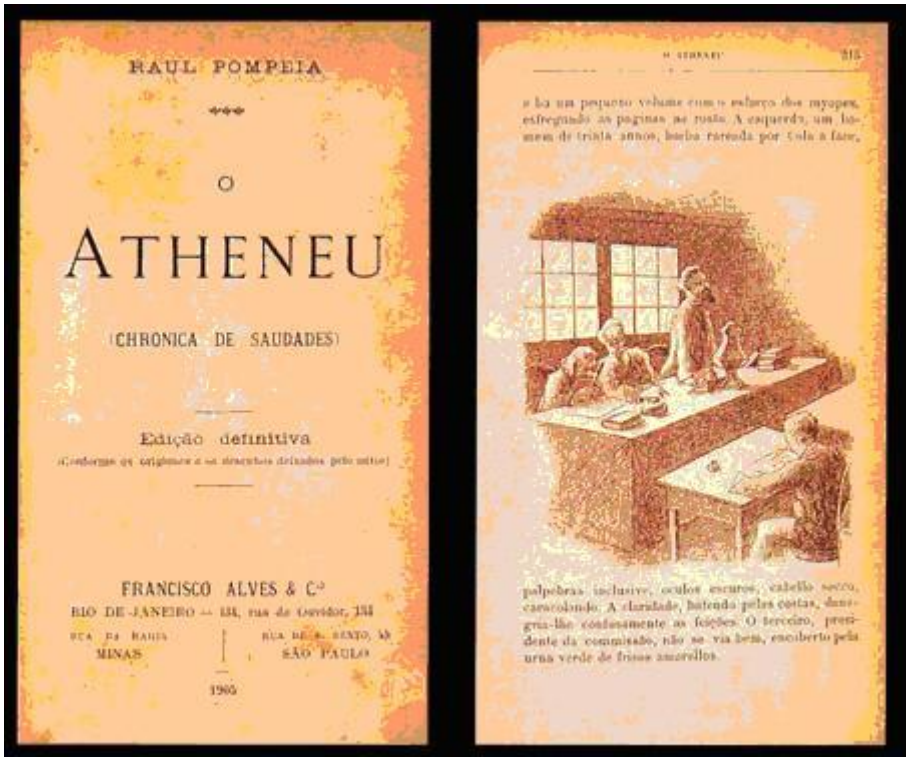
---

[53] José Gonçalves GONDRA e Alessandra SCHUELER, *Educação, Poder e Sociedade no Império Brasileiro*, p. 63.
[54] ibid., p. 123

sobre o contexto educacional do período, sugerindo questões a respeito das aproximações e dos distanciamentos entre elementos ficcionais e dados de realidade na obra “O Ateneu”. Pretende-se, por fim, fazer um apanhado retrospectivo da recepção dentro da crítica especializada ao longo dos anos.

No segundo capítulo, será feita uma apresentação das 42 fontes a serem analisadas. As fontes serão descritas de modo objetivo, indicando as justificativas de sua escolha e situando sua inserção dentro do campo educacional. Considerações críticas de algumas das fontes serão feitas, indicando possibilidades de análises. Além disso, serão feitas algumas tentativas de classificação das fontes, levando-se em conta certos critérios conceituais, temporais e temáticos.

No terceiro capítulo, poderão ser observados aspectos da apropriação da obra e de seu imaginário no subcampo da História da Educação e nos demais subcampos educacionais. Assim, virá à tona uma discussão sobre a hipótese de se enxergar “O Ateneu” como representante de uma memória que se criou sobre o ensino oitocentista.


RAUL POMPEIA

O

ATHENEU

(CHRONICA DE SAUDADES)

Edição definitiva

FRANCISCO ALVES & C.º

RIO DE JANEIRO — 134, rua do Ouvidor, 134

RUA DA BAHIA MINAS | RUA DR. SENTO, 48 SÃO PAULO

1905

Figura 1 – edição de 1905 de “O Ateneu”

2. Do autor à obra

2.1. Raul Pompéia e o campo intelectual

O teórico Pierre Bourdieu, em um estudo sobre a questão dos escritos biográficos e autobiográficos, coloca que:

> não podemos compreender uma trajetória [...], a menos que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou; logo, o conjunto de relações objetivas que vincularam o agente considerado – pelo menos em certo número de estados pertinentes do campo – ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e que se defrontaram no mesmo espaço de possíveis.[55]

Ainda para o mesmo autor,

> Os acontecimentos biográficos definem-se antes como *alocações* e como *deslocamentos* no espaço social, isto é, mais precisamente, nos diferentes estados sucessivos da estrutura da distribuição dos diferentes tipos de capital que estão em jogo no campo considerado.[56]

Tendo em vista as colocações de Pierre Bourdieu, passa-se a fazer uma breve descrição da vida e obra de Raul Pompéia, tentando estabelecer pontos de contato com o campo em que ele se inseria, já que não se pode dissociar a sua história de vida das relações e tomadas de posição dentro do campo em que se situava.

Ainda nas palavras de Bourdieu, para que se analise a obra de um autor é antes imprescindível que se atente para sua biografia. Para Bourdieu:

> "Em outros termos, para ler adequadamente uma obra na singularidade de sua textualidade, é preciso lê-la consciente ou inconscientemente na sua intertextualidade, isto é, através do sistema de desvios pelo qual ela se situa no espaço das obras contemporâneas; mas essa leitura diacrítica é inseparável de uma apreensão estrutural do respectivo autor, que é definido, quanto às suas disposições e tomadas de posição, pelas relações objetivas que definem e determinam sua posição no espaço de produção e que determinam ou orientam as relações de concorrência que ele mantém com os demais autores e o conjunto das estratégias, sobretudo formais, que o torna um verdadeiro artista ou um verdadeiro escritor"[57]

O primeiro passo a ser feito antes de se analisar o romance "O Ateneu" e, posteriormente, suas implicações dentro dos estudos educacionais, é olhar atentamente para as condições de produção da obra, e, para tanto, olhar para as

---

[55] Pierre BOURDIEU, *A ilusão biográfica* in Pierre BOURDIEU, *Razões práticas*, p. 82.
[56] ibid., p. 81.
[57] Pierre BOURDIEU, *O campo intelectual: um mundo à parte* in Pierre BOURDIEU, *Coisas ditas*, p. 177.

tomadas de posição do autor dentro dos espaços de produção nos quais ele estava inserido.

Logo, será útil, inicialmente, a reflexão a ser feita a partir da leitura de duas biografias do autor. A primeira foi feita por Eloy Pontes, na década de 1930, e a segunda é mais recente, realizada por Camil Capaz, já no início deste século. Em relação à utilização de textos biográficos no presente trabalho, é necessário fazer novas ressalvas. Em primeiro lugar, precisa-se atentar para as observações feitas por Giovanni Levi:

> nós, como historiadores, imaginamos que os atores históricos obedecem a um modelo de racionalidade anacrônico e limitado. Seguindo uma tradição biográfica estabelecida e a própria retórica de nossa disciplina, contentamo-nos com modelos que associam uma cronologia ordenada, uma personalidade coerente e estável, ações sem inércia e decisões sem incertezas.[58]

No mesmo sentido, Vavy Pacheco Borges esclarece que "é preciso estar constantemente alerta contra um psicologismo simplificador."[59]

Ou seja, não se pode olhar para a história de vida de alguém e tentar reduzi-la a modelos simplificadores, ou simplesmente buscar encontrar um sentido e uma coerência em todas as ações realizadas. No caso em questão, na leitura da biografia de Eloy Pontes encontram-se algumas dessas simplificações, como no momento em que ele coloca que "a vida e a obra de Raul Pompéia formam cadeia de perfeita coerência"[60], indicando, assim, uma tentativa de buscar relações de causa e consequência que nem sempre existiram.

Raul Pompéia, nascido em 1863 em Jacuecanga, município de Angra dos Reis, foi um relevante literato e intelectual de seu tempo. Frequentou algumas das principais instituições de ensino do país, entre elas o Colégio Pedro II e a Faculdade de Direito de São Paulo. Foi figura marcante nas rodas literárias e nos principais debates políticos de sua época. Conhecido como o autor de uma das obras-primas da literatura brasileira, "O Ateneu", publicado em 1888, escreveu também outros romances, contos, alguns poemas em prosa, além de inúmeras crônicas, publicadas nos principais periódicos em circulação na época nas principais cidades do país.

---

[58] Giovanni LEVI, *Usos da biografia* in Marieta de Moraes FERREIRA et Janaína AMADO (orgs.), *Usos e abusos da história oral*, Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 169

[59] Vavy Pacheco BORGES, *Grandezas e misérias da biografia* in Carla Bassanezi PINSKY (org.), *Fontes históricas*, São Paulo: Contexto, 2005, p. 219.

[60] Eloy PONTES, *A vida inquieta de Raul Pompéia*, Rio de Janeiro: José Olympio, 1935, p. 332.

Uma análise da sua vida e obra deve ter, portanto, como pano de fundo, uma descrição de aspectos do funcionamento e das peculiaridades do campo intelectual no Brasil oitocentista.

Em primeiro lugar, sabe-se que o campo intelectual em formação no Brasil durante o período monárquico teve por base um ideal político e cultural proveniente de modelos europeus, advindos, sobretudo, do período de transformações do final do século XVIII, como a Ilustração e a Revolução Francesa.

Desse modo, desde a primeira metade do século XIX, podemos observar, no Brasil, de acordo com Marco Morel, que:

> Entre as mutações culturais vindas com a manifestação da modernidade política surge este homem de letras, em geral visto como portador de missão ao mesmo tempo política e pedagógica. É o tipo do escritor patriota, difusor de idéias e pelejador de embates e que achava terreno fértil para atuar numa época repleta de transformações.[61]

São esses homens de letras que irão compor o campo intelectual no Brasil, a partir do primeiro reinado, e durante todo o século XIX. Para tanto, a imprensa de opinião foi um meio fundamental de divulgação de ideias e de circulação dos saberes desses intelectuais, que, muitas vezes, eram também homens públicos, e que participavam e faziam parte da vida social e política. Vale lembrar que, ainda para Morel, tratavam-se de "pessoas que uniam ao poder da palavra impressa a presença em formas de sociabilidade institucionalizadas".[62]

Além de seguirem, muitas vezes, a carreira política, esses letrados valiam-se da imprensa para opinar sobre os mais variados assuntos. Criava-se, assim, uma opinião pública formada por uma camada restrita, por vezes com forte influência do Estado, mas nem por isso homogênea, como o exemplo da vida de Pompéia nos permitirá afirmar.

Para Emília Viotti da Costa, essa camada será fundamental nas transformações que iriam ocorrer no final do século. Segundo a autora, fazendo um panorama do período:

> intelectuais, profissionais liberais, oficiais militares – pessoas urbanas embora frequentemente com raízes rurais – uniram-se a associações em prol da abolição da escravatura e a organizações para a promoção da imigração europeia em massa, saíram em defesa do federalismo e da

---

[61] Marco MOREL, *As transformações dos espaços públicos: imprensa, atores políticos e sociabilidades na cidade Imperial (1820-1840),* São Paulo: Hucitec, 2005, p. 167.
[62] ibid., p. 171.

> autonomia das províncias, empenharam-se na separação entre a Igreja e o Estado, participaram de campanhas pela reforma eleitoral e deram seu apoio ao Partido Republicano.[63]

Toda essa ebulição de ideias e debates era intermediada principalmente por meio dos periódicos. Ainda para Emilia Viotti da Costa:

> o crescimento do mercado livreiro – embora modesto – e a proliferação de revistas e jornais na segunda metade do século abriram novas oportunidades para uma carreira literária. A crítica social e o reformismo militante ofereceram uma alternativa para o desespero e a solidão.[64]

Em 1881, Raul Pompéia matricula-se na Faculdade de Direito de São Paulo. Se, ainda jovem, havia demonstrado suas habilidades como escritor e desenhista, bem como sua personalidade inquieta e contestadora nos colégios por onde passou, é na Faculdade de Direito que seu espírito criativo e combatente ganha maior força.

Não apenas as ideias abolicionistas e republicanas em voga na época chamaram a atenção do estudante, nem somente as correntes de pensamento evolucionistas e positivistas vindas da Europa. É a observação da realidade social e de suas injustiças que passam a movê-lo, sobretudo após seus primeiros contatos com intelectuais atuantes na causa abolicionista, como Luís Gama e Antônio Bento[65].

A Faculdade de Direito na segunda metade do século XIX firmava-se como centro de excelência nos estudos de ciências humanas no Brasil e também como um dos principais redutos de intelectuais politizados. Era nesse contexto que Pompéia chegava:

> A academia paulista ainda vibrava, como nos tempos da lira libertária de Castro Alves, na luta pela extinção da escravatura no Brasil. Os jovens agrupavam-se em torno dos ativistas da libertação e punham a sua pena a serviço da grande causa, em jornais de pequena circulação, mas extremamente agressivos, que desancavam lentes reacionários e fazendeiros enriquecidos às custas do trabalho servil, cujas propriedades cresciam ano a ano, avançando para o noroeste paulista. Havia dezenas dessas publicações, em que os estudantes exercitavam a musculatura

---

[63] Emília Viotti da COSTA,*Brasil: a Era da Reforma 1870-1889* in Leslie BETHELL (org.), *História da América Latina volume V*, São Paulo: Edusp, 2008, p.705.

[64] ibid., p. 726.

[65] Luís Gonzaga Pinto da Gama (Salvador, 1830 – São Paulo, 1882) foi jornalista, escritor e rábula. Negro, foi vendido como escravo pelo próprio pai aos dez anos de idade. Mais tarde, aprendeu a ler, conseguiu fugir e chegou a frequentar o curso de Direito, tornando-se uma das figuras mais importantes do movimento abolicionista no Brasil. Antônio Bento de Sousa e Castro (São Paulo, 1843 – 1898) foi promotor público e juiz. Após a morte de Luís Gama, Bento passou a ser o principal nome do abolicionismo em São Paulo.

> verbal, numa forma de preparação para as atividades futuras nos jornais das grandes cidades.[66]

Assim, pode-se observar a relevância da vida acadêmica para além da sala de aula na formação intelectual dos estudantes de Direito. Na verdade, segundo Sergio Adorno, "essa formação foi tecida nos interstícios dos institutos acadêmicos e do jornalismo literário e político."[67]

De fundamental importância era a participação dos alunos nos periódicos que circulavam dentro da Faculdade. Era o chamado publicismo político acadêmico, e por meio dele é que se travavam as lutas políticas internas da Academia e também frutificariam ideias a serem levadas adiante na política do final do Segundo Reinado. Ainda para Sergio Adorno:

> o jornalismo foi tanto o espaço que possibilitou a inserção do acadêmico/bacharel em 'loci' diversos daqueles exclusivamente ditados pela ciência do Direito, quanto o espaço destinado à criação de uma 'intelligentsia', da qual se recrutaram os intelectuais da sociedade brasileira oitocentista [...] essa imprensa ensinou ao acadêmico como tomar partido, lutar e apaixonar-se por uma causa, adquirir responsabilidade moral por atos praticados; enfim, esse jornalismo ensinou algo além do aprendizado de sala de aula: o princípio de que a política se faz em público e com a utilização desses dois instrumentos que são a palavra escrita e falada.[68]

Em constante ebulição, a Faculdade via seus alunos e mestres travando batalhas políticas, sobretudo relacionadas à questão da escravidão e do regime de governo. Eram anos de grande agitação política, e Pompéia participava ativamente nessas questões, especialmente no que se refere ao abolicionismo. As relações travadas entre Pompéia e Luís Gama marcariam para sempre a vida do escritor. Por isso, na ocasião do falecimento de Luís Gama, Pompéia escreve um texto em sua homenagem:

> A cidade estava triste. Inúmeras lojas tinham as portas fechadas, em manifestação de pesar; as bandeiras das sociedades musicais e beneficentes da capital pendiam a meio mastro. Apinhava-se povo nos lugares por onde devia passar o enterro. Às janelas acotovelavam-se as famílias. Em alguns pontos viam-se pessoas chorando. Ia sepultar-se o *amigo de todos*.[69]

Quanto à atuação política de Pompéia nesse período, ainda é válido destacar que, segundo Camil Capaz:

---

[66] Camil CAPAZ, *Raul Pompéia: biografia*, São Paulo: Gryphus, 2001, p. 39.
[67] Sergio ADORNO, *Os aprendizes do poder: bacharelismo liberal na política brasileira*, São Paulo: Paz e Terra, 1998, p. 157.
[68] ibid., p. 163-165.
[69] Raul POMPÉIA, *Obras (organização de Afrânio Coutinho)*, v. 5, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981, p. 77.

> A transição das lutas acadêmicas para uma atuação mais efetiva em favor dos escravizados, fez-se principalmente sob a influência de Luís Gama, o grande advogado e propagandista de São Paulo, à época o maior líder da causa abolicionista. [...] Sob orientação de Luís Gama e de Antônio Bento, Pompéia atuou febrilmente no incentivo à fuga e ao acoitamento de escravos fugidos de suas fazendas[70]

Em texto de 1882, ou seja, ainda no período em que estudava em São Paulo, Pompéia faz também uma provocação aos bacharéis da velha academia paulista, colocando em pauta a escravidão, em um momento de comemoração pelos cinquenta e cinco anos da Faculdade:

> Quando me lembro que há cinquenta e cinco anos que existem Academias de Direito nesta terra vem-me ao espírito uma ideia contristadora... Há mais de meio século que a mocidade brasileira folheia o livro dos direitos humanitários... É preciso que seja a nossa raça bastante ordinária para que não haja ainda compreendido o absurdo da palavra escravo.[71]

Passados alguns anos, Pompéia e outros colegas tiveram que se mudar para Recife, a fim de terminarem o curso, já que certas divergências de posição entre eles e o mestres paulistas – dentre os quais muitos estavam ligados ao governo ou a políticos e fazendeiros, os impediam de prosseguir com seus estudos em São Paulo.

Para Camil Capaz:

> A luta contra a escravidão, em artigos e sátiras contra os políticos conservadores de São Paulo e do resto do país, a exposição ostensiva de um materialismo debochado, as freqüentes ausências às salas de aula, que a disciplina frouxa permitia, com o tempo começaram a acarretar atritos entre os alunos e os mestres da Academia de Direito – muitos deles ligados ao governo ou aos políticos e fazendeiros atacados e expostos ao ridículo – que ficaram à espera de uma oportunidade para puni-los exemplarmente.[72]

Daí, parece ter ficado uma mágoa de Pompéia em relação a seus professores em São Paulo, como se atesta da leitura de uma de suas crônicas, anos mais tarde, em que diz: “ao passo que, nas outras escolas, cada lente é um exemplo de cortesia e amabilidade, o *santo ofício* paulista é a encarnação da fatuidade descortês, antipática e emproada.”[73]

De qualquer modo, os anos em São Paulo foram fundamentais para a formação do escritor e homem público. Não é à toa que Camil Capaz, em sua biografia de Raul Pompéia, afirma:

> Em São Paulo, ao contrário do que lhe dissera o pai, ao conduzi-lo ao microcosmo do internato, é que tinha realmente encontrado o mundo, com

---

[70] Camil CAPAZ, *Raul Pompéia: biografia,* p. 42-47.
[71] Raul POMPÉIA, *Obras (organização de Afrânio Coutinho)*, v. 10, p. 279.
[72] Camil CAPAZ, op. cit., p. 54
[73] Raul POMPÈIA, *op. cit.*, v. 7, p. 67.

> as misérias e as injustiças da vida social amplificadas em altíssimo grau. Ele, que chegara à Paulicéia rapazola, cheio de esperanças e de sonhos reformistas, saía de lá homem feito, embora carregado de dúvidas, porque mais sábio e mais sofrido.[74]

Após terminar os estudos superiores, Raul Pompéia muda-se para o Rio de Janeiro, e então passará de vez por todas a fazer parte do campo intelectual. Participará de lutas e tomadas de posições decisivas na sua vida, e que, mais tarde, o levariam ao suicídio.

Afinal, o Rio de Janeiro que Pompéia encontrou na década de 1880 fervilhava politicamente e era ponto de convergência de ideias das mais variadas, sendo uma cidade propícia à atividade intelectual. Segundo Marly Motta:

> A capital imperial foi frequentemente marcada por manifestações de rua, seguidas de quebra-quebras de estabelecimentos comerciais, especialmente de portugueses, ou ainda por rebeliões populares contra medidas do poder público consideradas injustas, como a Revolta do Vintém (1880).[75]

Assim, a capital do Império era uma cidade que se encontrava em constante agitação, tanto em relação às classes populares, quanto à intelectualidade. Ainda de acordo com Camil Capaz, sobre o Rio de Janeiro: "as redações dos jornais mais importantes também ali se concentravam, bem como as principais livrarias, onde os escritores se reuniam para trocar ideias sobre suas realizações literárias, sobre as novidades políticas ou sobre as notícias que corriam de boca em boca."[76]

O contexto era, portanto, extremamente favorável à atividade intelectual, e Pompéia viria ao Rio para se encaixar nesse contexto. Segundo Maria Tereza Chaves de Mello:

> A década de 1880 distinguiu-se pela grande atividade da inteligência: os jornais se multiplicaram e ampliaram seu público; a Revista Ilustrada bateu um recorde latino-americano com 4 mil assinaturas; conferências abolicionista e republicanas enchiam auditórios entusiasmados; a mocidade militar participava ativamente dos debates nacionais; polêmicas literárias ou teóricas disputavam mentes apaixonadas.[77]

É a partir de então que Pompéia se firma como um agente de crescente importância dentro do campo, tendo em vista sua formação humanística sólida e sua constante preocupação e interesse nos assuntos políticos.

---

[74] Camil CAPAZ, *Raul Pompéia: biografia*, p. 61.
[75] Marly MOTTA, *Rio de Janeiro, a cidade-capital do Brasil (1850-1950)* in Mirian Waidenfeld CHAVES e Sonia de Castro LOPES, *Instituições educacionais da cidade do Rio de Janeiro: um século de história (1850-1950),* Rio de Janeiro: Mauad, 2009, p. 23.
[76] Camil CAPAZ, *op. cit.,* p. 83.
[77] Maria Tereza Chaves de MELLO, *A República consentida: cultura democrática e científica do final do Império*, Rio de Janeiro: FGV/Edur, 2007, p. 105.

Nas palavras de Pierre Bourdieu: “os agentes (indivíduos ou instituições) caracterizados pelo volume de seu capital determinam a estrutura do campo em proporção ao seu peso, que depende do peso de todos os outros agentes, isto é, de todo o espaço.”[78]

Ou seja, para conseguir uma posição de maior destaque dentro do campo, o agente precisa dispor de certo capital. No caso do campo intelectual, ainda para Bourdieu, é mais decisivo o capital simbólico, como o capital de reconhecimento e consagração.[79] Daí a busca pela afirmação do agente dar-se, entre outros modos, por meio das publicações na imprensa. É assim que Raul Pompéia procede durante a década de 1880, até porque sua postura política de contestação ao governo monárquico o impedia de buscar um emprego público.

Sendo assim, além de prosseguir com suas publicações de crônicas e esboçar seus primeiros contos e romances, Pompéia frequenta o meio intelectual em rodas de conversas: “dialogando sobre os grandes problemas da arte com os companheiros – Capistrano de Abreu, Rodrigo Octavio e Araripe Júnior – perdia horas e horas nas confeitarias e redações, exaltava-se em discussões apaixonadas”[80]

É através dessa troca de experiências que os agentes vão se posicionando no campo intelectual, que, para Pierre Bourdieu, nada mais é que a velha conhecida “república das letras”, termo utilizado já desde o século XVII. Segundo Bourdieu, “o campo de produção cultural é este mundo social absolutamente particular que a velha noção de república das letras evocava.”[81]

Já nas palavras de Eloy Pontes, sobre o contexto em questão, “o prestígio dos homens de letras era irradiante naqueles tempos, em que a influência da imprensa começara a se sentir com maior eficácia.”[82]

Assim, Pompéia afirma-se como homem de letras de seu tempo, passando a fazer parte do que se passou a chamar de “geração 1870”, grupo de letrados que traria enormes contribuições ideológicas à vida política do país, em geral com uma natureza contestadora em relação ao regime monárquico e escravista. Para Angela

---

[78] Pierre BOURDIEU, *Os usos sociais da ciência*, p. 24.
[79] cf. Pierre BOURDIEU, *O campo intelectual* in Pierre BOURDIEU, *Coisas ditas*, passim.
[80] Camil CAPAZ, *Raul Pompéia: biografia*, p. 186.
[81] Pierre BOURDIEU, *Espaço social e poder simbólico* in Pierre BOURDIEU, *Coisas ditas*, p. 163.
[82] Eloy PONTES, *A vida inquieta de Raul Pompéia*, p. 189.

Alonso, “a produção ‘intelectual’ da geração 1870 pode ser lida como expressão da crítica dos grupos sociais letrados às instituições, às práticas e aos valores do status quo imperial.”[83]

Era um período em que a mudança política e social parecia ser imprescindível, tendo em vista as ideias cientificistas e positivistas que vinham do velho continente e que, segundo Angela Alonso, pregavam “o novo conceito de civilização, que sinonimizava agora com modernização. A tônica passava a ser a aceleração do tempo, a obsolecência das instituições, dos modos de pensar e agir das sociedades aristocráticas.”[84]

Foi no período imediatamente anterior à Abolição e à proclamação da República que essas ideias ganharam força e se espalharam sobremaneira. Ainda para Maria Tereza Chaves de Mello:

> toda essa nova produção era objeto de acirradas discussões na imprensa, revelando, outrossim, uma mudança de público e de gosto, graças à extensão da camada ilustrada do país, em decorrência da expansão econômica e educacional desde meados do século. As camadas médias da população e os setores da elite marginalizados estavam todos imbuídos das novas idéias e participavam ativamente dos debates da vida nacional.[85]

Todas essas mudanças políticas que passam a ser ensaiadas nas últimas décadas do século XIX, como se pode observar, têm seu cerne na atuação da imprensa. Para Ana Luiza Martins, referindo-se ao período em questão, “a maior parte daquela história era tributária da imprensa, mobilizada e escrita nas páginas do jornalismo imperial, pontuando uma etapa marcante da história da imprensa no Brasil.”[86]

Há que se notar, entretanto, que essa imprensa atuante e transformadora não é privilégio ou exclusividade do contexto carioca. Há uma opinião pública sendo formada em várias partes do país. Diversos são os estudos que dão conta dessa diversidade de contextos e dos múltiplos atores sociais envolvidos nas transformações políticas do final do século XIX, o que faz crer que não foram apenas os intelectuais e literatos que viveram no Rio de Janeiro os grandes impulsionadores

---

[83] Ângela ALONSO, *Idéias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil-Império*, São Paulo: Paz e Terra, 2002, p. 178
[84] ibid., p. 239.
[85] Maria Tereza Chaves de MELLO, *A República Consentida: cultura democrática e científica do final do Império*, p. 116.
[86] Ana Luiza MARTINS, *Imprensa em tempos de Império* in Ana Luiza MARTINS e Tania Regina de LUCA (orgs.), *História da Imprensa no Brasil*, São Paulo: Contexto, 2008, p. 78.

das mudanças. Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas, por exemplo, estuda a atuação de:

> mulheres nascidas no Nordeste que publicaram textos, poemas e discursos na grande imprensa ou na imprensa especializada (abolicionista, feminista, literária), na passagem do século XIX para o século XX, e que defenderam a educação e a emancipação feminina juntamente com a causa abolicionista[87]

A questão abolicionista, conforme se viu, é fundamental para Raul Pompéia. Com o tempo, o autor de "O Ateneu" passa a ganhar destaque dentro das posições que assume no campo intelectual. Para Marly Motta, torna-se um personagem da época que representa uma "síntese do homem de imprensa do final do Império – bacharel, literato, abolicionista, jornalista."[88]

O ano de 1888 é de grandes vitórias para Raul Pompéia. É quando tem seu romance "O Ateneu" publicado e também é quando acompanha o desenrolar do processo de abolição da escravidão, sua maior luta da época de estudante. Mais tarde, com o fim do regime monárquico, consegue um emprego público para lecionar na Escola de Belas Artes e, depois, em 1894, chega a ser diretor da Biblioteca Nacional.

A proclamação da República, em 1889, é um fato que se insere em um contexto de modernização do país. Se Raul Pompéia esteve sempre conectado aos acontecimentos de seu tempo, seria natural apoiar a mudança política que se instaurava.

Para Nicolau Sevcenko, havia um "esforço modernizador" que estaria no cerne de todas transformações ocorridas, conforme se observa no seguinte excerto:

> No afã do esforço modernizador, as novas elites se empenhavam em reduzir a complexa realidade social brasileira, singularizada pelas mazelas herdadas do colonialismo e da escravidão, ao ajustamento em conformidade com padrões europeus abstratos de gestão social hauridos de modelos europeus ou norte-americanos. [...] Era como se a instauração do novo regime implicasse pelo mesmo ato o cancelamento de toda a herança do passado histórico do país e pela mera reforma institucional ele tivesse fixado um nexo coextensivo com a cultura e a sociedade das potências industrializadas.[89]

---

[87] Anamaria Gonçalves Bueno de FREITAS, *Abolição e emancipação: ecos de vozes femininas no nordeste brasileiro na passagem do século XIX para o século XX*, in Cláudia Engler CURY e Serioja MARIANO (orgs.), *Múltiplas visões: cultura histórica no oitocentos,* João Pessoa: UFPB, 2009, p. 59.
[88] Marly MOTTA, *Rio de Janeiro, a cidade-capital do Brasil (1850-1950)*, p. 78.
[89] Nicolau SEVCENKO, *Introdução* in Nicolau SEVCENKO (org.) *História da vida privada no Brasil, v. 3*, São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 27.

Pompéia certamente era favorável a mudanças políticas modernizadoras. Contudo, ainda que muitos críticos caracterizem Pompéia como um republicano atuante, seus escritos não chegam a confirmar essa ideia. Se deixou inúmeros textos abolicionistas, não se encontra algum em que tenha declarado abertamente seu apoio à causa republicana. Logo, não se pode confirmar a certeza de muitos estudiosos que o consideram republicano ferrenho. Em uma de suas crônicas, em 1891, Pompéia parece estar até mesmo desiludido com a República, ao dizer que "no tempo da monarquia era nosso parecer que a obra urgente era a da reforma moral dos monarquistas, e não a supressão da monarquia"[90]

Em outro excerto, ao se referir ao falecimento de D. Pedro II, Pompéia afirma que "não há um brasileiro que não lamente a morte daquele que foi para o Brasil, não um monarca, mas o Monarca D. Pedro II."[91]

Por fim, há outro trecho de Pompéia, publicado no Jornal do Comércio em 1886, em que o autor de certa forma desconsidera a possibilidade de um regime republicano no Brasil:

> O brasileiro, o mineiro, é eminentemente monarquista; a ideia de república passa-lhe com disfarces pelo espírito sem impressioná-lo. Ele sabe de própria experiência que os pregadores de república não são sérios. A ideia de monarquia é conatural à índole nacional.[92]

De qualquer modo, o novo regime político, o maior reconhecimento dentro do campo (após a publicação do romance) e o novo emprego poderiam trazer certa tranquilidade à vida de Raul Pompéia. Por outro lado, novas inquietações surgiriam, no âmbito do governo de Floriano Peixoto.

Se o país vinha de um período de certa turbulência política e que parecia de certa forma solucionada com o fim da Monarquia, os primeiros anos de República não foram de tranquilidade. Pelo contrário, seriam anos de grandes debates políticos. José Murilo de Carvalho conta que "pela expectativa despertada, pelas lutas a que deram início e mesmo por razões diretamente vinculadas à política, os primeiros anos da República foram de repetidas agitações e de quase permanente excitação para os fluminenses."[93]

---

[90] Raul POMPÉIA, *Obras (organização de Afrânio Coutinho)*, v. 8, p. 72.
[91] ibid., v. 9, p. 444.
[92] ibid., v. 5, p. 201.
[93] José Murilo de CARVALHO, *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*, São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 22.

Ainda sobre o período em questão, o mesmo autor coloca que "o entusiasmo [com relação à República] durou até o governo Floriano, quando se deu um cisma entre os intelectuais, e alguns dos antigos entusiastas da República tiveram de fugir da capital para evitar a prisão."[94]

Ou, ainda, nas palavras de Eloy Pontes: "os boêmios alegres, que tinham feito a abolição e lutado pela República, perderam a alegria. Eram agora polemistas, que se arranhavam, quotidianamente, em pura perda."[95]

A partir de então, Pompéia, que sempre se posicionara numa postura contestatória em relação a todos os governos, tornar-se-ia nesse momento adepto fervoroso do nacionalismo florianista, postura que lhe manteria em situação de divergência em relação a outros intelectuais.

Na mais famosa delas, Olavo Bilac – outro importante escritor e intelectual do período – insultou Pompéia publicamente considerando que o autor de "O Ateneu" estaria defendendo o governo com o intuito de manter seu cargo público. Profundamente ofendido, Pompéia chega até a desafiar Bilac para um duelo, que acabou não acontecendo.

Quanto à postura de apoio aos florianistas, Eloy Pontes afirma que "a defesa do Marechal Floriano tornara-se-lhe obsessão. Escolhida a atitude não media sacrifícios."[96]

Pompéia, a partir de então, deixa de lado em certa medida seus trabalhos literários, em detrimento de suas posturas combatentes na política, até mesmo por causa do contexto brasileiro, que não era tão convidativo aos escritos literários. Segundo Camil Capaz:

> as atividades essencialmente literárias foram diminuindo pouco a pouco, à medida em que se enfronhava nas preocupações funcionais da Escola de Belas-Artes e nas agitações políticas que agitaram o país a partir da ascensão de Floriano Peixoto ao poder, em fins de 1891. Contribuía para isso a pobreza do ambiente literário entre nós, extremamente mesquinho se comparado ao tamanho e à população do país: as edições eram pequenas, os autores em sua grande maioria publicavam seus trabalhos em jornais ou revistas antes de vê-los editados em livro, o que acontecia com o próprio Machado de Assis, cujos romances tinham tiragem de cerca de 1.000 cópias, após uma vida inteira dedicada ao ofício das letras.[97]

---

[94] José Murilo de CARVALHO, *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*, p. 26.
[95] Eloy PONTES, *A vida inquieta de Raul Pompéia*, p. 251
[96] ibid., p. 250.
[97] Camil CAPAZ, *Raul Pompéia: biografia*, p. 169.

O que se mostrou, a partir desse instante, foi uma luta por espaços e posições dentro do campo intelectual. Pompéia, agora possuindo um maior capital, inclusive institucional, demonstra liberdade e desprendimento para se envolver em variadas discussões. Para Bourdieu:

> Os agentes sociais estão inseridos na estrutura e em posições que dependem do seu capital e desenvolvem estratégias que dependem, elas próprias, em grande parte, dessas posições, nos limites de suas disposições. Essas estratégias orientam-se seja para a conservação da estrutura seja para a sua transformação.[98]

Se, ao fazer parte do Estado, Pompéia utiliza-se de sua posição para opinar com maior desenvoltura em favor de Floriano Peixoto, também ganha, ou supõe ganhar maior autonomia para poder criticar os rumos do governo seguinte, o de Prudente de Morais. Ainda segundo Bourdieu:

> pode-se adotar como estratégia servir-se do Estado para liberar-se da influência do Estado, para lutar contra as pressões exercidas pelo Estado; pode-se tirar partido das garantias de autonomia que o Estado dá – por exemplo, as posições, *tenures* como dizem os anglo saxões, de titular irremovível – para afirmar sua independência com relação ao Estado.[99]

Contudo, Pompéia, ao criticar o governo, acaba criando problemas para si mesmo e perde o seu cargo na Biblioteca Nacional, não conseguindo, portanto, a independência em relação ao Estado. Além disso, envolve-se em outras disputas dentro do campo, dessa vez após uma publicação de Luis Murat, criticando fortemente sua postura em um discurso quando da morte de Floriano Peixoto.

Todas essas desilusões levariam Raul Pompéia ao suicídio, no natal de 1895. Interessante observar que Pompéia, anos antes, havia escrito algumas crônicas em que o problema do suicídio aparecera com frequência. Em uma delas, Pompéia afirma que os jornais não deveriam divulgar notícias de suicídio, já que, para ele, “a notícia do suicídio influirá poderosamente sobre o maníaco que possuir já a predisposição para receber essa influência”[100]

Em outra crônica, publicada em 1888, Pompéia comenta sobre um caso de um jovem que havia se suicidado provavelmente por causa de um conflito com os pais, já que o jovem queria ser pintor e os pais não queriam aceitar a vocação do filho:

---

[98] Pierre BOURDIEU, *Os usos sociais da ciência*, p. 29.
[99] ibid., p. 55.
[100] Raul POMPÉIA, *Obras (organização de Afrânio Coutinho)*, v. 7, p. 33.

> O pobre rapaz, moralmente comprimido entre a imposição paterna e o instinto da própria vocação de pintor, ou, porventura, a simples repugnância que lhe inspirava a aplicação aos estudos, resolveu simplificar o embaraço atirando-se fora da vida por uma janela. [...] Se havia a ponderar a lição encerrada no fato, de que as vocações são sagradas, não se podia, contudo, esquecer que a pressão bem intencionada dos pais estimula e encaminha muita vez a vontade mal habituada. [...] O pobre pai que se acusa de ter feito morrer o filho, entendia, com razão, cumprir um dever de afeição contrariando-o.[101]

Interessante é notar o quanto essa questão do suicídio e também dos conflitos entre pai e filho estão presentes na obra de Pompéia, e de que modo a sua visão se altera em diferentes momentos de sua escrita.

Ainda quanto ao episódio do suicídio de Raul Pompéia, Eloy Pontes tenta encontrar suas explicações: "filho de pai hipocondríaco e de mãe nervosa, crescendo até os nove anos sob as impressões dramáticas da guerra, Raul Pompéia nunca teve traços de perfeito equilíbrio. [...] foi a única solução para seus nervos em desordem."[102]

Em uma narração mais detalhada, Mario Curvello descreve o acontecimento daquele Natal de 1895:

> Nervos espedaçados, revolveu papéis e tomou o revólver. Ainda escreveu um bilhete ao jornal, onde se sentira desprestigiado, e ao país: "À Notícia e ao Brasil declaro que sou homem de honra". Datou, "25 de dezembro de 1895": e assinou, "Raul Pompéia". Estirou-se numa poltrona, estilo espreguiçadeira. A mão do artista foi certeira; desembaraçou-se de si mesmo com um tiro no coração. A mãe, dona Rosa, e as irmãs foram acudir. Uma delas prostara-se à porta, em crise de nervos. Antes de pedir água e morrer, o desgraçado artista notara o estado da irmã. Disse à mãe: "Vá ver a Alice"[103]

Personalidade inquieta e angustiada, Raul Pompéia não foi apenas um homem de letras, mas um homem de seu tempo, que debateu as questões políticas com muito vigor, para além de seus simples interesses pessoais, ocupando-se em levar adiante ações transformadoras. Foi um personagem que, ainda para citarmos Bourdieu, buscou ações universais:

> os interesses específicos dos produtores culturais, na medida em que estão ligados a campos que, pela própria lógica de seu funcionamento, estimulam, favorecem ou impõem a superação do interesse pessoal no sentido comum,

---

[101] Raul POMPÉIA, *Obras (organização de Afrânio Coutinho)*, v. 6, p. 85
[102] Eloy PONTES, *A vida inquieta de Raul Pompéia*, p. 337
[103] Mario CURVELLO, *Uma personalidade em conflito* in Raul POMPÉIA, *O Ateneu,* São Paulo: Abril Educação, 1981, p. 7.

> podem levá-los a ações políticas, ou intelectuais, que se pode chamar de universais.[104]

Em suma, pode-se afirmar que um olhar atento para a vida e a produção intelectual de Raul Pompéia faz com que a seguinte afirmação de Bourdieu adquira forte significado: “percebe-se que o sujeito não é o *ego* instantâneo de uma espécie de *cogito* singular, mas o traço individual de toda uma história coletiva.”[105]

Figura 2 – Raul Pompéia (1863-1895)

[104] Pierre BOURDIEU, *O campo intelectual: um mundo à parte* in Pierre BOURDIEU, *Coisas ditas*, p. 176.
[105] Pierre BOURDIEU, *O interesse do sociólogo* in Pierre BOURDIEU, *Coisas ditas*, p. 132.

2.2. “O Ateneu” – produção e recepção

O romance “O Ateneu”, publicado em 1888, certamente tem grande inspiração nas experiências próprias do autor, já que Raul Pompéia estudou vários anos em internatos. Assim, não há como evitar aproximações entre a vida de Raul Pompéia e o que nos é narrado por Sérgio, personagem principal do romance. Uma comparação entre o personagem Aristarco e o diretor do colégio em que Raul Pompéia estudou durante mais tempo – Abílio Cesar Borges, o Barão de Macaúbas – também se faz imprescindível.

Para Camil Capaz, essas comparações são válidas, porém não podem esgotar demais possibilidades de leitura da obra, até por sua complexidade e alcance, já que, para ele, “romance de urdidura complexa, é impossível imaginar O Ateneu apenas como resultado das vivências do autor no Colégio Abílio.”[106]

Muitas são as discussões a respeito da importância da inspiração ou modelo utilizado por Raul Pompéia em seu romance mais popular.

Nesse sentido, há em primeiro lugar uma discussão sobre a ambientação do romance. Para Pedro Nava, o colégio descrito no romance assemelha-se mais ao Colégio Pedro II (onde Pompéia também estudou), como se pode observar no seguinte excerto:

> para reavivar a memória e poder contar dos cinco anos que passei interno recorri também [...] a velhos cadernos de aula, a antigas provas escritas, a bilhetinhos trocados no estudo – o que salvei do meu tempo de aluno; ao Ateneu, que é Colégio Abílio, mas sobretudo Chácara do Mata (a ambiência do recreio onde conversavam Sérgio e Egbert é essencialmente tijucana e não se adapta de jeito nenhum às Laranjeiras)[107]

Ou seja, para Pedro Nava, Raul Pompéia busca inspiração no Colégio Pedro II, situado na Chácara do Mata, no bairro da Tijuca (onde hoje se encontra o Colégio da Companhia Santa Teresa de Jesus) e não no Colégio Abílio, que na época em que Pompéia estudou, situava-se no bairro das Laranjeiras (onde hoje está o Instituto João Alves Affonso).

---

[106] Camil CAPAZ, *Raul Pompéia: biografia*, p. 19.
[107] Pedro NAVA, *Balão cativo – memórias 2*, p. 274.

No mesmo sentido, Mario Curvello também se pronuncia a respeito: “o sexto capítulo de O Ateneu, quando é fundado o Grêmio Literário Amor ao Saber e a ‘caranguejola’ (a tribuna) entra em ação, tem mais clima intelectual do Colégio D. Pedro II.”[108]

De qualquer modo, é certo que o romance teve sua gênese nas memórias do autor, seja nas de interno do Colégio Abílio, seja nas do Colégio Pedro II.

Há ainda os que consideram que Pompéia teria também se baseado em outra instituição quando da caracterização da escola: o Seminário São José, que se situava no Largo do Rio Comprido.

Outra questão a ser debatida é o fato de que Raul Pompéia passou adiante a seus leitores a imagem caricatural de um diretor vaidoso, autoritário e ambicioso, na caracterização de Aristarco. Assim, foram vários os trabalhos no campo educacional e literário brasileiro que procuraram aproximações entre o personagem de Pompéia e Abílio, renomado educador do Império, diretor do colégio em que Raul Pompéia estudou. Muitos foram os que, lendo Aristarco, procuraram enxergar Abílio.

Em geral, no entanto, os estudos encontrados a respeito do Barão de Macaúbas tratam-no como um educador moderno para a época, de grandes qualidades intelectuais e morais. Um exemplo de educador, e, em alguma forma, distante da caracterização que teria sido feita por Pompéia na figura de Aristarco. Em uma recente tese de doutorado defendida por Diane Valdez encontram-se algumas considerações a respeito de Abílio:

> podemos considerá-lo um ‘amigo da infância’, pois, apesar de todas suas contradições, publicou livros cuidadosos para esta categoria, escreveu e se pronunciou contra os castigos físicos, ressaltou as necessidades básicas do desenvolvimento infantil, dirigindo à infância um olhar, para a época, diferenciado e cuidadoso.[109]

Além disso, alguns estudos clássicos a respeito do Barão de Macaúbas podem ser destacados ao longo dos anos. Há um trabalho feito por Isaías Alves, nos anos 40, de grande exaltação à figura do educador, como se pode observar no seguinte excerto: “Não houve talvez entre os escritos de Abílio, um só que esquecesse o ideal do seu coração: suavizar o trabalho da criança, dar-lhe amor

---

[108] Mario CURVELLO, *Uma personalidade em conflito*, p. 4.
[109] Diane VALDEZ, *A representação de infância nas propostas pedagógicas do Dr. Abílio César Borges,* Campinas: UNICAMP, 2006 (tese de doutorado), p. 305.

pela escola, aligeirar-lhe a carga, que por vezes lhe verga o tronco e lhe debilita a vontade."[110]

No mesmo estudo, Isaías Alves, ao se referir à obra de Raul Pompéia "O Ateneu", por considerar que no romance haveria uma crítica injusta a Abílio, tece o seguinte comentário: "A pena mergulhada no fel e guiada por triste e deplorável nevrose, levou o talento brilhante de um escritor brasileiro a denegrir a obra pedagógica, o trabalho patriótico, a própria honra do grande educador. Correu veloz esse livro de maldade."[111]

De qualquer modo, Abílio foi consagrado pela historiografia como uma figura proeminente na educação e na pedagogia brasileira. Em sintonia com as inovações pedagógicas da época, participou de congressos e exposições pedagógicas. Escreveu obras didáticas, as quais distribuía gratuitamente pelo país, e foi proprietário e diretor de três colégios. Inicialmente, na Bahia, o seu Ginásio Baiano obteve grande destaque durante o período de funcionamento. Após receber uma visita do Imperador D. Pedro II, Abílio foi convidado para um importante cargo na Corte:

> Abílio César Borges cultivara a amizade do imperador Dom Pedro II, que visitara o seu colégio na Bahia em 1859. Alguns anos mais tarde, tendo vagado a Reitoria do Colégio Pedro II, o imperador o convidou para assumir esse cargo. Não o aceitando, Abílio foi pessoalmente agradecer a honrosa distinção. [...] No dia 30 de julho de 1881 recebeu, por decreto imperial, o título de Barão de Macahubas. No ano seguinte foi enviado, como delegado do Brasil, ao Congresso Pedagógico Internacional de Buenos Aires.[112]

Mais tarde, abriria ainda outras duas instituições de ensino, no Rio de Janeiro (onde Raul Pompéia foi aluno) e em Barbacena. Ainda sobre Abílio e suas realizações, Maria de Lourdes Mariotto Haidar traça as seguintes considerações:

> Disciplina branda, novos processos para a aprendizagem da leitura, métodos renovados para o estudo das línguas vivas, grande preocupação com o vernáculo, tais foram as principais inovações que então introduzidas por Abílio no Ginásio Baiano, cedo repercutiram por todo o Império.[113]

Abílio César Borges teve como alunos em suas instituições meninos que no futuro ganhariam destaque intelectual. É o caso de Castro Alves e de Rui Barbosa,

---

[110] Isaías ALVES, *Vida e obra do Barão de Macahubas*, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942, p. 55.
[111] ibid., p. 186.
[112] Dermeval SAVIANI, *História das ideias pedagógicas no Brasil*, Campinas: Autores associados, 2008, p. 145.
[113] Maria de Lourdes Mariotto HAIDAR, *O ensino secundário no Brasil Império*, São Paulo: Edusp, 2008, p. 171.

por exemplo. Quis o acaso, porém, que outro escritor que havia sido aluno de Abílio se tornasse também figura notável no campo literário, e que sua trajetória acabasse de certa forma se cruzando com Pompéia. É o caso de Luiz Edmundo. O cronista seria eleito em 1944 para ocupar a cadeira 33 da Academia Brasileira de Letras, cadeira da qual, coincidentemente, Raul Pompéia é o patrono.

No seu discurso de posse, Luiz Edmundo faz menção à obra de Pompéia, exaltando Abílio e denunciando a injustiça cometida pelo escritor:

> a obra é das mais formosas que eu conheço, porém dissora um pegajoso fel de mau humor e de injustiça. Fui aluno de Abílio César Borges, Barão de Macaúbas. Não sei quem no Brasil melhor mereça os loiros de grande educador que lhe cercavam a fronte, de um outro que tão alto elevasse entre nós os sãos princípios da pedagogia. Era pai e era mestre. Conheci-o de perto.[114]

Sendo assim, Abílio César Borges, inspiração para Raul Pompéia construir seu personagem, foi uma figura que a historiografia educacional consagrou como exemplo de educador moderno. Ao seu lado, outros educadores contemporâneos a ele, também proprietários de escolas e também protagonistas no ensino secundário particular oitocentista, são reconhecidos com grande valor. É o caso de Joaquim José de Menezes Vieira e João Pedro de Aquino. Para Fernando de Azevedo, "esses três grandes batalhadores em prol da elevação dos estudos no Brasil e da renovação dos métodos do ensino"[115]

Embora o período do século XIX seja normalmente caracterizado pela historiografia educacional tradicional como um período em que houve raras iniciativas educacionais significativas, haveria a exceção de algumas figuras proeminentes, como as acima citadas.

De qualquer modo, há que se entender a posição ideológica de Raul Pompéia como condicionante para sua caracterização do personagem Aristarco. Pompéia, ao que tudo indica, teve a intenção de fazer críticas severas à sociedade da época e ao sistema educacional por meio de sua obra, e, para tanto, sugeriu um diretor autoritário e arrogante, certamente inspirado em Abílio, mas não necessariamente uma representação do indivíduo Abílio, como sujeito historicamente existente. Logo, precisa-se entender a caracterização do personagem sob um ponto de vista mais complexo. No entender de Mikhail Bakhtin:

---

[114] Luiz EDMUNDO, *De um livro de memórias – volume 1,* Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1958, p. 244.
[115] Fernando de AZEVEDO, *A transmissão da cultura: terceira parte de A cultura brasileira*, p. 99.

> O autor não encontra de imediato para a personagem uma visão não aleatória, sua resposta não se torna imediatamente produtiva e de princípio, e do tratamento axiológico único desenvolve-se o todo da personagem: esta exibirá muitos trejeitos, máscaras aleatórias, gestos falsos e atos inesperados em função das respostas volitivo-emocionais e dos caprichos de alma do autor; através do caos de tais respostas, ela terá de inteirar-se amplamente da sua verdadeira diretriz axiológica, até que sua feição finalmente se constitua em um todo estável e necessário. Quantos véus necessitamos tirar da face do ser mais próximo – que nela foram postos pelas nossas reações casuais e por nossas posições fortuitas na vida –, que nos parecia familiar, para que possamos ver-lhe a feição verdadeira e integral. A luta do artista por uma imagem definida da personagem é, em um grau considerável, uma luta dele consigo mesmo.[116]

Ou seja, a construção da identidade de um personagem por um artista não se faz sem que haja uma elaboração complexa, uma "luta" segundo Bakhtin.

Por outro lado, o que reforçaria a ideia de que Aristarco se aproxima do real Abílio, é que as pesquisas confirmam também a existência de evidentes aproximações entre elementos ficcionais descritos por Pompéia e elementos da vida real. Maria de Lourdes Mariotto Haidar conta que Abílio, agindo como o personagem criado por Pompéia:

> distribuía gratuitamente pelas escolas públicas e particulares dos quatro cantos do Império centenas de milhares de seus livros de leitura, de suas gramáticas e das demais obras didáticas que compusera ou traduzira. Testemunhou tal fato até mesmo a pena implacável de Raul Pompéia, ao ridicularizar a munificência de Abílio encarnado na triste figura de Aristarco Argolo Ramos [...] A ironia do autor de *O Ateneu*, contudo, deixa incontestes os fatos. Na verdade, não eram apenas as escolas públicas da Corte e das capitais das Províncias que recebiam, aos milhares, os donativos do Barão de Macahubas. A prodigalidade de Abílio, exuberantemente divulgada pelos jornais da Corte e periódicos provinciais, estendia-se às mais remotas e humildes localidades do Império.[117]

Não é só. Na comparação entre Ateneu e Colégio Abílio, ou entre Aristarco e Abílio:

> Assemelham-se as solenidades da entrega de prêmios, as reclamações de Aristarco pelo não reconhecimento de seus sacrifícios, os discursos contra a imoralidade, a erudição do diretor, as aulas de ginástica, os aparelhos modernos do internato, as missas nos domingos, a biblioteca, as festas literárias etc.[118]

Por fim, uma citação de Carl Von Koseritz, quando da Primeira Exposição Pedagógica no Rio de Janeiro em 1883, nos traz uma imagem que faz remeter a Aristarco, na sua caracterização de Abílio: "Menezes Vieira será feito barão, como

---

[116] Mikhail BAKHTIN, *Estética da criação verbal.* São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 4.
[117] Maria de Lourdes Mariotto HAIDAR, *O ensino secundário no Brasil Império*, p. 196.
[118] Diane VALDEZ, *A representação de infância nas propostas pedagógicas do Dr. Abílio César Borges*, p. 184.

Abílio? Não o creio, pois ele não sabe se exibir tão bem como o outro, que desta vez passará seguramente a visconde"[119]

Ainda a respeito dessas aproximações inevitáveis entre ficção e vida real, Camil Capaz coloca que:

> Tentar conhecer a vida de interno do menino Raul através da leitura de *O Ateneu*, livro publicado quase um lustro mais tarde, sempre foi uma missão tentadora e largamente tentada ao longo dos anos por ensaístas e biógrafos, numa empreitada cercada de dificuldades e sempre desafiadora, num romance autobiográfico, de imaginário muito rico, no qual nem sempre é fácil separar os dados biográficos das fantasias difusas na camada ficcional.[120]

Ou seja, ainda que o romance tenha de fato um caráter autobiográfico, é preciso que não se caia em tentativas simplificadoras de reduzir personagens ou situações a relatos memorialísticos ou autobiográficos, por se tratar, em primeiro lugar, de um texto de ficção.

Quanto à questão do romance autobiográfico, sempre são válidos os escritos de Lejeune. Para ele, o romance autobiográfico está presente nos "textos de ficção em que o leitor pode ter razões de suspeitar, a partir das semelhanças que acredita ver, que haja identidade entre autor e personagem, mas que o autor escolheu negar essa identidade ou, pelo menos, não afirmá-la."[121]

Seria, desta forma, o caso de "O Ateneu". Contudo, para Lúcia Miguel Pereira essa discussão sobre a questão autobiográfica não tem muita importância:

> No momento há de ter sido de grande interesse descobrir os traços de semelhança entre o Ateneu e o seu modelo, saber até que ponto no narrador se encarnara o autor. Hoje já não importam tais indagações. Não sofrendo dos defeitos tão comuns nas obras intencionais, o livro como que se desprendeu completamente das circunstâncias de que se originou.[122]

Para Fábio Lucas, essa questão tem relevância, já que os discursos do autor e do narrador podem ter importantes pontos de contato, o que facilitaria o entendimento das condições de produção do romance. O autor coloca que "O rosto de Pompéia se descobre aqui e ali no discurso de Sérgio, cuja autonomia não raro se apaga para que se manifestem as suscetibilidades e obstinações do autor."[123]

---

[119] apud Maria Helena Camara BASTOS, *Pro patria laboremus: Joaquim José de Menezes Vieira (1848-1897)*, Bragança Paulista: EDUSF, 2002, p. 50.
[120] Camil CAPAZ, *Raul Pompéia: biografia*, p. 14.
[121] Philippe LEJEUNE, *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*, Belo Horizonte: UFMG, 2008, p. 25.
[122] Lúcia Miguel PEREIRA, *História da Literatura Brasileira – prosa de ficção de 1870 a 1920,* Rio de Janeiro: José Olympio, 1973, p. 108.
[123] Fabio LUCAS, As várias faces de Raul Pompéia, *Remate de Males*, Campinas, n. 15, 1995, p. 29.

Ainda dentro da discussão, há indícios que poderiam atestar que Raul Pompéia não teria uma intenção explícita de caracterizar, na figura de Aristarco, o diretor Abílio, afastando a ideia da hipótese autobiográfica.

Em primeiro lugar, é significativa a nota anônima de apresentação da obra encontrada no periódico "Gazeta de Notícias", onde "O Ateneu" foi primeiramente publicado: "quem encontrar neste livro personagem a que dê um nome conhecido, calunia o autor, ou mostra desconhecer o que é um trabalho artístico; traços desta ou daquela individualidade, isso sim, isso fez o autor, e o declara."[124]

O autor anônimo (possivelmente o próprio Pompéia) admite o uso de traços de personalidades reais na elaboração dos personagens fictícios, mas não admite que algum dos personagens seja entendido como uma representação de uma figura do mundo real.

Já em 1891, quando da ocasião da morte de Abílio Cesar Borges, Raul Pompéia dedica-lhe algumas palavras. Vale a pena transcrever o trecho completo:

> Sábado, deixou de existir o Dr. Abílio Cesar Borges, Barão de Macaúbas, que foi com justiça o mais considerado dos educadores da mocidade brasileira.
>
> Cheio de entusiasmo pelas reformas liberais do ensino o Diretor do afamado Ginásio Baiano e do Colégio Abílio foi um propagandista ardente e eficacíssimo do melhoramento das condições do ensino primário e secundário; e os consideráveis estabelecimentos que por longos anos, sob a direção dos seus ativos e zelosos cuidados distribuíram educação e ensino a um sem-número de rapazes, poderão em todo o tempo ser admirados como modelos e os mais perfeitos que na melindrosa espécie pedagógica dos internatos se conseguiria instituir.
>
> Significando uma fecunda existência de trabalhos e dedicação pela causa sagrada da educação popular, seu nome será sempre lembrado em grata e luminosa recordação.[125]

Segundo Camil Capaz, então, em Aristarco não estaria apenas Abílio, mas muitos de seus "mestres":

> É o Mestre, a representação do poder no internato, e nele o romancista colocou em proposital conúbio todos os professores e bedéis de sua aversão, do primário à faculdade, e não foram poucos, pois Pompéia sempre viveu às turras com vários deles nos diversos estabelecimentos que frequentou. Num sentido largo, ele representa a escola retrógrada, contaminada pela herança colonial do carrancismo e pela instituição da escravidão que se espalhava como chaga exposta pela vida social do Império. Em razão disso, Aristarco não é um diretor, qualquer diretor especificamente.[126]

---

[124] apud Lêdo IVO, *O universo poético de Raul Pompéia,* p. 61.
[125] Raul POMPÉIA, *Obras (organização de Afrânio Coutinho),* v. 9, p. 168.
[126] Camil CAPAZ, *Raul Pompéia: biografia*, p. 119.

Quanto a esta afirmação sobre a vida de Raul Pompéia e sua constante relação conflituosa com seus mestres, Laura Hosiasson tece o seguinte comentário: "Já, em 1873, com apenas dez anos de idade, e enquanto era ainda aluno do colégio Abílio, ele redigia e ilustrava um pequeno jornal interno onde caricaturizava e ironizava o pessoal do internato."[127]

Outros críticos, porém, tentam enxergar em Aristarco a projeção da autoridade paterna, com a qual Pompéia manteve uma relação conflituosa. É o caso de Fábio Lucas: "Pompéia manteve relação contraditória com o pai e projetou na personagem Aristarco, de *O Ateneu*, os mesmos sentimentos de repulsa e de encantamento que devotava à figura paterna"[128]

Também nesse sentido, Eugênio Gomes coloca que "sua revolta [a de Pompéia] descarrega-se toda contra a autoridade paterna transferida para o educador"[129]

Há também os que veem em Aristarco uma crítica à figura de D. Pedro II. Ainda que existam momentos no romance em que Aristarco assume características próprias de um monarca, essa associação não seria tão coerente com a postura política do escritor, que não chega a assumir uma ideologia contrária à monarquia em seus escritos. O mais provável é que Pompéia tivesse intenção de, em sua crítica social, utilizar Aristarco como uma personagem porta-voz de discursos a serem colocados em questionamento, seja em relação à educação, ou à sociedade como um todo.

Para uma análise mais atenta desses questionamentos, encontram-se, dentro da produção escrita de Raul Pompéia, alguns textos que remetem à temática da educação e da infância, e que reforçam algumas ideias que Pompéia tenta passar sobre a educação e a sociedade de seu tempo, conforme se pode observar nos trechos a seguir, onde se nota, sobretudo, sua preocupação com a infância:

> há um sem número de meninos e meninas fora de circunstâncias de prover à própria subsistência pelo trabalho, que padecem as desumanas consequências desse hábito de crueldade: são os forçados dos serviços leves, pobrezinhos, para os quais já servem desde os 3 anos.[130]

---

[127] Laura HOSIASSON, *Disciplinas e indisciplinas no Ateneu* in Leyla PERRONE-MOISÈS, *O Ateneu: retórica e paixão*, São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 70.
[128] Fabio LUCAS, *As várias faces de Raul Pompéia*, p. 15.
[129] Eugênio GOMES, *Aspectos do romance brasileiro*, Salvador: UFBA, 1958, p. 151.
[130] Raul POMPÉIA, *Obras (organização de Afrânio Coutinho)*, v. 9, p. 64

> Pelo dever da distribuição igual da filantropia, primeira qualidade de um governo digno de governar, deve-se tratar das condições das crianças que são forçadas a viver do seu trabalho.[131]
>
> pena é que ao arbítrio dos estados se faculte a organização do primeiro ensino público, tão geralmente, tão comumente e tão igualmente necessário em todas as circunscrições políticas da nacionalidade[132]

Em texto publicado em um jornal manuscrito ainda quando aluno do Colégio Abílio, em 1874, Raul Pompéia, então com onze anos e já com grande espírito crítico, escreve:

> Chegou o fim do ano! chegou! E o fim do ano é a separação dos colegas, é a rutura do estreito laço do coleguismo. [...] Segundo o alto entender de certos professores que podem ser qualificados de tudo menos de justiceiros os bancos de honra são concedidos somente aos seus íntimos ou não são concedidos a quem os merece.[133]

Outro texto que remete à questão educacional é o seguinte excerto, em que Pompéia desabafa contra muitos de seus mestres:

> O mestre de Latim é geralmente uma das lembranças mais desagradáveis da nossa mocidade. Em regra pretensioso, obeso de importância, muito cheio de saber e solene como deve ser um grosso volume de erudição, o mestre de Latim desdenha o aluno de toda a eifelesca atitude de sua enorme capacidade. Miserável criatura, o aprendiz do *hora horae*, que perante o sábio dos sábios, nem sequer é um sábio! A aproximação desses mastodontes de competência de pobres crianças que apenas começam a disciplina, e mais a sério o seu espírito, ocasionam um contraste de proporções intelectuais um desnivelamento tão brusco no plano de intimidade afetuosa e confiança que por vantagens do ensino se tem de estabelecer entre o mestre e o discípulo, que não sabemos se exalta e vale consideração ao mestre, mas oprime e deprime o discípulo.[134]

Por fim, há também um texto em que Raul Pompéia, de modo poético, saúda a chegada das férias escolares.

> Chega o encerramento dos tediosos trabalhos da escola e abrem-se os lares maternais, em um grande esplendor convidativo de brilhantes cofres de confeitos e áureos adereços de árvores do natal e turbilhões de anjinhos de cromo.
>
> Quando estamos longe das inacabáveis lições a hora certa, quando é forçoso suportar os mestres e as mestras, fatigantes nas suas cóleras mais ou menos contrafeitas, ainda mais desagradáveis nas suas carícias, tão diferentes do amor da família, como os ademanes rinchados de um manequim de pau são diferentes da gesticulação natural dos gestos da vida!
>
> Não mais a noção imposta do dever, tão grande encargo para as conscienciasinhas frágeis dos seis anos. Não mais as brutais tarefas, por mais reduzidas que sejam, e de qualquer espécie, e de qualquer intuito pedagógico, sem proveito algum senão como lição de amargura para a existência mais tarde.

---

[131] Raul POMPÉIA, *Obras (organização de Afrânio Coutinho)*, v. 9, p. 66
[132] ibid., v. 9, p. 150
[133] ibid., *v. 10*, p. 270.
[134] ibid., *v. 9*, p. 267

> Eis chegadas as festas e as férias, a proclamação da inteira liberdade para os meninos, quando a ninguém se dá satisfação senão a si próprio e enquanto satisfação é sinônimo de prazer; quando a casa toda nos pertence, tanto ao contrário da escola com os seus salões e corredores obrigados e a proibição de entrar na sala dos mestres; quando, no jardim nos é permitido correr ao sol, pisar a grama, arrancar as flores e perseguir-mos amiguinhos e amiguinhas com punhados de rosas e malmequeres; quando, no êxtase de nada fazer, só se nos faz lembrado o tempo pelas merendas de doces como um horário de açúcar.[135]

Ou seja, percebe-se que Raul Pompéia muitas vezes mostrou preocupação com a temática da educação e da infância, podendo, então, "O Ateneu" ser considerado um romance em que suas ideias sobre o assunto pudessem vir à tona.

Há mais um escrito em que a temática da escolarização aparece. É um texto pouco divulgado, romance publicado no Jornal do Comércio em 1883, chamado "A mão de Luís Gama". Interessante notar que uma das personagens principais, uma menina, passa pela experiência do internato, do mesmo modo que Sérgio:

> Estivera quatro anos num colégio das Laranjeiras, onde adquirira maus modos, onde vira brincos grosseiros, meninas fazerem de rapaz, passeando, à noute, pelos dormitórios, com as calças do filho da diretora, que haviam descoberto não sei como, e que ficavam-lhes muito apertadas nas pernas e muito largas no cós; a Fonsequinha, que era delicada de corpo, parecia mesmo um rapaz; namorava as outras, uma pândega!...[136]

De qualquer maneira, a temática de "O Ateneu" é uma constante nos escritos de Pompéia. A questão sobre seu caráter autobiográfico é inevitável, porém a análise da obra não se esgota nessa questão. Na verdade, a respeito da recepção do romance "O Ateneu", pela crítica literária nem sempre se levou em conta tal debate. Para Curvello, "seus primeiros críticos e contemporâneos como Capistrano de Abreu e principalmente Araripe Júnior deram pouca importância ao corte autobiográfico, esmiuçando mais os aspectos estéticos do romance"[137]

Importante intérprete literário, Mário de Andrade, por sua vez, escreveu um ensaio crítico a respeito da obra de Raul Pompéia que se tornou uma referência obrigatória a partir de então. O ensaio de Mário de Andrade considera o romance uma vingança pessoal do autor com relação a um caso específico:

> O Ateneu é um livro de vingança pessoal. Contra a vida?... Contra o internato que lhe desorientou o desejado destino?... Contra si mesmo?...[...] O Ateneu castiga o regime dos internatos. Dos internatos exatamente? Não. Um internato errado que se individualiza logo, é o Ateneu [...] O Ateneu se restringe às proporções menos sociais e mais individualistas de um 'caso'[138]

---

[135] Raul POMPÉIA, *Obras (organização de Afrânio Coutinho)*, v. 9, p. 463.
[136] ibid., v. 10, p. 239
[137] Mario CURVELLO, *Uma personalidade em conflito*, p. 100.
[138] Mario de ANDRADE, *Aspectos da literatura brasileira*, São Paulo: Martins, 1974, p. 179-180.

Contudo, para Lêdo Ivo, o texto de Mário de Andrade "mereceria uma longa e desdobrada refutação"[139], já que não considera o exposto em "O Ateneu" uma simples vingança pessoal de uma situação vivida pelo autor.

Mário Curvello também critica a posição de Mário de Andrade:

> Como divulgador da literatura, Mário de Andrade não deixou de enfatizar no ensaio o 'escândalo autobiográfico' de *O Ateneu*. Para ele, Raul Pompéia e Sérgio são a mesma pessoa, o romance a arma com que Pompéia se vinga da sociedade [...] Mário de Andrade traz polêmicas, apressa hipóteses sobre a psique de Raul Pompéia: preconceitos sexuais, taras e vícios. É cáustico com o autor. Às vezes é tão fantástico no seu psicobiografismo, que nada considera dos outros aspectos da vida do escritor. Há uma antipatia visível do criador de Macunaíma pela personalidade de Raul Pompéia.[140]

Além disso, outra questão constante entre os críticos literários foi a busca de um enquadramento estilístico do romance. Ainda que não esteja dentro dos objetivos do presente trabalho discutir a fundo essa questão, é importante lembrar que o romance apresenta traços que poderiam fazer com que fosse inserido em diversas correntes literárias, seja no Realismo, no Naturalismo, no Simbolismo ou no Impressionismo. Os críticos divergem quanto ao enquadramento, mas são unânimes em afirmar o valor estético da obra.[141]

Marciano Lopes e Silva faz uma breve retrospectiva crítica do "O Ateneu", na qual elenca os diferentes enquadramentos estilísticos feitos pelos críticos literários:

> A recepção a *O Ateneu* apresenta posicionamentos críticos que o colocam nos pólos do campo literário vigente no final do século XIX. De um lado, é visto como expressão do Realismo ou do Naturalismo; de outro, como expressão do Simbolismo ou dos últimos lamentos do Romantismo. Em meio, situa-se sua inserção no Impressionismo[142]

Marciano cita também os principais críticos. Alfredo Bosi, Massaud Moisés e Roberto Schwarz estão entre os que consideram o romance como pertencente ao Realismo, ainda que façam ressalvas. José Veríssimo, Mário de Andrade, Flávio Loureiro Chaves e João Alexandre Barbosa colocam o romance como sendo naturalista. Andrade Muricy, Sônia Brayner, Xavier Placer, Agripino Grieco, Afrânio Coutinho e José Guilherme Merchior apontam o romance como sendo impressionista. Para Maria Luiza Ramos, Lêdo Ivo e José Aderaldo Castello o

---

[139] Lêdo IVO, *O universo poético de Raul Pompéia*, p. 21
[140] Mario CURVELLO, *Uma personalidade em conflito*, p. 101.
[141] Nesse sentido, cf. Caio GAGLIARDI, *Singularidades de Raul Pompéia* in Raul POMPÉIA, *O Ateneu*, São Paulo: Hedra, 2008, passim.
[142] Marciano Lopes e SILVA, Por uma revisão crítica da obra de Raul Pompéia, *Acta Scientiarum*, Maringá, v. 23, 2001, p. 110.

romance é pertencente ao Simbolismo. Já Lúcia Miguel-Pereira, Eugênio Gomes, Araripe Junior, Sílvio Romero, José Lopez Heredia e Leyla Perrone-Moisés não consideram que o romance possa ser enquadrado em apenas uma dessas escolas literárias.

Todavia, algumas das últimas análises literárias fazem o enquadramento do romance na perspectiva do romance de formação[143], como Fabio Lucas:

> autêntico romance de aprendizagem ou de desenvolvimento, com toda a sua roupagem de cultura e de processos civilizatórios. Romance da idade em que o homem se forma, expõe a caminhada interior percorrida pelo narrador, enquanto se realiza o progresso da personagem.[144]

A recepção do romance trouxe grandes debates e contribuições desde o início dentro do campo literário, o que fez com que os estudos a respeito da obra e do autor ganhassem ímpeto com o passar dos anos.

De enorme valor foi a elaboração de uma coletânea de obras completas de Pompéia, no início dos anos 1980, por parte de Afrânio Coutinho. São dez volumes, em que se encontra toda a produção de Raul Pompéia. Os dois primeiros volumes são dedicados a seus romances (“Uma tragédia no Amazonas”, “Jóias da Coroa” e “O Ateneu”). O terceiro volume contém os contos por ele escritos. O quarto volume refere-se ao seu conjunto de poemas em prosa, denominado “Canções sem metro”. Do quinto ao nono volume encontram-se todas as crônicas publicadas em jornais, o que se constitui na maior parte da produção do autor. O último volume (“Miscelâneas”) contém textos de crítica de arte, notas íntimas, entre outros escritos.

Na introdução do volume dedicado a “O Ateneu” (volume 2), encontram-se informações muito relevantes quanto ao histórico de publicações da obra.

Inicialmente publicada em folhetim na “Gazeta de Notícias”, entre 8 de abril e 18 de maio de 1888, foi no mesmo ano transformada em livro. Em 1894, Pompéia vendeu os direitos do livro, com uma série de modificações à editora Francisco Alves, que tinha certa tradição em publicações de livros didáticos, ou dedicados à educação, sendo a primeira editora brasileira a privilegiar essa linha editorial. A

---

[143] Sobre o romance de formação, Mikhail BAKHTIN, *Estética da criação verbal*, p. 220: “Em contraposição à unidade estática, aqui se fornece a unidade dinâmica da imagem da personagem. O próprio herói e seu caráter se tornam uma grandeza variável na fórmula desse romance. A mudança do próprio herói ganha significado de enredo e em face disso reassimila-se na raiz e reconstrói-se todo o enredo do romance.”

[144] Fábio LUCAS, *As várias faces de Raul Pompéia*, p. 18. Nesse sentido, também cf. Danilo Oliveira NASCIMENTO, *Dossiê Sérgio: O Ateneu como romance de formação,* Campinas: UNICAMP, 2000 (dissertação de mestrado).

editora também publicava obras literárias por iniciativa própria, dando atenção a autores desconhecidos.[145]

O livro seria lançado novamente somente em 1905, dez anos após a morte de Pompéia, constando as modificações do autor e também as imagens que o autor, exímio desenhista, produziu para o livro.

Sobre as ilustrações que Pompéia produziu para a obra, Afrânio Coutinho comenta:

> As caricaturas e desenhos de Pompéia constituem notável amostra do gênio visual do artista, por si mesmos dignos da maior admiração, pela contribuição que encerram ao conhecimento e interpretação do gênio de um artista, na mais elevada significação da palavra.[146]

No mesmo sentido, vêm as palavras de Mario Barata, que destaca a importância histórica dessas ilustrações:

> Aumentando ou realçando o valor dessas ilustrações, está o destaque que merecem em face da raridade, no séc. XIX brasileiro, de Corpus de desenhos ilustrativos ou fixando a nossa vida cotidiana. [...] As fotografias da época mostram às vezes o cotidiano urbano, mas raramente um cotidiano intimista e animado como o da vida de um colégio interno e o dos sentimentos discretos dos escolares ou a crítica acerba do autoritarismo de um famoso diretor de instituição educativa.[147]

A respeito da edição de 1905, os estudos de Afrânio Coutinho percebem que: "não obstante a declaração da Francisco Alves de que a segunda edição (1905) foi feita 'conforme os originais e desenhos deixados pelo autor', tal afirmação é de todo em todo contestável, não merecendo a edição de 1905 a menor confiança"[148]

Isso porque entre o texto estabelecido pelo autor e entregue à editora em 1894 e o texto publicado em 1905, constavam 355 modificações. Como o texto era enviado à Europa para ser impresso, até para baratear os custos de produção, Afrânio explica:

> Aparece aí, em Paris ou Lisboa, a figura de um revisor – português, não resta dúvida – que teria sido o responsável pela revisão do texto, dito 'definitivo' (1905). [...] O revisor fez o que quis com o texto. Não somente

---

[145] Sobre a Francisco Alves, cf. Laurence HALLEWELL, *O livro no Brasil: sua história*, São Paulo: Edusp, 2005, p. 280-288.
[146] Afrânio COUTINHO, *Introdução geral* in Raul POMPÉIA, *Obras (organização de Afrânio Coutinho)*, v.1, p. 11.
[147] Mario BARATA, *Posição estética dos desenhos de Raul Pompéia* in Raul POMPÉIA, op. cit., v. 10, p. 442. A respeito dos desenhos, há também o estudo de José Paulo PAES, *Sobre as ilustrações do Ateneu* in José Paulo PAES, *Gregos & Baianos,* São Paulo: Brasiliense, 1985.
[148] Afrânio COUTINHO, *Introdução: o texto de "O Ateneu"* in Raul POMPÉIA, op. cit., v.2, p. 11.

> desobedeceu a muitas indicações do autor (então falecido), como também introduziu inúmeras modificações de toda a sorte na escrita de Pompéia.[149]

Após a edição de 1905, muitas outras vieram. A própria Francisco Alves publicou novamente o livro em 1912, 1921, 1923 e 1926 (todas impressas em Paris). Mais tarde, já com edições feitas no Rio de Janeiro, o livro volta a ser publicado em 1936, 1938, 1942, 1944, 1947 e 1949. Em 1955, caindo a obra em domínio público, pois se passavam 60 anos da morte do autor, o livro passou a ser publicado incontáveis vezes, por diversas editoras.

Foi só a partir dos anos 1970 que estudos realizados por Afrânio Coutinho, Teresinha Bartolo e Maria Figueiras trouxeram à tona a questão das duas versões do texto. De lá para cá, coexistem ambas as versões. No presente trabalho, segue-se a versão publicada pela Ateliê Editorial em 2005, com as ilustrações de Raul Pompéia, e de acordo com a versão que hoje é considerada original, pois não contém as modificações feitas pelo revisor europeu, prevalecendo a vontade do autor.

Em 1980, a obra de Raul Pompéia ganhou sua primeira tradução para língua estrangeira, o francês. Além disso, a obra foi objeto de inúmeras adaptações para outras linguagens, como o teatro, a televisão e as histórias em quadrinhos.

Em 1979, a Rede Globo de Televisão produz uma telenovela denominada “Memórias de Amor” que tem por base “O Ateneu”. É uma adaptação livre do enredo e que acabou modificando bastante o livro para atender às exigências televisivas. O novelista foi Wilson Aguiar Filho, que, em uma entrevista à Folha de São Paulo, explicou a adaptação:

> Eu sigo o livro o mais que posso, mas é evidente que tenho que enxertar muita coisa, já que o livro tem 200 páginas e a novela tem 120 capítulos. O Sérgio passou para um segundo plano, concordo, mas seu comportamento é igual ao descrito por Pompéia. A única alteração nesse sentido foi o par amoroso que fui obrigado a lhe dar e que será interpretado pela Miriam Rios. Quanto ao Jorge, a explicação é simples: toda novela precisa ter uma trama amorosa forte. Essa não é apenas uma exigência da TV Globo, mas do público, também. Novela sem trama amorosa, ninguém vê.[150]

Além disso, o romance foi objeto de diversas adaptações para o teatro. Uma dessas montagens, sob direção de Carlos Wilson Silveira, foi bastante premiada, nos anos 80.

---

[149] Afrânio COUTINHO, *Introdução: o texto de “O Ateneu”* in Raul POMPÉIA, *Obras (organização de Afrânio Coutinho)*, v.2, p 12.
[150] *Folha de São Paulo*, 18 abr.1979, p. 40.

Em 1995, a revista “Remate de Males”, do departamento de teoria literária da Unicamp, fez uma edição comemorativa em respeito ao centenário da morte de Raul Pompéia. Nela, além de artigos referentes à vida e obra do autor, destaca-se um texto de Antonio Arnoni Prado, que seria um texto de dramaturgia que relaciona a temática do romance com o contexto da Ditadura Militar no Brasil.

Outra publicação a respeito de “O Ateneu” que precisa ser destacada é o livro paradidático da coleção “Descobrindo os clássicos” da Editora Ática “Onde fica o Ateneu?” do escritor Ivan Jaf. É uma narração a respeito de um detetive particular que, recebendo uma proposta de trabalho, se vê obrigado a se debruçar sobre a vida e obra de Raul Pompéia, e tem sua vida alterada a partir daí. É uma obra que serve de iniciação à leitura do romance.

Mais recentemente, duas publicações importantes surgiram. São duas adaptações para os quadrinhos da obra de Raul Pompéia. Uma delas, publicada em 2010 pela Editora Escala Educacional, com adaptação de Ronaldo Antonelli e ilustrações de Bira Dantas. A outra, publicada em 2012 pela Editora Ática, com ilustrações de Marcello Quintanilha, contém trechos do texto original.

Em suma, nos últimos anos, o romance continua a ser publicado, adaptado, referido e revisitado, tendo-se firmado definitivamente como um clássico da literatura nacional.

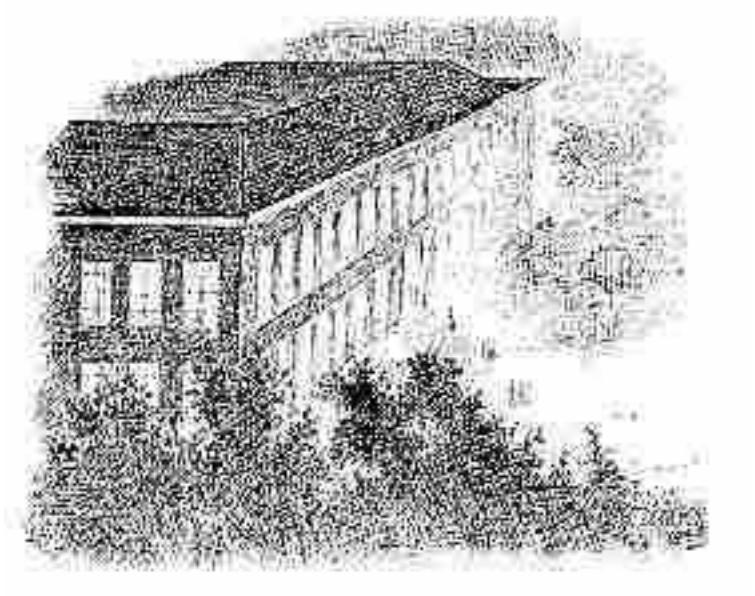


Figura 3 – Ilustração de Raul Pompéia para “O Ateneu”

2.3. “O Ateneu” – temas recorrentes

Faz-se necessária uma breve releitura do romance “O Ateneu” antes de se voltar os olhos a apropriações dele feitas dentro do campo educacional. Em primeiro lugar, cumpre dizer que a leitura de “O Ateneu” traz imagens nítidas de situações do cotidiano escolar que, ao tocar o leitor por meio da linguagem literária, remetem a questões fundamentais do comportamento humano e das relações sociais. Para José Lins do Rego:

> A figura do menino Sérgio de ‘Ateneu’, de Raul Pompéia, é a primeira figura de romance no Brasil que preocupa os especialistas em temperamento. Vê nele Araripe Júnior, grande crítico da época, ‘um composto de transfigurações dolorosas’. Sérgio não é um monstro, uma deformação ímpia de homem. É apenas um menino. E isto é o mesmo que dizer: um mundo inexplorado. Por isso o livro provocaria no Brasil tamanho sucesso. A vida da infância de cada brasileiro, aquilo que não se tomava a sério, porque não representava nada, de repente nos aparece como qualquer coisa de fundamental. A crítica que Pompéia pretendeu estabelecer contra a educação imperial se sumira diante do derrame de humanidade que transbordou do seu romance. A figura do próprio diretor do colégio, o solene Aristarco, de nariz adunco, gestos medidos, voz feita para dar ordens, a própria figura de Aristarco, chega em certo ponto a nos emocionar.[151]

Ainda que não se tenha neste trabalho a intenção de analisar a fundo o romance, e sim suas apropriações, cabe um breve olhar a alguns dos principais temas expostos e a trechos que chamam atenção.

Zenir Campos Reis fez, em um estudo sobre “O Ateneu”[152], uma divisão dos doze capítulos do romance que facilita a sua exposição. No primeiro capítulo, o narrador faz uma apresentação do colégio Ateneu e seus primeiros contatos com a instituição e com seu diretor, antes do início das aulas.

Entre o capítulo 2 e o capítulo 7, Sérgio conta suas impressões durante seu primeiro ano de aluno interno. Esta parte inicia-se no seguinte parágrafo: “Abriam-se as aulas a 15 de fevereiro. De manhã à hora regulamentar compareci”[153], e se encerra quando da descrição da exposição de desenhos feita no Colégio no final do ano.

O capítulo 8 inicia-se assim: “No ano seguinte, o Ateneu revelou-se-me noutro

---

[151] José Lins do REGO, O menino em Raul Pompéia*, Folha da manhã*, 01 ago. 1948, 3º caderno, p. 1.
[152] Zenir Campos REIS, *Opostos, mas justapostos* in Raul POMPÉIA, *O Ateneu*, São Paulo: Ática, 1996, p. 3.
[153] Raul POMPÉIA, *O Ateneu*, São Paulo: Ateliê Editorial, 2005, p. 59.

aspecto”[154]. Do capítulo 8 ao 11, Sérgio descreve os acontecimentos durante o seu segundo ano como interno, que se encerram com a festa de fim de ano e de distribuição de prêmios. Por fim, no capítulo 12, são descritos os últimos momentos do colégio, culminando no incêndio da instituição.

Alfredo Bosi assim se refere a “O Ateneu”:

> Eu não sei de outro romance em nossa língua em que se haja intuído com tanta agudeza e ressentido com tanta força o trauma da socialização que representa a entrada de uma criança para o mundo fechado de uma escola. [155]

De fato, sobram exemplos no romance de que a ruptura com o lar materno e a entrada para um mundo fechado e novo trazem amarguras e decepções ao menino Sérgio.

Logo no início do livro, Sérgio convida os leitores a acompanhar sua vida no internato colocando-a em contraposição à sua anterior vida de criança educada no ambiente doméstico:

> “Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, à porta do Ateneu. Coragem para a luta”. Bastante experimentei depois a verdade deste aviso, que me despia, num gesto, das ilusões de criança educada exoticamente na estufa de carinho que é o regímen do amor doméstico; diferente do que se encontra fora, tão diferente, que parece o poema dos cuidados maternos um artifício sentimental, com a vantagem única de fazer mais sensível a criatura à impressão rude do primeiro ensinamento, têmpera brusca da vitalidade na influência de um novo clima rigoroso. [...] eu estava perfeitamente virgem para as sensações novas da nova fase. O internato! Destacada do conchego placentário da dieta caseira, vinha próximo o momento de se definir a minha individualidade. Amarguei por antecipação o adeus às primeiras alegrias; olhei triste os meus brinquedos, antigos já! [156]

O excerto acima explicita como é brusco esse rompimento com o lar e como ficou marcado na memória de Sérgio esse momento de iniciação na vida adulta. Em contraposição ao carinho e aos brinquedos, a entrada para o desconhecido.

Para Lêdo Ivo, “os parágrafos iniciais de O Ateneu desdobram diante do espírito do leitor, toda uma visão do mundo, toda uma postulação trágica e cruel do ofício de viver.”[157]

De fato, o trecho mais conhecido e referido do romance é a frase inicial: “vais encontrar o mundo...”. Isso porque, nesse ponto, não é apenas discutida a questão

---

[154] Raul POMPÉIA, *O Ateneu*, p. 195.
[155] Alfredo BOSI, *Céu, Inferno – ensaios de crítica literária e ideológica*, São Paulo: Ed. 34, 2003, p. 51
[156] Raul POMPÉIA, *O Ateneu*, p. 39-41.
[157] Lêdo IVO, *O universo poético de Raul Pompéia*, p. 12.

da entrada da criança na escola e o trauma que representa a ruptura com o lar. O que mais chama atenção é que o autor (na voz do narrador-personagem) sugere que irá, por meio da descrição dos acontecimentos dentro do internato, trazer aos leitores parte de sua visão de mundo. Afinal, o "vais encontrar o mundo" ressoa por todo o romance.

Há outros exemplos na literatura brasileira que descrevem a entrada na escola de modo amargo. Podem-se indicar alguns exemplos, como no caso de Viriato Corrêa:

> A minha decepção começou logo que entrei. [...] meus olhinhos inquietos percorriam os cantos da sala, à procura de qualquer coisa que me consolasse. Nada. As paredes sem caiação, a mobília polida de preto – tudo grave, sombrio e feio, como se a intenção ali fosse entristecer a gente.[158]

Outra descrição que chama atenção é a de Máximo de Moura Santos, e, neste caso, pode-se notar a clara referência a "O Ateneu":

> Entrei para o quinto ano preliminar de um ginásio de padres. Rezávamos à entrada, rezávamos antes do recreio, depois do recreio e antes da saída. [...] Na turma havia grandes e pequenos; eu desconfiava dos grandes, a conselho de outros grandes dos quais desconfiava também. Mais tarde li o 'Atheneu' e me regozijei por ter nascido desconfiado.[159]

Quando da matrícula de Sérgio no internato Ateneu e de seu primeiro contato com o diretor Aristarco Argolo de Ramos, há outro momento simbólico em relação ao rompimento com o passado do menino:

> – Pois, meu caro Sr. Sérgio, o amigo há de ter a bondade de ir ao cabeleireiro deitar fora estes cachinhos...
>
> Eu tinha ainda os cabelos compridos, por um capricho amoroso de minha mãe. O conselho era visivelmente salgado de censura. O diretor, explicando a meu pai, acrescentou com o risinho nasal que sabia fazer: "Sim, senhor, os meninos bonitos não provam bem no meu colégio..." [160]

Os cabelos compridos representam a ligação de Sérgio com sua vida de criança. Cortá-los é separar-se de vez por todas da vida doméstica.

Após seu primeiro dia como interno, encontra-se Sérgio já desiludido com tudo o que ocorrera, um pouco antes de dormir:

> na cama de ferro do salão azul, compenetrado da tristeza de hospital dos dormitórios, fundos na sombra do gás mortiço, trincando a colcha branca, eu meditava o retrospecto do meu dia.

---

[158] Viriato CORRÊA, *Cazuza*, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1984, p. 28.
[159] Máximo de Moura SANTOS, *O professor Policarpo*, São Paulo: Francisco Alves, 1940, p. 46.
[160] Raul POMPÉIA, *O Ateneu*, p. 55

> Era assim o colégio. [...] Não havia mais a mão querida para acalentar-me o primeiro sono, nem a oração, tão longe nesse momento, que me protegia a noite como um docel de amor[161]

Pedro Nava, em sua obra "Balão cativo", em situação semelhante à de Sérgio, e, de certa forma, travando um diálogo com o texto de Pompéia, produz a seguinte passagem:

> Subitamente apagaram-se quase todas as lâmpadas e só ficaram acesos uns poucos globos azuis que espalharam no dormitório o bálsamo de uma claridade lunar. Os colegas começavam a dormir. *Alguns afetavam um esboço comovedor de sorriso ao lábio; alguns a expressão desanimada dos falecidos, boca entreaberta, pálpebras entrecerradas, mostrando dentro a ternura embaciada da morte.* Mas... com todos os diabos! isto é *Ateneu*, não é meu, é Chácara do Mata e nós estamos em meio século dos depois ou mais, estamos no Campo de São Cristóvão...
>
> Não dormi logo. Comecei a pensar naquele dia nefasto. A despedida de meu tio, à porta, tinha cem anos, jazia em passado remoto. No presente, como na selva do Dante, eu me sentia ostacolato da tre fiere – aquela lonza *Papai Basílio*, aquela lupa do Andréa e aquele Leone do Bello. E a paura no cor...[162]

Outra referência importante do momento da separação do menino em relação à vida doméstica está em "Doidinho" de José Lins do Rego, quando o narrador conta: "saí chorando. Era a primeira vez que me separava de minha gente, e uma coisa me dizia que a minha vida entrava em outra direção."[163]

Cumpre observar que essa ruptura forçada parece ser natural na vida das crianças de elite do Império. Os filhos ficavam muitas vezes distantes dos pais durante o período de sua educação, porque muitas famílias da elite agrária impunham uma reclusão a suas crianças e adolescentes, a fim de acostumá-los com os desafios da vida adulta, já que muitos acreditavam ser esse o melhor meio de educar seus filhos.[164]

Haveria, portanto, uma ideia corrente de que a vida em internato seria um mal necessário. Dr. Cláudio, personagem do romance, realiza no Ateneu algumas conferências. Em uma delas, quando discorre sobre o internato, pronuncia as seguintes palavras:

> Ilustrar o espírito é pouco, temperar o caráter é tudo. É preciso que chegue um dia a desilusão do carinho doméstico. Toda a vantagem em que se

---

[161] Raul POMPÉIA, *O Ateneu*, p. 75.
[162] Pedro NAVA, *Balão Cativo – memórias 2*, p. 284.
[163] José Lins do REGO, *Doidinho*, Rio de Janeiro: José Olympio, 2009, p. 30.
[164] cf. Ana Maria MAUAD, *A vida das crianças de elite durante o Império*, in Mary DEL PRIORE (org.), *História das Crianças no Brasil*, São Paulo: Contexto, 1999, passim.

> realize o mais cedo. [...] Ensaiados no microcosmo do internato, não há mais surpresas no grande mundo lá fora. [165]

Nota-se que a fala do Dr. Cláudio assemelha-se deveras com as seguintes palavras de Abílio César Borges:

> O colégio, meus amigos, é um mundozinho: é, a muitos respeitos, uma miniatura da grande sociedade, em que tereis de viver, ficardes homens. Como no grande mundo ou na grande sociedade, há no colégio um chefe e autoridades superiores e inferiores, às quais deveis obediência e respeito.[166]

Desta maneira, pode-se depreender que a ideia de internato era na época algo consolidado, e mandar os filhos ao internato era querer-lhes bem. Segundo os estudos de Gondra e Schueler, o internato foi um:

> Tipo específico de equipamento escolar que foi objeto de uma difusão geral, pois no correr dos anos houve a criação de internatos voltados para o atendimento da gente da 'boa sociedade', mas também para religiosos, idosos, abandonados, infratores, alcoólatras e dependentes químicos, estudantes rurais, alienados, crianças portadoras de necessidades especiais e formação de professores, para indicar alguns.[167]

Assim, houve no Brasil uma disseminação do modelo de internato durante o século XIX, o que indicava um reflexo daquilo que predominava no ensino europeu. Um trabalho fundamental a respeito do internato e do ensino secundário em Portugal é o de Jorge Ramos do Ó. Para esse autor, existia no período uma:

> necessidade de encontrar uma fórmula que permitisse enquadrar e controlar moralmente os estudantes. A figura do internato foi então a solução encontrada. De local de residência e estudo os colégios evoluíram para espaços físicos de clausura, inteiramente separados do resto do mundo por muros altos. Nesse regime, em tudo semelhante ao dos 'conventos regulares', os estudantes encontravam simultaneamente alimento 'material' e 'espiritual'. Uma formação integral. [...] E temos assim a primeira imagem da escola moderna: uma classe, uma sala e um professor. A paisagem pedagógica não mais abandonaria estas combinatórias quadriculares em que a razão parecia triunfar sobre a dispersão[168]

O mesmo autor prossegue em sua explanação a respeito do instituto do internato:

> O internato, solução organizacional arquetípica da escola moderna, concebido para promover o crescimento harmônico do aluno, acionando todas as suas faculdades e mobilizando-se para descortinar a sua idiossincrasia, foi-se afirmando ao longo de Novecentos propriamente como um palco onde se desenrolaram todo o gênero de encenações disciplinares,

---

[165] Raul POMPÉIA, *O Ateneu*, p. 247.
[166] apud Regina ZILBERMAN, Um assunto entre Pompéia e Abílio, *Remate de Males*, Campinas, n. 15, 1995, p. 82
[167] José Gonçalves GONDRA e Alessandra SCHUELER, Educação, poder e sociedade no Império Brasileiro, p. 108.
[168] Jorge RAMOS DO Ó, *O governo de si mesmo: modernidade pedagógica e encenações disciplinares do aluno liceal (último quartel do século XIX – meados do século XX)*, Lisboa: Educa, 2003, p. 166.

> concebidas sempre na dependência dos conceitos de autonomia e autogoverno.[169]

No caso brasileiro, e, mais especificamente, no caso do contexto de Pompéia, a evolução do ensino secundário percorreu uma trajetória particular. A formação dos liceus e ateneus a partir da iniciativa das províncias para atender a demanda ocorreu de modo vagaroso e muitas vezes inconsistente:

> Em algumas províncias foram criadas aulas avulsas, sem os requisitos exigidos, e em outras passou-se a esboçar tentativas de dar uma certa organicidade às aulas avulsas. Foram criados, então, alguns liceus, instituições surgidas pela influência cultural e educacional que a França exercia à época e voltadas para atender à classe mais abastada da população. Os primeiros foram os de Pernambuco, em 1826; o do Rio Grande do Norte, em 1835, e os da Paraíba e da Bahia, em 1836. Na realidade, esses 'liceus' apresentavam uma organização muito frágil; consistiam na reunião de aulas avulsas, ministradas em um local único, sem qualquer integração ou organicidade entre as cadeiras.[170]

Mais tarde, em 1837, é criado também o Colégio Pedro II, que serviria de padrão a ser seguido pelos estabelecimentos secundários em todo o país, servindo de base aos liceus e ateneus provinciais, tanto na questão do conteúdo e do currículo, como na organização e estrutura. O aluno que estudava no Colégio Pedro II tinha seu acesso garantido às instituições de ensino superior.

Com o tempo, surgiram também colégios particulares de ensino secundário. De qualquer jeito, os colégios públicos ou particulares reconhecidos como instituições de excelência invariavelmente eram aqueles que impunham um regime de reclusão aos seus alunos.

Nesse sentido, os estudos de Philippe Ariès sobre a condição da criança na modernidade são elucidativos:

> A diferença essencial entre a escola da Idade Média e o colégio dos tempos modernos reside na introdução da disciplina. Esta se estenderia gradualmente dos colégios às pensões particulares onde moravam os alunos, e, em certos casos, ao conjunto da cidade, embora na prática sem muito sucesso. Os mestres tenderam a submeter o aluno a um controle cada vez mais estrito, no qual as famílias, a partir do fim do século XVII, cada vez mais passaram a ver as melhores condições de uma educação séria. Chegou-se a aumentar os efetivos outrora excepcionais dos internos, e a instituição ideal do século XIX seria o internato, quer fosse um liceu, um pequeno seminário, um colégio religioso ou uma escola normal.[171]

---

[169] Jorge RAMOS DO Ó, *O governo de si mesmo: modernidade pedagógica e encenações disciplinares do aluno liceal (último quartel do século XIX – meados do século XX)*, p. 719.
[170] Ariclê VECHIA. *O ensino secundário no século XIX: instruindo as elites* in Maria Helena Camara BASTOS e Maria STEPHANOU (orgs.). *Histórias e memórias da educação no Brasil: volume II século XIX,* Petrópolis: Vozes, 2005, p. 82.
[171] Philippe ARIÈS, *História social da criança e da família*, Rio de Janeiro: LTC, 2006, p. 127.

Para o mesmo autor, ainda "passou-se a admitir que a criança não estava madura para a vida, e que era preciso submetê-la a um regime especial, a uma espécie de quarentena antes de deixá-la unir-se aos adultos."[172]

Voltando os olhos ao romance de Pompéia, e pensando no regime de internato a que os alunos estavam sujeitos, é válido relembrar outras passagens. Dona Ema é a mulher de Aristarco e uma das poucas personagens do romance vista com bons olhos pelo narrador. Por causa de seu caráter afetuoso, é para Sérgio e para os alunos como uma mãe substituta. Logo no momento da matrícula, Dona Ema "formulou sentidamente observações a respeito da solidão das crianças no internato"[173] ao pai de Sérgio.

O narrador põe em questão o tema da solidão das crianças por diversas vezes no texto. O fato de a escola ser fechada ao mundo exterior e das saídas dos alunos serem apenas quinzenais faz da escola uma espécie de "prisão" para crianças e jovens. Isso fica claro no trecho a seguir:

> A impaciência da expectativa de livramento fazia intolerável a reclusão dos últimos dias. [...] Eu, solitário, ia e vinha como os outros, percorrendo o pátio, marcando a bocejos os prazos alternados de impaciência e resignação, vendo pairar por cima do recreio um papagaio que soltavam meninos da rua para as bandas do Ateneu. Invejava-lhe a sorte, ao papagaio cabeceando alegre, ondeando a balouçar, estatelando-se no vento, pássaro caprichoso, dominando vermelho o vasto retângulo azul que as paredes cortavam no firmamento, solitário, solitário como eu, cativo também - mas ao alto e lá fora. [174]

Segundo Ana Maria Mauad, o sentimento de solidão e desconforto das crianças de elite no Império era uma constante e tinha como causas: a submissão permanente a normas de conduta rígidas, a pressão moralizante (muitas vezes advinda de uma forte presença de religiosidade), e o peso das responsabilidades do mundo adulto, além, é claro, do já citado distanciamento da família. [175]

Outro sentimento que Sérgio deixa transparecer em sua narração é a desilusão que ele tem logo a partir dos primeiros contatos com o colégio, o qual se mostra, cada vez mais, ao menino, um antro de perversidade e corrupção. Nos seguintes trechos, constata-se a súbita desilusão de Sérgio:

> Durante a primeira quinzena de colégio, o pensamento de um feriado e regresso à família inebriou-me como a ansiedade de um ideal fabuloso.

---

[172] Philippe ARIÈS, *História social da criança e da família*, p. 194
[173] Raul POMPÉIA, *O Ateneu*, p. 56.
[174] ibid., p. 177-178
[175] Ana Maria MAUAD, *A vida das crianças de elite durante o Império*, passim.

> Quando tornei a ver os meus, foi como se os houvesse adquirido de uma ressurreição milagrosa. Entrei em casa desfeito em pranto" [176]
>
> Não me enganavam mais os pequeninos patifes [...] Cada rosto amável daquela infância era a máscara de uma falsidade, o prospecto de uma traição. [177]

O narrador conta que suas expectativas antes da entrada para o colégio interno eram relativamente boas. No entanto, logo no primeiro dia, ele já começaria a notar alguns dos problemas existentes na instituição escolar, os quais o narrador irá denunciar durante toda a obra, fazendo uma constante contraposição com relação a toda a propaganda empregada pelo diretor e professores, os quais teriam criado em Sérgio uma expectativa positiva pelo internato.

Por outro lado, Luiz Edmundo, em suas memórias de aluno do Colégio Abílio, produz uma narrativa em que se posiciona em outro sentido em relação aos sentimentos despertados quando de seu ingresso à escola. Se, por um lado, também sofreu uma desilusão no primeiro contato com os colegas, foi acalentado por Abílio, e, a partir de então, seus sentimentos foram outros:

> Chorei. Chorava desencantado, completamente, do meu grande sonho, já detestando aquele éden que tanto me seduzira e que tanto eu ambicionara. Naquele instante um pensamento apenas me animava: fugir, desaparecer daquele torvo ambiente, sem demora, buscando o caminho de casa.
>
> Quando, porém, ia atravessando o grande salão de estudo, seguindo pelo corredor, em direção à porta de sair do colégio, senti alguém que me detinha e perguntava:
>
> – Que lhe fizeram? Por que está chorando? Diga!
>
> Era o Barão de Macaúbas.
>
> Em lágrimas, pus-me, então, a contar, penosamente, o que ocorria:
>
> – Estão rindo de mim, da minha roupa. Dizem que é feita de pele de urso e que uso manguinhas de mulher. [...]
>
> Dentro de alguns instantes, o amplo salão de estudo estava completamente cheio. Fez-se um grande silêncio e ouviu-se, aí, a voz de Macaúbas, compassada e serena, que dizia:
>
> – Meus queridos alunos.
>
> Não me recordo exatamente do teor do discurso que Abílio César Borges pronunciou, nesse momento, aproveitando as minhas pobres lágrimas, para mais uma prédica das muitas que ele fazia, no colégio, como bom pastor de almas indoutas e agitadas, chamando-as à razão, persuasivamente, sem asperezas de linguagem, sem conceitos hostis.
>
> Fazia ele, de casos parecidos com o meu, hábeis e profícuos pretextos para temas morais. [...]
>
> Eu já não me sentia mais disposto a abandonar aquela casa amiga que com tanto carinho e generosidade, resolutamente, se dispunha a me abrigar e

[176] Raul POMPÉIA, *O Ateneu*, p. 126
[177] ibid., p. 190

> defender. As minhas lágrimas, repentinamente, haviam se transformado em celífluos sorrisos. [...]
>
> O bem, o grande bem que eu queria a esse velho que tanto me ajudou a ser o pouco, embora, que hoje sou nesta vida![178]

Outra questão a ser destacada é a da propaganda. Como fica claro nos seguintes excertos, o narrador relata, em algumas passagens do livro, que o Ateneu tinha por base um amplo sistema de propaganda, o que fazia com que as famílias mais ricas mandassem seus filhos para lá estudarem:

> Ateneu era o grande colégio da época. Afamado por um sistema de nutrido rèclame, mantido por um diretor que de tempos a tempos reformava o estabelecimento, pintando-o jeitosamente de novidade, como os negociantes que liquidam para recomeçar com artigos de última remessa, o Ateneu desde muito tinha consolidado crédito na preferência dos pais. [...] O Dr. Aristarco Argolo de Ramos, da conhecida família do Visconde de Ramos, do Norte, enchia o Império com o seu renome de pedagogo. Eram boletins de propaganda pelas Províncias, conferências em diversos pontos da cidade [...] E não havia senão aceitar a farinha daquela marca para o pão do espírito. [...] Aristarco todo era um anúncio. [...] não havia família de dinheiro, enriquecida pela setentrional borracha ou pela charqueada do sul, que não reputasse um compromisso de honra com a posteridade doméstica mandar dentre seus jovens, um, dois, três representantes abeberar-se à fonte espiritual do Ateneu. [179]

A questão da propaganda talvez esteja ligada à situação institucional da escola secundária no período em análise, nas mãos quase que exclusivamente da iniciativa privada e com um público proveniente, em sua maioria, das classes dominantes. O ensino público declinara sensivelmente, fruto de uma falta de políticas educacionais concretas, e os colégios particulares de renome florescem por todo o país. Exemplos disso são o Colégio Caraça em Minas Gerais, o Colégio São Luís em São Paulo, e o Colégio Abílio no Rio de Janeiro, que é onde Raul Pompéia passou boa parte de sua infância.[180]

A caracterização do diretor Aristarco no romance é a de um educador-empresário, e, através da demonstração de sua conduta, o narrador critica a "mercantilização" da educação, algo que pode ser notado nos seguintes trechos:

> Soldavam-se nele o educador e o empresário com uma perfeição rigorosa de acordo, dois lados da mesma medalha; opostos, mas justapostos [...] Sua diplomacia dividia-se por escaninhos numerados, segundo a categoria de recepção que queria dispensar. Ele tinha maneiras de todos os graus, segundo a condição social da pessoa. [181]

---

[178] Luiz EDMUNDO, *De um livro de memórias – volume 1*, p. 240-243.
[179] Raul POMPÉIA, *O Ateneu*, p. 42.
[180] Sobre o contexto educacional, cf. Maria de Lourdes Mariotto HAIDAR*, O Ensino Secundário no Brasil Império,* passim.
[181] Raul POMPÉIA, *O Ateneu*, p. 61.

> Aristarco representava, na mesa, o voto pensado do guarda-livros. Contas justas: aprovação com louvor, cambiando às vezes para distinção simples; atraso de trimestre, aprovação plena com risco de simplificação; atraso de semestre, reprovado. [182]

Se a propaganda externa trazia alunos das famílias abastadas ao Ateneu, a propaganda feita internamente através dos professores provocava um sentimento de respeito, e, muitas vezes, de submissão, nos alunos. Vejamos a fala do professor Venâncio, a qual seduz Sérgio quando de suas primeiras impressões do colégio:

> "O mestre, perorou Venâncio, é o prolongamento do amor paterno, é o complemento da ternura das mães, o guia zeloso dos primeiros passos, na senda escabrosa que vai às conquistas do saber e da moralidade. [...] Devemos ao pai a existência do corpo; o mestre cria-nos o espírito (sorites de sensação), e o espírito é a força que impele, o impulso que triunfa, o triunfo que nobilita, o enobrecimento que glorifica, e a glória é o ideal da vida, o louro do guerreiro, o carvalho do artista, a palma do crente! A família é o amor no lar, o estado é a segurança civil; o mestre, com o amor forte que ensina e corrige, prepara-nos para a segurança íntima inapreciável da vontade. Acima de Aristarco - Deus! Deus tão-somente; abaixo de Deus - Aristarco".[183]

Mais uma característica essencial que podemos extrair do "Ateneu" diz respeito ao caráter propedêutico dos estudos, ou seja, meramente preparatório e preliminar para o ensino superior. Portanto, a formação geral perde espaço para uma formação propedêutica e direcionada.

O resultado em que chegamos é um tipo de escola que, mesmo que adote um discurso inovador – algo que Aristarco prega o tempo todo – baseia sua pedagogia em uma retórica barata, onde o educando é iludido, e o conteúdo esvazia-se para que seja mais fácil a sua memorização.

Segundo Maria de Lourdes Mariotto Haidar, o ensino secundário particular do período realmente apresenta tais características:

> O maior obstáculo à melhoria do ensino nos estabelecimentos particulares era, entretanto, o desejo geral de percorrer o mais rapidamente possível as disciplinas preparatórias a fim de apressar o ingresso nos cursos superiores.[184]

Assim sendo, a aprovação nos exames era o principal objetivo buscado pelas escolas secundárias, o que fazia com que o ensino tivesse um caráter preparatório. Isto é, decorar e memorizar eram os grandes trunfos do educando:

> as escolas privadas, para as quais uma vasta relação de alunos aprovados nos exames constituía a melhor propaganda, se não ensinavam bem, ao

---

[182] Raul POMPÉIA, *O Ateneu*, p. 188
[183] ibid., p. 46
[184] Maria de Lourdes Mariotto HAIDAR, *O ensino secundário no Brasil Império*, p. 160.

> menos adestravam melhor para as provas, sendo por tal razão preferidas aos estabelecimentos públicos cujos professores mal remunerados e descontentes não tinham tal estímulo a espicaçar seu zelo.[185]

No mesmo sentido, para Maria Cecilia Cortez Christiano de Souza, descrevendo o sistema de ensino da época:

> Memorizar era uma forma de o professor ensinar aquilo que não sabia, de o aluno aprender o que não entendia, de os examinadores avaliarem o que não compreendiam, na esperança de que um dia encontrariam o sentido do que aprenderam de cor.[186]

No caso do romance, pode-se exemplificar com o seguinte excerto:

> Entrei pela Geografia como em casa minha. As anfractuosidades marginais dos Continentes desfaziam-se nas cartas, por maior brevidade do meu trabalho; os rios dispensavam detalhes complicados dos meandros e afluíam-me para a memória, abandonando o pendor natural das vertentes; as cordilheiras, imensa tropa de amestrados elefantes, arranjavam-se em sistemas de orografia facílima; reduzia-se o número das cidades principais do mundo, sumindo-se no chão para que eu não tivesse de decorar tanto nome; arredondava-se a cota das populações, perdendo as frações importunas, com prejuízo dos recenseamentos e maior gravame dos úteros nacionais; uma mnemônica feliz ensinava-me a enumeração dos Estados e das Províncias. [187]

Embora tenha tido uma manifestação heterogênea nos diversos países da Europa e América, há, entre os séculos XVIII e XIX, o desenvolvimento de um processo articulado de racionalização e laicização da escola. A crescente separação entre Igreja e Escola e a uniformização de um sistema disciplinar são características essenciais dessa transformação.

A escola torna-se mais organizada e com maior rigidez nas estruturas e comportamentos, sendo a divisão de classes por idade exemplo típico dessas novas organizações. A vida escolar começa a ser submetida a sistemas de controle e planificação que passam a exercer fundamental papel disciplinar.[188]

Tendo em vista os aspectos da educação até agora levantados e analisados a partir de “O Ateneu”, cumpre fazer uma breve análise de algumas estruturas disciplinares no romance, já que é outro tema recorrente.

Para tanto, é válida a referência ao trabalho de Michel Foucault, que estuda essas estruturas disciplinares em diversas instituições sociais, como quartéis,

---

[185] Maria de Lourdes Mariotto HAIDAR, *O ensino secundário no Brasil Império*, p. 236.
[186] Maria Cecilia Cortez Christiano de SOUZA. *Decorar, lembrar e repetir: o significado de práticas escolares na escola brasileira no final do século XIX* in Cynthia Pereira de SOUSA (org.). *História da Educação: processos, práticas e saberes*, São Paulo: Escrituras, 2003, p. 88.
[187] Raul POMPÉIA, *O Ateneu*, p. 83-84.
[188] cf. Franco CAMBI, *História da Pedagogia*, São Paulo: Unesp, 1999, p. 492-498.

escolas, hospitais e prisões, estabelecendo pontos de contato entre elas e enumerando características comuns.

> Às 2 horas da noite, troaram os tambores como em quartel assaltado. Os rapazes, que mal havíamos dormido, na excitação das vésperas, precipitaram-se dos dormitórios. Às 3 e pouco estávamos na serra.
>
> Aristarco rompia a marcha, valente como um mancebo, animando a desfilada como Napoleão nos Alpes.[189]

O trecho acima, por exemplo, estabelece uma comparação entre o Ateneu e um quartel general, quando nos conta a respeito de um passeio que os alunos fizeram. São notáveis, no romance, tais semelhanças.

Para Foucault, os processos disciplinares tornam-se formas gerais de dominação a partir dos séculos XVII e XVIII. Buscam aprofundar a sujeição do corpo humano ao mesmo tempo em que aumentam suas habilidades, tornando o corpo simultaneamente submisso e exercitado, através de determinados recursos e técnicas.[190]

Percebe-se, na leitura do romance, que as principais características que Foucault enumera a respeito da disciplina encontram-se presentes no Ateneu. A própria estrutura do internato é exemplo disso. Segundo Foucault:

> A disciplina às vezes exige a *cerca*, a especificação de um local heterogêneo a todos os outros e fechado em si mesmo. [...] o internato aparece como o regime de educação senão o mais freqüente, pelo menos o mais perfeito.[191]

A solidão dos meninos no colégio é outro fator fundamental para que se facilite a sujeição dos alunos ao sistema enclausurante:

> o isolamento dos condenados garante que se possa exercer sobre eles, com o máximo de intensidade, um poder que não será abalado por nenhuma outra influência; a solidão é a condição primeira da submissão total.[192]

A disciplina, além de cercar os indivíduos, também os distribui de modo que cada um tenha seu lugar próprio e exerça uma função específica. É a chamada técnica do quadriculamento, que faz com que os indivíduos possam ser mais bem controlados e render mais.[193] Outro exemplo dessa técnica de distribuição que pode

---

[189] Raul POMPÉIA, *O Ateneu*, p. 197.
[190] Michel FOUCAULT, *Vigiar e Punir*, Petrópolis: Vozes, 2004, p. 117-121.
[191] ibid., p. 122.
[192] ibid., p. 200.
[193] ibid., p. 121-127.

ser aplicado ao estudo do Ateneu diz respeito à subdivisão nas classes e à posição na fila. Nesse sentido, há um forte contato entre os textos de Foucault e Pompéia:

> Nos colégios dos jesuítas, encontrava-se ainda uma organização ao mesmo tempo binária e maciça: as classes, que podiam ter até duzentos ou trezentos alunos, eram divididas em grupos de dez; cada um desses grupos, com seu decurião, era colocado em um campo, o romano ou o cartaginês; a cada decúria correspondia uma decúria diversa.[194]
>
> Por amor da regularidade da organização militar, repartiam-se as três centenas de alunos em grupos de trinta, sob o direto comando de um decurião ou vigilante. Os vigilantes eram escolhidos por seleção de aristocracia, asseverava Aristarco. [...] Estes oficiais inferiores da milícia da casa faziam-se tiranetes por delegação da suprema ditadura. Armados de sabres de pau com guardas de couro, tomavam a sério a investidura do mando e eram em geral de uma ferocidade adorável.[195]

Além da técnica da repartição espacial, outra característica da disciplina é o controle e codificação das atividades, através dos quais cada ato deve ter sua elaboração temporal, todos os gestos devem ser articulados e o tempo não pode ser desperdiçado.[196] Elementos de uma disciplina militar, como a “marcha” e a “manobra”, fazem-se presentes no Ateneu, como se pode notar no seguinte trecho, em que Sérgio descreve uma apresentação de ginástica dos alunos:

> Depois de longa volta, a quatro de fundo, dispuseram-se em pelotões, invadiram o gramal, e, cadenciados pelo ritmo da banda de colegas, que os esperava no meio do campo, com a certeza de amestrada disciplina, produziram as manobras perfeitas de um exército sob o comando do mais raro instrutor. Diante das fileiras, Bataillard, o professor de ginástica, exultava, envergando a altivez do seu sucesso na extremada elegância do talhe, multiplicando por milagroso desdobramento o compêndio inteiro da capacidade profissional, exibida em galeria por uma série infinita de atitudes.[197]

Nota-se que o Ateneu, portanto, no dizer do narrador, está repleto de elementos que remetem a uma organização militar. Mas não é só. O colégio tem também características disciplinares que fazem lembrar uma verdadeira prisão.

Segundo Foucault, o poder disciplinar tem como função maior adestrar o indivíduo e, para tanto, utiliza-se de certos instrumentos. Um desses instrumentos é a chamada “vigilância hierárquica”, segundo a qual os indivíduos passam a ser controlados e fiscalizados com maior eficiência através do olhar constante dos seus superiores.

---

[194] Michel FOUCAULT, Vigiar e punir, p. 125.
[195] Raul POMPÉIA, *O Ateneu*, p. 80.
[196] cf. Michel FOUCAULT, op. cit., p. 127-132.
[197] Raul POMPÉIA, op. cit., p. 49.

No Ginásio Baiano de Abílio a vigilância era constante. Nos regimentos internos da instituição, posteriormente compilados em obra organizada por Lizir Arcanjo Alves, observa-se: "Haverá no Ginásio três censores encarregados de vigiar incessantemente cada uma das três mencionadas classes de alunos; estando sempre todos sob a não interrompida inspeção do diretor."[198]

Torna-se comum, então, o surgimento de locais aparelhados com o intuito de facilitar o controle e vigilância. Assim, o poder disciplinar mantém-se mais integrado e eficaz, regendo-se silenciosamente pelo jogo de olhares e fazendo com que as multidões confusas se tornem multiplicidades organizadas.[199]

Isso se reflete inclusive na arquitetura de edifícios, como no caso do Panóptico desenhado por Jeremy Bentham em 1785. Foucault descreve essa estrutura adotada em prisões, mas também em manicômios, hospitais e escolas, explicando o efeito do Panóptico, que é construído de maneira que o vigilante possa ver os vigiados o tempo todo sem que eles saibam se estão ou não sendo observados:

> Daí o efeito mais importante do Panóptico: induzir no detento um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder. Fazer com que a vigilância seja permanente em seus efeitos, mesmo se é descontínua em sua ação; que a perfeição do poder tenda a tornar inútil a atualidade de seu exercício.[200]

A escola do período faz parte de todo esse contexto disciplinar, assim como o Ateneu, conforme a seguinte citação:

> A sala geral do estudo tinha inúmeras portas. Aristarco fazia aparições de súbito a qualquer das portas, nos momentos em que menos se podia contar com ele. Levava as aparições às aulas, surpreendendo professores e discípulos. Por meio deste processo de vigilância de inopinados, mantinha no estabelecimento por toda a parte o risco perpétuo do flagrante como uma atmosfera de susto. Fazia mais com isso que a espionagem de todos os bedéis. Chegava o capricho a ponto de deixar algumas janelas ou portas como votadas a fechamento para sempre, com o fim único de um belo dia abri-las bruscamente sobre qualquer maquinação clandestina da vadiagem. Sorria então no íntimo, do efeito pavoroso das armadilhas, e cofiava os majestosos bigodes brancos de marechal, pausadamente, como lambe o jaguar ao focinho a pregustação de um repasto de sangue. [201]

Outro recurso da disciplina é o seu pequeno mecanismo penal, dotado de peculiares características. O sistema de penalidades e punições do regime

---

[198] Lizir Arcanjo ALVES (org.), *O Ginásio Baiano de Abílio César Borges (antologia)*, Salvador: IGHB, 2000, p. 30.
[199] Michel FOUCAULT, *Vigiar e punir*, p. 143-148
[200] ibid., p. 166.
[201] Raul POMPÉIA, *O Ateneu*, p. 109.

disciplinar rege-se, antes de tudo, pelo sistema de gratificação-sanção, através do qual todas as condutas são qualificadas a partir de valores maniqueístas. Isto faz com que o poder disciplinar hierarquize e julgue os indivíduos através de suas condutas.[202] No Ateneu também está presente esse sistema de sanções e recompensas:

> A cada lição julgada boa, o professor assinava um papelucho amarelo, bom ponto, e entregava ao distinto. Dez prêmios destes equivaliam a um cartão impresso, boa nota, como dez vezes vinte réis em cobre valem um níquel de duzentos. O sistema decimal aplicava-se mais à conquista de um diploma honroso, equivalente a um baralho de dez cartões de boa nota. Com tal diploma era o estudante candidato à condecoração final de uma medalha, de prata ou de ouro, conforme fosse mais ou menos ótimo nos diversos superlativos do merecimento escolar. [203]

Nesse contexto, interessa mencionar que Abílio César Borges também praticava esse sistema de recompensas no seu colégio, mas que, mais tarde, disso se arrependeria. Na biografia feita por Isaías Alves, encontra-se o seguinte trecho:

> mas a experiência dos anos lhe apontou o lamentável engano. [...] 'vi sempre que os galardoados com medalhas e menções honrosas, assim como os que só alcançavam prêmios inferiores, ou não obtinham nenhum, continuavam a ser os mesmos que dantes eram nos estudos e na aplicação, com esta diferença porém, isto é, que os primeiros se tornavam cada vez mais orgulhosos e vaidosos e portanto menos tratáveis, e os outros, ou desanimavam, ou tornavam-se piores, enfezados pela humilhação sofrida diante dos seus colegas e de seus parentes[204]

Aliado ao sistema de gratificações, existiam também as sanções. No regimento do Ginásio Baiano, encontramos a seguinte regra:

> Os castigos para os alunos do Ginásio consistirão em, – ficarem de pé ou de joelhos, enquanto os outros se conservam sentados, privação do recreio com obrigação de escreverem um certo número de linhas de prosa ou verso, proibição de saírem para visitar suas famílias, jejum de pão e água, prisão, e, quando incorrigíveis, expulsão.[205]

Já no romance há inúmeros exemplos de punições às consideradas condutas inadequadas, as quais vão desde ajoelhar-se no chão e fazer exercícios de escrita, até ser preso na chamada cafua. Sérgio descreve-a:

> O chão era de terra batida, mal enxuta. Impressionava logo um cheiro úmido de cogumelos pisados. Com a meia claridade dos respiradouros, habituando-se a vista, distinguia-se no meio uma espécie de gaiola ou capoeira de travessões fortes de pinho. Dentro da gaiola um banco e uma tábua pregada, por mesa. Sobre a mesa um tinteiro de barro. Era a cafua. Engaiolava-se o condenado na amável companhia dos remorsos e da execração; ainda em cima, uma tarefa de páginas para a qual o mais difícil

---

[202] cf. Michel FOUCAULT, *Vigiar e punir*, p. 149-151.
[203] Raul POMPÉIA, *O Ateneu*, p. 126.
[204] Isaias ALVES, *Vida e obra do Barão de Macahubas*, p. 64.
[205] Lizir Arcanjo ALVES (org.), *O Ginásio Baiano de Abílio César Borges (antologia),* p. 35.

> era arranjar luz bastante. De espaço a espaço, galopava um rato no invisível; às vezes vinham subir às pernas do condenado os animaizinhos repugnantes dos lugares lôbregos. À soltura surgia o preso, pálido como um redivivo, espantado do ar claro como de uma coisa incrível. Alguns achavam meio de voltar verdadeiramente abatidos.[206]

Em relação à "cafua", outros textos fazem menção a ela, como as memórias de Pedro Nava (que foi aluno do Colégio Pedro II) e também as de Luiz Edmundo (que foi aluno do Colégio Abílio). No caso de Pedro Nava, há um diálogo com o texto de Raul Pompéia:

> Parece que as punições físicas, o reinado da palmatória – da *santa-luzia-dos-cinco-olhos* – perdia-se nas trevas dos tempos, com relação ao Colégio Pedro II. Já em 1855, a lista dos castigos vigentes, segundo Moreira de Azevedo, Escragnolle Dória e Vieira Fazenda – eram a repreensão, o trabalho nas horas de recreio, as tarefas na cafua e a expulsão 'com vênia do Inspetor-Geral da Instrução Pública'. Essa cafua existia no velho Seminário de São Joaquim com o nome de *prisão dos alunos*. Vigorou depois na Chácara do Mata, e vem descrita em *O Ateneu*, quando Raul Pompéia conta a detenção de que resultariam a moléstia e a morte do Franco. O horrendo *in-pace*, pelo desenho do autor, devia ficar nas umidades dum porão, onde o enterrado vivo, na companhia de ratos e baratas, escrevia páginas e páginas do castigo passado.[207]

Luiz Edmundo faz uma descrição da cafua que foi inaugurada no Colégio Abílio quando ele era interno:

> Por minhas peraltices, desde muito cedo, comecei a padecer vários castigos, dos muitos que se aplicavam no colégio: – o do estafermo, por exemplo, que consistia em sair o aluno da carteira de estudo e, ao lado do professor, ficar de pé, com a cara virada pra parede; o da privação de recreio, o das cópias disto ou daquilo, em intermináveis laudas de papel, o da expulsão temporária das aulas, sendo que honras tive, até, da inauguração de uma cafua, especialmente criada para me abrigar [...] Cafua, na acepção rigorosa do termo, não existia no colégio: o que havia, era uma grande sala, na qual apenas os passíveis de culpas consideradas graves eram por vezes recolhidos. [...] A já citada cafua nada mais era que um depósito onde se recolhiam velhas carteiras, velhas mesas, bancos partidos, quadros sem moldura, dilacerados mapas e outros objetos escolares considerados já sem serventia. Uma janela aberta olhava para uma espécie de área reservada aos pequenos recreios, os chamados dos cinco (cinco minutos) que marcavam, regularmente, o interstício de uma aula para outra. Nela havia uma grade de ferro, com varais abaulados na parte inferior, uma dessas grades que aumentam a linha regular dos parapeitos, outrora muito aproveitados, pelo correr do século, nas velhas casas de família, para receber, junto a vasos com flores, o indefectível moringão de barro.[208]

O mecanismo penal do sistema disciplinar marca os indivíduos e estabelece os chamados "desvios", ou seja, aqueles que não conseguem se adaptar ao sistema e servem de referência negativa em relação aos demais. A disciplina, deste modo,

---

[206] Raul POMPÉIA, *O Ateneu*, p. 249.
[207] Pedro NAVA, *Balão cativo – memórias 2*, p. 293.
[208] Luiz EDMUNDO, *De um livro de memórias – volume 1,* p. 247-257.

procura ao máximo tornar submissos e homogêneos os indivíduos controlados, através da chamada "sanção normalizadora". [209] Segundo Foucault:

> distribuir os alunos segundo suas aptidões e seu comportamento, portanto segundo o uso que se poderá fazer deles quando saírem da escola; exercer sobre eles uma pressão constante, para que se submetam todos ao mesmo modelo, para que sejam obrigados todos juntos 'à subordinação, à docilidade, à atenção nos estudos e nos exercícios, e à exata prática dos deveres e de todas as partes da disciplina'. Para que, todos, se pareçam. [210]

Na obra de Raul Pompéia, há um personagem cuja análise ilustrará mais claramente as características desse sistema de poder. Franco é um aluno que sofre constantes humilhações desde que chegou ao internato e representa o aluno mau-exemplo. Vejamos:

> De joelhos... Não há perguntar; é o Franco. Uma alma penada. Hoje é o primeiro dia, ali está de joelhos o Franco. Assim atravessa as semanas, os meses, assim o conheço nesta casa, desde que entrei. De joelhos como um penitente expiando a culpa de uma raça. [...] O pai é de Mato Grosso; mandou-o para aqui com uma carta em que o recomendava como incorrigível, pedindo severidade. [...] Os professores já sabiam. À nota do Franco, sempre má, devia seguir-se especial comentário deprimente, que a opinião esperava e ouvia com delícia, fartando-se de desprezar. Nenhum de nós como ele! E o zelo do mestre cada dia retemperava o velho anátema. Não convinha expulsar. Uma coisa destas aproveita-se como um bibelô do ensino intuitivo, explora-se como a miséria do hilota, para a lição fecunda do asco.[211]

Franco é o maior exemplo dos malefícios do sistema educacional descrito por Sérgio no romance. Vítima de tantas humilhações e castigos, Franco morre pouco antes de o colégio incendiar-se.

O ponto máximo dos dispositivos disciplinares, no entanto, é o exame. Ele combina as técnicas da vigilância com a sanção normalizadora. O exame controla os indivíduos através de sua qualificação e classificação.[212] Para os alunos, torna-se algo assustador, e não é diferente com Sérgio:

> A estreia do primeiro exame foi de fazer febre. Três dias antes pulavam-me as palpitações; o apetite desapareceu; o sono depois do apetite; na manhã do ato, as noções mais elementares da matéria com o apetite e com o sono.[213]

Os principais mecanismos dessa forma de poder disciplinar manifestam-se no Ateneu. O exame é o poder que se exerce de maneira invisível, tornando visíveis os

---

[209] cf. Michel FOUCAULT, *Vigiar e punir*, p. 150-154.
[210] Michel FOUCAULT, op. cit., p. 152.
[211] Raul POMPÉIA, *O Ateneu*, p. 70.
[212] cf. Michel FOUCAULT, op. cit., p. 154.
[213] Raul POMPÉIA, *op. cit.*, p. 229.

súditos, oferecidos como objetos aos olhos do público e do examinador.[214] Sérgio assim reage à primeira vez em que é submetido a semelhante situação:

> Entretinha-me a espiar os companheiros, quando o professor pronunciou o meu nome. Fiquei tão pálido que Mânlio sorriu e perguntou-me brando, se queria ir à pedra. Precisava examinar-me. [...] Cambaleei até a pedra. O professor interrogou-me; não sei se respondi. Apossou-se-me do espírito um pavor estranho. Acovardou-me o terror supremo das exibições, imaginando em roda a ironia má de todos aqueles rostos desconhecidos. Amparei-me à tábua negra, para não cair; fugia-me o solo aos pés, com a noção do momento; envolveu-me a escuridão dos desmaios, vergonha eterna! liquidando-se a última energia... pela melhor das maneiras piores de liquidar-se uma energia. [215]

Outra característica do exame, além de submeter os indivíduos ao olhar dos demais é a documentação extensiva da individualidade. Nas palavras de Foucault:

> O exame que coloca os indivíduos num campo de vigilância situa-os igualmente numa rede de anotações escritas; compromete-os em toda uma quantidade de documentos que os captam e os fixam. Os procedimentos de exame são acompanhados imediatamente de um sistema de registro intenso e de acumulação documentária. [216]

Por fim, o seguinte excerto exemplifica e sintetiza o que foi dito a respeito do sistema educacional do Ateneu, cuja base de poder disciplinar fabrica, como foi possível observar, alunos oprimidos, amargurados e, muitas vezes, vingativos:

> A mais terrível das instituições do Ateneu [...] era o Livro das Notas. Todas as manhãs, infalivelmente, perante o colégio em peso, congregado para o primeiro almoço, às oito horas, o diretor aparecia a uma porta com a solenidade tarda das aparições, e abria o memorial das partes. Um livro de lembranças comprido e grosso, capa de couro, rótulo vermelho na capa, ângulos do mesmo sangue. Na véspera cada professor, na ordem do horário, deixava ali a observação relativa à diligência dos seus discípulos. Era o nosso jornalismo. À medida que se desenrolava a gazetilha, as ânsias iam serenando. Os vitimados fugiam, acabrunhados de vergonha, oprimidos sob o castigo incalculável de trezentas carinhas de ironia superior ou compaixão de ultraje. Passavam junto de Aristarco ao sair para a tarefa penal de escrita. O diretor, arrepiando uma das cóleras olímpicas que de um momento para outro sabia fabricar, descarregava com o livro às costas do condenado, agravante de injúria e escárnio à pena de difamação. O desgraçado sumia-se no corredor, cambaleando. [...] Às vezes enlaçava com dois dedos o menino pela nuca, e o voltava tremente e submisso para o colégio atento, oferecendo-o às bofetadas da opinião: 'Vejam esta cara!'... A criança, lívida, fechava os olhos.[217]

Ainda que a questão da disciplina seja muito presente, é nas descrições do cotidiano dos alunos e das relações entre eles que a obra encontra maior expressividade.

---

[214] cf. Michel FOUCAULT, *Vigiar e punir*, p. 156.
[215] Raul POMPÉIA, *O Ateneu*, p. 67.
[216] Michel FOUCAULT, op. cit., p. 157.
[217] Raul POMPÉIA, *op. cit.*, p. 98.

Logo no início do livro, Sérgio conversa com um aluno mais velho, Rabelo, que lhe faz algumas considerações:

> Os gênios fazem aqui dous sexos, como se fosse uma escola mista. Os rapazes tímidos, ingênuos, sem sangue, são brandamente impelidos para o sexo da fraqueza; são dominados, festejados, pervertidos como meninas ao desamparo.[218]

Rabelo, então, aconselha a Sérgio que se faça forte e que não admita protetores, para que, assim, não seja "impelido para o sexo da fraqueza". No entanto, ainda que lembrando do conselho, o ambiente amedrontador do colégio faz com que Sérgio tenha outra postura: "eu desejei um protetor, alguém que me valesse, naquele meio hostil e desconhecido, e um valimento direto mais forte que palavras [...] pouco a pouco me ia invadindo a efeminação mórbida das escolas." [219]

Daí, Sérgio trava duas amizades. Primeiramente, passa a ser "protegido" por Sanches, ainda que o mesmo lhe causasse certa "repugnância". Mais tarde, relaciona-se com um aluno mais velho, Bento Alves:

> A amizade do Bento Alves por mim e a que nutri por ele, me faz pensar que, mesmo sem o caráter de abatimento que tanto indignava ao Rabelo certa efeminação pode existir como um período de constituição moral. Estimei-o femininamente, porque era grande, forte, bravo; porque me podia valer.[220]

Também chamam atenção no cotidiano das crianças descrito em "O Ateneu" momentos em que os alunos, ainda que estivessem sob rígida disciplina e controle, conseguem, rompendo com o poder instituído, divertir-se com jogos, criar maneiras de se comunicarem quando não poderiam, ou mesmo fazer movimentos de contestação de sua condição:

> A peteca não divertia mais, palmeada com estrépito, subindo como foguete, caindo a rodopiar sobre o cocar de penas? Inventavam-se as bolas elásticas. Fartavam-se de borracha? Inventavam-se as pequenas esferas de vidro. Acabavam-se as esferas? Vinham os jogos de salto sobre um tecido de linhas a giz no soalho ou riscadas a prego na areia[221]
>
> A sala geral do estudo, comprida, com as quatro galerias de carteiras e a parede oposta de estantes e a tribuna do inspetor, era um microcosmo de atividade subterrânea. Estudo era pretexto e aparência, as encadernações capeavam mais a esperteza do que os próprios volumes.[222]
>
> Do corredor, ouvimos enorme barulho no pátio. Recomeçavam as vaias. Protegidos pela noite, mostravam-se mais alvoroçados os rapazes. Era um tumulto indescritível, vozear de populaça em revolta, silvos, brados, injúrias [...] Os inspetores chegaram aterrados a procurar o diretor, mostrando a

---

[218] Raul POMPÉIA, *O Ateneu*,, p. 71
[219] ibid., p. 82
[220] ibid., p. 149
[221] ibid., p. 172
[222] ibid., p. 175

> cara salpicada de verrugas vermelhas. Adivinhei. Era a revolução da goiabada![223]

Outros trechos mostram que a disciplina e o poder que se tentam impor nem sempre são respeitados pelos alunos, que buscam alternativas para se desvencilhar da tediosa vida de recluso:

> A violência não fez mais que aumentar o tráfego dos bilhetinhos e suspender temporariamente a telegrafia.[224]
>
> Com o tempo vim a descobrir que uma camarilha de espertos conseguira sofismar alguns paus da grade da última janela, três ou quatro leitos além do meu, e passavam de noite, quando o silêncio se fazia, a tomar fresco no jardim do diretor.[225]

O próprio Sérgio, após experiências frustrantes, chega a romper com o poder do diretor, inclusive no seguinte episódio, bastante significativo:

> Aristarco veio sobre mim. Que explicasse a briga! Eu estava como o adversário, empoeirado e sujo como de rolar sobre escarros.
>
> Respondi-lhe com violência.
>
> "Insolente!" rugiu o diretor. Com uma das mãos prendendo-me a blusa, a estalar os botões, com a outra pela nuca, ergueu-me no ar e sacudiu. "Desgraçado! Desgraçado, torço-te o pescoço! Bandalhozinho impudente! Confessa-me tudo ou mato-te".
>
> Em vez de confessar, segurei-lhe o vigoroso bigode. Fervia-me ainda a excitação do primeiro combate; não podia olhar conveniências de respeito. Esperneei, contorci-me no espaço como um escorpião pisado. O diretor arremessou-me ao chão. E, modificando o tom, falou: "Sérgio! ousaste tocar-me!"
>
> – Fui primeiro tocado! repliquei fortemente.
>
> – Criança! feriste um velho!
>
> Reparei que havia no chão fios brancos de bigode. [226]

O trecho citado é o clímax do conflito entre Sérgio e Aristarco, e, consequentemente, representa o confronto de gerações, entre os alunos e os adultos, muito presente no romance. Após a briga com Aristarco, Sérgio arrepende-se e fica angustiado, no aguardo de um castigo, que acabaria não vindo. O narrador explica essa clemência do diretor pelo medo de ele perder um aluno bom pagador, caso tivesse de expulsá-lo.

De qualquer maneira, todo esse confronto é por vezes amenizado em outros momentos do romance. Em certo ponto, o narrador descreve um Aristarco mais humano, semelhante às descrições de Abílio feitas por Luiz Edmundo:

---

[223] Raul POMPÉIA, *O Ateneu*,, p. 214.
[224] ibid., p. 177.
[225] ibid., p. 240.
[226] ibid., p. 210.

> Expandia-se às vezes sobre o Ateneu em rompimentos de amor paterno, tão derramado, tão jeitosamente sincero, que não tínhamos remédio senão replicar no mesmo tom, por um madrigal de enternecimento de filhos.
>
> E admirávamos.[227]

Em outro momento, Aristarco revela-se carinhoso com Sérgio:

> Nisto, afagaram-me a cabeça. Era Ele! E, estremeci.
>
> – "Como se chama o amiguinho?" perguntou-me o diretor.
>
> – Sérgio... dei o nome todo, baixando os olhos e sem esquecer o "seu criado", da estrita cortesia.[228]

Quando do diálogo entre a obra ficcional e outros textos, a comparação entre as duas imagens, as de Aristarco e Abílio, é inevitável, como se pôde observar. Daí, que muitas vezes os escritos a respeito do Colégio Abílio remetem ao Ateneu. No regimento do Ginásio Baiano de Abílio encontra-se:

> A fim de manter no Ginásio a necessária disciplina e boa ordem, o diretor nunca dele se ausentará, exceto em casos extraordinários. [...] Estará sempre presente a todos os atos em que os alunos devem comparecer em comum. [...] Tratará todos os alunos com amizade ou indiferença, brandura ou severidade, conforme o procedimento e aplicação de cada um.[229]

No último capítulo do livro, Sérgio descreve seus últimos dias no Ateneu. Com o estabelecimento já em férias, Sérgio é um dos únicos alunos ainda presentes, já que tinha ficado doente e sob os cuidados de Ema, a mulher do diretor. Cria-se uma atmosfera agradável nas imagens que o narrador transmite, pois estar sob a proteção de Ema faz-lhe muito bem. No entanto, essa atmosfera é quebrada bruscamente, pois se percebe que o Ateneu está em chamas:

> Um grito súbito fez-me estremecer no leito: Fogo! fogo! Abri violentamente a janela. O Ateneu ardia.
>
> As chamas elevavam-se por cima do *chalet,* na direção do edifício principal. Imenso globo de fumo convulsionava-se nos ares[230]

Assim, encerra-se a narração, com o colégio destruído, e Aristarco amargurado.

Por fim, pode-se colocar um último trecho do romance como síntese e retomada das temáticas abordadas até aqui. É o pesadelo que Sérgio tem logo em sua primeira noite na reclusão do internato, onde faz, inclusive, um prognóstico inconsciente do que veria nos anos seguintes.

---

[227] Raul POMPÉIA, *O Ateneu*, p. 109.
[228] ibid., p. 55.
[229] Lizir Arcanjo ALVES (org.), *O Ginásio Baiano de Abílio César Borges (antologia)*, p. 33.
[230] Raul POMPÉIA, op. cit., p. 277.

> Pela noite adentro, comparsas de pesadelo, perseguiram-me as imagens várias do atribulado dia; a pegajosa ternura de Sanches, a cara amarela do Barbalho, a expressão de tortura do Franco, os frades descompostos do roupeiro. Sonhei mesmo em regra. Eu era o Franco. A minha aula, o colégio inteiro, mil colégios, arrebatados, num pé-de-vento, voavam léguas afora por uma planície sem termo. Gritavam todos, urravam a sabatina de tabuadas com um entusiasmo de turbilhão. O pó crescia em nuvens do solo; a massa confusa ouriçava-se de gestos, gestos de galho sem folhas em tormenta agoniada de inverno; sobre a floresta dos braços, gesto mais alto, gesto vencedor, a mão magra do Maurílio, crescida, enorme, preta, torcendo, destorcendo os dedos sôfregos, convulsionados da histeria do quinau... E eu caía, único vencido! E o tropel, de volta, vinha sobre mim, todos sobre mim! sopeavam-me, calcavam-me, pesados, carregando prêmios, prêmios aos cestos! [231]

Nesse trecho, algumas imagens da vida no internato emergem de modo expressivo. As crianças gritando entusiasmadas a tabuada, pisoteando o torturado Franco e carregando prêmios. O sonho de Sérgio é uma bela (porém amarga) alegoria de sua experiência.

O parágrafo transcrito contém os sentimentos de solidão de Sérgio e de desilusão quanto ao que esperava ser o colégio, as críticas ao modelo educacional da época e algumas estruturas disciplinares, entre outras questões recorrentes no romance.

Passada a descrição e breve análise do romance, deve-se, a partir de agora, voltar os olhos para a repercussão que ele teve dentro do campo educacional ao longo dos anos.

Figura 4 – Abílio César Borges, o Barão de Macaúbas (à esquerda)

Figura 5 – Aristarco, no desenho de Pompéia (à direita)

[231] Raul POMPÉIA, *O Ateneu*, p. 76.

3. Da obra às leituras da obra: apresentação do “corpus”

“O Ateneu” é um romance cuja leitura provocou e ainda provoca sentimentos e reflexões dos mais variados, como se poderá observar nos capítulos seguintes deste trabalho. Para Lêdo Ivo, “há, nesse Ateneu fundado e dirigido pelo Dr. Aristarco Argolo de Ramos, um aluno interno invisível e que a tudo vê e escuta. Esse aluno somos nós, os leitores da obra-prima”.[232]

Sendo assim, deve-se atentar para essas inúmeras possibilidades que o texto de Raul Pompéia enseja. Tendo isso em vista, no presente capítulo, procura-se fazer uma breve apresentação do “corpus” da pesquisa, indicando os textos selecionados para a análise das leituras e apropriações de “O Ateneu” no campo educacional brasileiro.

Logo, é necessário que se façam algumas observações a respeito da escolha dos textos. Em primeiro lugar, há que se notar que as referências ao texto de Raul Pompéia são encontradas em grande número nos estudos educacionais, ou naqueles que, ainda dentro do âmbito dos estudos literários, tenham temática relacionada à Educação. Sendo assim, a pesquisa realizada não pôde ser exaustiva a respeito do tema.

Além disso, deve-se ter em vista que os textos selecionados não são somente aqueles em que a obra de Raul Pompéia emerge como principal objeto de análise, até porque há situações em que uma simples referência ou citação pode também ser considerada como sendo uma maneira de apropriação da obra, muitas vezes tornando-se uma fonte rica para análise dentro dos objetivos do presente estudo, conforme se verá a seguir.

Importa é fazer com que os textos selecionados sirvam de base para que se busquem hipóteses a respeito de qual o percurso que a obra de Raul Pompéia percorreu dentro do campo de estudos educacionais. De que modo ela entrou no debate educacional e qual o caminho que fez, desde a sua publicação até os dias de hoje.

---

[232] Lêdo IVO, *O universo poético de Raul Pompéia*, p. 14

Ainda que seja uma difícil tarefa a ser feita, as diferentes possibilidades de reflexão que surgiram por meio da leitura das fontes selecionadas fizeram com que algumas questões a respeito do caminho percorrido pelo livro “O Ateneu” dentro do campo educacional pudessem ser discutidas, abrindo espaço para outras análises, a serem feitas futuramente.

Tendo em vista a amplitude do objeto de análise do presente trabalho, procurou-se fazer uma delimitação temporal das fontes pesquisadas e analisadas. Isso não significa que não se possa dar certa atenção ao período anterior ao da restrição cronológica feita na pesquisa.

Se se quer fazer um estudo que indique o caminho do texto dentro do campo, precisa-se de um olhar a outras fontes, que tenham surgido previamente.

Em texto publicado no jornal Folha da Manhã em 1949, Cecília Meireles revisita o clássico brasileiro “O Ateneu” em um diálogo fictício com Raul Pompéia, do qual se extraem os seguintes trechos:

> – Por falar em internatos – disse-me Raul Pompéia – deixei umas coisas por aí escritas que talvez lhe possam servir.
>
> Endireitou o pencenê, deu um jeitinho às guias no bigode e murmurou, cerrando os olhos:
>
> – Ainda me lembro do Ateneu – inclinou-se no retrato e disse-me em segredo: ainda deste outro lado do mundo o tremendo Aristarco me persegue com a sua lembrança! [...] O Ateneu ainda é lido? – perguntou-me.
>
> – Não creio – respondi-lhe com esta franqueza que só se pode ter com os mortos. [...]
>
> – Mas os diretores de internatos, ao menos, deveriam ler, não acha? [...] seria proveitoso que lessem... Tudo aquilo era tão cheio de realidade... [...] cuido que fiz obra útil escrevendo o Ateneu. Era como deitar abaixo uma parede do internato, por onde se pudesse mostrar completamente o seu interior da cozinha aos dormitórios. Era como chamar, gritar pelos diretores, pelos Aristarcos, entretidos na admiração do seu busto de bronze, para que vissem o que se escondia nos seus colégios [...] para que nunca mais se levantasse coisa igual. Mas ainda existem Ateneus assim? – perguntou-me.
>
> – Meu caro amigo... ia responder-lhe; mas o vento bateu no seu retrato, e o livro fechou-se.[233]

Percebe-se que o diálogo fantástico com Raul Pompéia surge como uma tentativa de trazer à tona o tema educacional, frequentemente discutido por Cecília Meireles, já que sempre se posicionou como interlocutora nos debates educacionais, inclusive assinando o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, em 1932. No

[233] Cecília MEIRELES, Fala, Raul Pompéia!, *Folha da Manhã*, 20 fev. 1949, 3º caderno, p. 1.

excerto acima citado, fica nítida a crítica ao contexto educacional da época, já que a autora sugere que pouca coisa se alterara em relação às descrições feitas por Raul Pompéia.

Daí, a importância do trecho acima considerado. Cecília Meireles transita entre os dois campos, o literário e o educacional. Nota-se uma tentativa de evidenciar a questão do ensino a partir de um texto literário. Se não se pode, no momento, afirmar que o texto de Cecília Meireles é escrito em um dos momentos em que acontece esse trânsito da obra de Pompéia, do campo literário ao educacional, ao menos sua leitura, dentro do contexto considerado, dá indícios de que tenha ocorrido essa passagem, de um campo a outro. Talvez, autores como Cecília Meireles possam ter tido importante colaboração nesse sentido.

De qualquer modo, o texto citado, escrito na década de 1940, mostra que "O Ateneu" há tempos é referência dentro dos debates educacionais brasileiros. Logo, fazer um recorte temporal na seleção das fontes de pesquisa do presente trabalho foi fundamental.

Afinal, como já se mencionou anteriormente, "O Ateneu" é obra consagrada dentro do campo literário desde sua publicação, por seu estilo e temática inovadores. Lêdo Ivo esclarece:

> Liberto do pitoresco, da efusão nativista, dos regionalismos indiscretos, do paisagismo primaveril e do frágil psicologismo dos românticos, é o segundo romance brasileiro em que a inteligência vigilante predomina sobre as gratuidades consentidas, a se voltar para o mistério da alma humana, a promover o cotejo entre a solidão individual e a sociedade, e a trazer, em sua linguagem e em seu enredo, uma dramática visão do universo.[234]

É por essa razão também que o texto de Raul Pompéia não deixou e nem deixa de figurar entre as referências dos estudos de Ciências Humanas, tendo em vista suas imagens ricas de significados para as discussões sobre o Homem e a sociedade, e, sobretudo, para as questões educacionais.

Ou seja, pode-se supor ainda que a obra de Raul Pompéia não teria necessariamente feito o caminho sugerido anteriormente, de um campo a outro, por meio de interlocutores que auxiliaram nesse sentido – como no caso de Cecília Meireles. Isto porque seu alcance e popularidade seriam grandes, e as referências

---

[234] Lêdo IVO, *O universo poético de Raul Pompéia*, p. 25.

dentro do campo educacional teriam surgido pelo fato de ser um texto amplamente consagrado.

Como já mencionado na Introdução, o recorte temporal escolheu o centenário de publicação da obra (1988) como momento marcante de incremento de estudos a respeito do livro, inclusive por causa da publicação de “Ateneu – retórica e paixão”, organizado por Leyla Perrone-Moisés, livro que revisita o texto de Pompéia sob diversos vieses, já que convidou especialistas de muitas áreas para tratar do romance. O livro tornou-se um marco de uma retomada das questões ligadas ao romance.

Da coletânea de textos de Leyla Perrone-Moisés, dois tratam especificamente de educação, e serviriam de fonte na presente investigação. Um deles, o de Sidney Barbosa, “Caminhos e descaminhos da educação brasileira no século XIX” faz um panorama do contexto educacional da época do romance, mas não dialoga diretamente com o texto de “O Ateneu”, e, por isso, não pôde ser selecionado. Já o artigo de Laura Hosiasson, “Disciplinas e indisciplinas no Ateneu”, toma por base trechos de documentos do Barão de Macaúbas para caracterizar o período educacional, no diálogo com a obra de Raul Pompéia.

O livro de Raul Pompéia, publicado em 1888, completa neste ano 125 anos. Optou-se, aqui, por percorrer os últimos 25 anos de seu caminho nos estudos educacionais, observando-se os diálogos encontrados e as apropriações feitas.

Ao tentar traçar esse caminho, têm-se em vista as seguintes considerações feitas por Roger Chartier:

> A história das práticas culturais deve considerar necessariamente essas intricações e reconstituir trajetórias complexas, da palavra proferida ao texto escrito, da escrita lida aos gestos feitos, do livro impresso à palavra leitora. Para tal, uma noção parece útil, a noção de apropriação: porque permite pensar as diferenças na divisão, porque postula a invenção criadora no próprio cerne dos processos de recepção.[235]

Assim, a partir da análise atenta das fontes selecionadas no período de 1988 até o presente momento, tenta-se fazer esse panorama de leituras, diálogos e apropriações. Neste capítulo, cumpre fazer uma apresentação das 42 fontes, classificando-as, justificando sua escolha e explicando as razões dos

[235] Roger CHARTIER, *A História Cultural: entre práticas e representações*, p. 135.

enquadramentos aqui feitos, considerando, para tanto, os investimentos de pesquisa realizados.

Em primeiro lugar, é apresentado o seguinte quadro, contendo uma breve descrição das 42 fontes, em organização cronológica, baseada no ano de publicação do texto. As demais informações das fontes, em relação a local de publicação, editora e outros pormenores, encontram-se na referência final do presente trabalho e no Apêndice, contendo quadros mais detalhados.

Quadro 1 – As 42 fontes

Título do trabalho	**Autor**	**Ano**	**Natureza do trabalho**
Disciplinas e indisciplinas no Ateneu	Laura Hosiasson	1988	Capítulo de livro
De como a educação escolar torna-se palco no romance brasileiro	Maria Therezinha Consolação Teixeira dos Santos	1988	Dissertação de Mestrado – PUC/SP
Perspectivas históricas da educação	Eliane Marta Teixeira Lopes	1989	Livro
História da Educação	Maria Lúcia Arruda Aranha	1992	Livro
O Ateneu: a escola da sociedade	Maria Terezinha Bellanda Galuch e Marta Sueli de Faria Sforni	1992	Artigo de periódico Perspectiva, Florianópolis, n. 18
Representações literárias da escola	Marcus Vinicius Mazzari	1997	Artigo de periódico Estudos Avançados, São Paulo, v. 11, n. 31
Arquivamento da vida escolar: um estudo sobre “O Ateneu”	José Gonçalves Gondra	1999	Capítulo de livro
Uma crítica da razão	Amaury Cesar	1999	Capítulo de livro

pedagógica a partir da leitura d' O Ateneu	Moraes		
Educação no Brasil Colônia, Império e 1ª República: Os textos literários como fonte alternativa de pesquisa	José Vieira de Sousa	1999	Capítulo de livro
A educação exilada: Colégio do Caraça	Mariza Guerra de Andrade	2000	Livro originado de trabalho acadêmico
"O amor dos começos": por uma história das relações com a escola	Denice Barbara Catani, Belmira Oliveira Bueno e Cynthia Pereira de Sousa	2000	Artigo de periódico Cadernos de pesquisa, Campinas, n. 111
Dossiê Sérgio: O Ateneu como romance de formação	Danilo de Oliveira Nascimento	2000	Dissertação de Mestrado - Unicamp
Era uma vez uma escola... (histórias que os alunos contam)	Marilse Terezinha de Araújo	2001	Dissertação de Mestrado – Unicamp
O Ateneu de Charles Dickens: sociedade e educação em duas obras literárias do século XIX	Kleber Garcia Campos	2001	Livro originado de trabalho acadêmico
A mortificação do ser: uma investigação das paixões no universo escolar	Luiz Carlos Migliozzi Ferreira de Mello	2002	Tese de Doutorado – USP
Dispositivos disciplinares produtores de subjetividade na instituição total	Silvio José Benelli	2003	Artigo de periódico Psicologia em estudo, Maringá, v. 8, n. 2
A formação da leitura no Brasil	Marisa Lajolo e Regina Zilberman	2003	Livro
O Ateneu e Jakob Von Gunten: um diálogo intercultural possível	Henrique Evaldo Janzen	2005	Tese de Doutorado – USP
História da escola em São Paulo e no Brasil	Maria Luiza Marcílio	2005	Livro

A casa e seus mestres	Maria Celi Chaves Vasconcelos	2005	Livro
Ensinar, formar, educar e instruir: a linguagem da crise escolar	Maria da Conceição Barbosa Lima, Giselle Faur de Castro e Roberto Moreira Xavier de Araujo	2006	Artigo de periódico Ciência & educação, Bauru, v. 12, n. 2
Ciência, literatura e civilidade	Pedro da Cunha Pinto Neto	2006	Livro originado de trabalho acadêmico
O silêncio das crianças: representações da infância na narrativa brasileira contemporânea	Anderson Luis Nunes da Mata	2006	Dissertação de Mestrado – UnB
A representação de infância nas propostas pedagógicas do Dr. Abílio Cesar Borges: o barão de Macahubas	Diane Valdez	2006	Tese de Doutorado – Unicamp
Perspectivas educacionais no pensamento de Anísio Teixeira e Paulo Freire	Jeferson Silveira Dantas	2007	Artigo de periódico Percursos, Florianópolis, v. 8, n.2
Reflexões sobre a educação em tempo integral no decorrer do século XX	Cezar Ricardo de Freitas e Maria Inalva Galter	2007	Artigo de periódico Educere et educare, Cascavel, v. 2, n. 3
A pedagogia social da geração de 1870: literatura e infância	Celdon Fritzen	2007	Capítulo de livro
Exercício do poder: conflitos, discursos e representações culturais em O Ateneu	Vilma Marques da Silva	2007	Dissertação de Mestrado – UEL
Gestão educacional e qualidade social da educação	Ana Maria de Carvalho Luz (org.)	2007	Livro

O Ateneu na perspectiva histórico-educacional brasileira do século XIX	Carlos Henrique de Carvalho e Luciana Beatriz de Carvalho	2008	Artigo de periódico Linguagens, educação e sociedade, Teresina, n. 13
Ser Stella: um estudo sobre o papel da mulher e da educação feminina na Juiz de Fora do início do século XX	Ana Luiza de Oliveira Duarte Ferreira	2008	Artigo de periódico Revista Brasileira de História da Educação, Campinas, n. 18
Ficções, memórias e culturas da escola: a escrita de “si”, dos “outros” e da história da profissão docente	Dislane Zerbinatti Moraes	2008	Capítulo de livro
Da palmatória à sedução: imagens do professor na literatura e na cultura brasileiras	Nilza Perez de Rezende	2008	Dissertação de Mestrado – PUC/RJ
História das ideias pedagógicas no Brasil	Dermeval Saviani	2008	Livro
Ser professor: da divisão do trabalho à organização do trabalho pedagógico e do trabalho didático	José Carlos Souza Araujo	2009	Artigo de periódico Cadernos de História da Educação, Uberlândia, v. 8, n. 1
A ficção e o real: a importância da educação no século XIX	Giseli Rodrigues Correa	2009	Dissertação de Mestrado – PUC/SP
Memórias escolares: sem ressentimentos	Marlene de Souza Dozol	2009	Artigo de periódico Educação & realidade, Porto Alegre, v. 34, n. 2
Instituto Teresa Valsé Pantellini: um compromisso com a formação da mulher (1959-1971)	Julio Cesar Orias Teodoro e José Carlos Souza Araujo	2009	Artigo de periódico Cadernos de História da Educação, Uberlândia, v. 8, n. 2

Filhos da pátria, homens pelo progresso: o Conselho Municipal e a instrução pública na Capital Federal (1892-1902)	Rosane dos Santos Torres	2009	Dissertação de Mestrado – UERJ
O internato como modelo educacional segundo a literatura	Jeová Silva Santana	2011	Tese de doutorado – PUC/SP
Didática	Jaime Cordeiro	2012	Livro
O Ateneu: uma análise de mecanismos disciplinares no romance de Raul Pompéia	Tiago Ribeiro Santos e Rita de Cássia Marchi	2013	Artigo de periódico Educação & realidade, Porto Alegre, v. 38

Como se pôde observar, foram selecionados materiais de diversas naturezas, quanto ao tipo de publicação. Foram textos de trabalhos acadêmicos, artigos presentes em periódicos, manuais pedagógicos, entre outros. De qualquer modo, procuraram-se textos que tivessem um caráter definidor de pensamentos pedagógicos e modos de funcionamento do campo educacional. No seguinte quadro, é feita uma pequena subdivisão, tendo em vista a natureza da publicação selecionada:

Quadro 2 – Natureza das publicações selecionadas

Natureza da publicação	**Quantidade**	**%**
Artigo de periódico	13	30,95
Trabalho acadêmico (tese ou dissertação)	12	28,57
Livro	8	19,04
Capítulo de livro	6	14,28
Livro originado de trabalho acadêmico	3	7,14

Nota-se que houve predominância de textos de caráter científico. Isso porque se encontram muitos trabalhos acadêmicos, especialmente na produção mais recente, que se valem da literatura nos estudos educacionais. Além disso, a busca por referências a “O Ateneu” nos materiais de formação de professores, como os manuais pedagógicos, não resultou em um grande número de publicações. Talvez a utilização de textos literários ainda não se faça com tanta frequência nesses manuais. Ainda assim, há quatro publicações encontradas, em formato de livro, de material de formação docente que se referem a “O Ateneu”.

Outra breve consideração que surge do primeiro olhar que se faz a essas fontes, além da questão da natureza da publicação, é o ano de publicação. De fato, embora a pesquisa tenha abrangido um período de 25 anos, a grande maioria dos textos encontrados e selecionados refere-se ao período mais recente, como se pode ver:

Quadro 3 – Divisão cronológica

Período considerado	**Quantidade**	**%**
1988-1996	5	11,90
1997-2004	12	28,57
2005-2013	25	59,52

Ou seja, fazendo uma simples separação do recorte de 25 anos em outros três períodos (de oito ou nove anos, cada um), percebe-se nitidamente que a quantidade de publicações selecionadas aumenta de maneira considerável no período mais recente.

Isso se explicaria, talvez, por uma maior preocupação, nos estudos educacionais mais atuais, em se levar em conta as fontes literárias. Se, há algum tempo, os textos literários eram estudados predominantemente no âmbito dos estudos linguísticos, hoje há um maior uso da literatura como fonte nas demais áreas das Ciências Humanas.

No entanto, haveria outra explicação para que haja uma quantidade maior de estudos no período mais atual entre os trabalhos selecionados na pesquisa. É que, em primeiro lugar, o número de publicações acadêmicas, de modo geral, aumenta a

cada ano. Sendo a maior parte dos trabalhos encontrados nesta pesquisa os de âmbito acadêmico, a possibilidade de encontrarmos textos recentes aumenta consideravelmente. Isso também se explica pelo fato de que os trabalhos mais atuais apresentam maior visibilidade, até pelo fato de, em geral, terem sua circulação facilitada por serem divulgados em meio eletrônico.

Por fim, nessa breve apresentação, há que se levar em conta mais uma questão. Se as 42 fontes apresentam grande heterogeneidade entre si, é válido fazer nova subdivisão, antes de entrarmos na análise das apropriações, e até mesmo para facilitar o trabalho com as mesmas.

Sugere-se, então, classificá-las em quatro grupos distintos: em um grupo, fontes que privilegiam aspectos da História da Educação; em outro, aquelas que estão inseridas dentro de outros subcampos ligados ao campo educacional (como Filosofia da Educação, Didática, Psicologia da Educação, entre outros); em outro, aquelas que estão dentro dos estudos literários; e, por fim, os textos que sejam destinados à formação de professores.

No entanto, cumpre dizer que essa classificação implica em algumas distorções, já que há fontes que poderiam se enquadrar em mais de uma subdivisão, o que se discutirá a seguir.

Dito isso, passemos à apresentação objetiva das fontes e seu enquadramento dentro dessas quatro categorias.

3.1. Manuais pedagógicos e materiais de formação:

Segundo Vivian Batista da Silva, “o estudo dos manuais pedagógicos tem como propósito nuclear a identificação de alguns dos modos pelos quais a cultura profissional do professorado é construída e assimilada pelo grupo”.[236]

Assim, tornam-se fontes fundamentais para que se compreenda melhor de que maneiras um texto é lido e apreendido pelos agentes do campo educacional. O fato de o texto estar citado no manual, ainda que apenas em uma breve menção, já

[236] Vivian Batista da Silva, *História de leituras para professores: um estudo da produção e circulação de saberes especializados nos “manuais pedagógicos” brasileiros (1930-1971),* p. 1.

é indício de que circula dentro do campo, ou então de que essa circulação poderá ocorrer em maior intensidade, já que os manuais são "instrumentos de formação da cultura pedagógica, utilizados como veículo de divulgação das competências esperadas para os educadores"[237], sendo textos de grande visibilidade. No quadro a seguir, temos a relação dos 4 manuais selecionados dentro do "corpus" aqui trabalhado.

Quadro 4 – Manuais pedagógicos e materiais de formação

Manuais Pedagógicos e materiais de formação			
Título do trabalho	**Autor**	**Ano**	**Natureza do trabalho**
História da Educação	Maria Lúcia Arruda Aranha	1992	Livro
Gestão educacional e qualidade social da educação	Ana Maria de Carvalho Luz (org.)	2007	Livro
História das ideias pedagógicas no Brasil	Dermeval Saviani	2008	Livro
Didática	Jaime Cordeiro	2012	Livro

Dos escritos aqui indicados, há dois manuais pedagógicos da área de História da Educação, um manual de Didática e um texto de formação de educadores produzido por um centro de estudos da Universidade Federal da Bahia[238].

Os manuais citados são textos amplamente divulgados, dentro do campo. No caso do manual de Maria Lúcia de Arruda Aranha[239], desde o início dos anos 1990 é um texto muito utilizado dentro dos cursos de formação docente, tendo-se tornado obra frequentemente indicada pelos professores de ensino superior para servir de guia nas disciplinas de História da Educação. O mesmo ocorre com o manual de Dermeval Saviani[240], autor muito conhecido dentro do meio educacional. O manual

[237] Vivian Batista da Silva, *História de leituras para professores: um estudo da produção e circulação de saberes especializados nos "manuais pedagógicos" brasileiros (1930-1971), p. 6.*
[238] Ana Maria de Carvalho LUZ (org.), *Gestão educacional e qualidade social da educação,* Salvador: ISP/UFBA, 2007.
[239] Maria Lucia Arruda ARANHA, *História da Educação,* São Paulo: Moderna, 1992.
[240] Dermeval SAVIANI, *História das ideias pedagógicas no Brasil.*

de Jaime Cordeiro[241] teve sua primeira edição em 2007 e já é um texto que apresenta certa circulação no campo.

Mais adiante, será feita uma análise mais pormenorizada dos modos de apropriação de “O Ateneu” nos manuais.

3.2. Estudos literários

Nem todas as fontes escolhidas são trabalhos inseridos em estudos educacionais “a priori”. Há estudos realizados dentro do campo literário. Interessam, no entanto, por terem o fenômeno educacional como uma das suas temáticas predominantes, sendo, portanto, textos que podem ter alguma penetração no interior do campo educacional.

Isso porque, no decorrer dos trabalhos aqui enquadrados, além da análise literária, há grande preocupação com o estudo da questão educacional, ou mesmo com a temática da infância.

Além disso, há a necessidade de se pensar sobre os trabalhos que se voltam à questão do Romance de Formação (Bildungsroman), tema que se situa na intersecção da área literária com a educacional.

Encontram-se aqui 4 trabalhos considerados como pertencentes a esse grupo, de “estudos literários”, ainda que haja outros que poderiam estar aqui elencados, mas que se preferiu colocar em outra subdivisão.

Quadro 5 – Estudos literários

Estudos literários			
Título do trabalho	**Autor**	**Ano**	**Natureza do trabalho**
Representações literárias da escola	Marcus Vinicius Mazzari	1997	Artigo de periódico Estudos Avançados, São Paulo, v. 11, n.

[241] Jaime CORDEIRO. *Didática,* São Paulo: Contexto, 2012.

			31
Dossiê Sérgio: O Ateneu como romance de formação	Danilo de Oliveira Nascimento	2000	Dissertação de Mestrado - Unicamp
O Ateneu e Jakob Von Gunten: um diálogo intercultural possível	Henrique Evaldo Janzen	2005	Tese de Doutorado – USP
O silêncio das crianças: representações da infância na narrativa brasileira contemporânea	Anderson Luis Nunes da Mata	2006	Dissertação de Mestrado – UnB

O texto mencionado de Marcus Vinicius Mazzari[242] faz uma incursão em diversos trabalhos da literatura universal que tratam da temática do conflito do adolescente com o meio hostil da escola, fazendo uma comparação entre obras literárias e relacionando "O Ateneu" com "O jovem Törless" de Robert Musil e "Gato e rato" de Günter Grass. Por se tratar de uma literatura comparada com a presença da temática educacional, insere-se neste enquadramento, de estudos literários.

O mesmo se aplica ao estudo de Anderson Luis Nunes da Mata[243], trabalho de literatura que relaciona diversas obras da literatura contemporânea que tratam da temática da infância. Não se situa "a priori" dentro da área educacional, mas apresenta uma preocupação com o estudo da infância. O autor, diferentemente de Marcus Vinicius Mazzari, não se debruça sobre "O Ateneu" como objeto principal de estudo, por ter adotado outro recorte cronológico (obras publicadas entre 1990 e 2004). Contudo, o fato de haver referências a "O Ateneu" faz com que se opte pela sua inserção dentro das fontes aqui consideradas.

Já a inclusão do trabalho de Henrique Evaldo Janzen[244], inserido na área de Língua e Literatura alemã, faz-se principalmente por servir-se do texto de "O Ateneu" como objeto de estudo principal e também por tratar da questão do romance de formação (Bildungsroman). Em uma perspectiva de literatura comparada,

[242] Marcus Vinicius MAZZARI, Representações literárias da escola, *Estudos Avançados*, São Paulo, vol. 11, n. 31, 1997.
[243] Anderson Luis Nunes da MATA, *O silêncio das crianças: representações da infância na narrativa brasileira contemporânea,* Brasília: UnB, 2006 (dissertação de mestrado).
[244] Henrique Evaldo JANZEN, *O Ateneu e Jakob Von Gunten: um diálogo possível*, São Paulo: USP, 2005 (tese de doutorado).

aproximando “O Ateneu” de “Jakob Von Gunten” de Robert Walser, o autor apropria-se do texto de Raul Pompéia de modo a buscar seus objetivos de pesquisa, como se verá mais adiante.

Por fim, ainda no âmbito dos estudos literários, há a dissertação de Danilo Oliveira Nascimento[245]. Nela, o autor faz uma análise da obra de Pompéia tendo em vista a concepção de romance de formação, e, por esse motivo, faz com que seja um trabalho a ser lido também no campo educacional, visto que a questão do romance de formação interessa também aos estudos educacionais.

Passada essa breve apresentação de obras que podem ser consideradas “estudos literários”, demais observações sobre as apropriações encontradas dentro delas serão feitas no capítulo seguinte.

3.3. História da Educação

Os trabalhos que aqui foram considerados de “História da Educação” nem sempre são inseridos nessa área. É que foram enquadrados neste sentido todos os trabalhos encontrados que tivessem em seus objetivos certa análise contextual de um período educacional. Portanto, nem todos os escritos aqui elencados são pertencentes à área de História da Educação, mas apresentam um caráter historiográfico.

As 18 fontes consideradas como sendo de História da Educação, partindo dessa perspectiva, vêm no quadro a seguir.

Quadro 6 – História da Educação

História da Educação			
Título do trabalho	**Autor**	**Ano**	**Natureza do trabalho**
Disciplinas e indisciplinas no Ateneu	Laura Hosiasson	1988	Capítulo de livro

[245] Danilo de Oliveira NASCIMENTO, *Dossiê Sérgio: o Ateneu como romance de formação.*

De como a educação escolar torna-se palco no romance brasileiro	Maria Therezinha Consolação Teixeira dos Santos	1988	Dissertação de Mestrado – PUC/SP
Perspectivas históricas da educação	Eliane Marta Teixeira Lopes	1989	Livro
Arquivamento da vida escolar: um estudo sobre “O Ateneu”	José Gonçalves Gondra	1999	Capítulo de livro
Educação no Brasil Colônia, Império e 1ª República: Os textos literários como fonte alternativa de pesquisa	José Vieira de Sousa	1999	Capítulo de livro
A educação exilada: Colégio do Caraça	Mariza Guerra de Andrade	2000	Livro originado de trabalho acadêmico
O Ateneu de Charles Dickens: sociedade e educação em duas obras literárias do século XIX	Kleber Garcia Campos	2001	Livro originado de trabalho acadêmico
A formação da leitura no Brasil	Marisa Lajolo e Regina Zilberman	2003	Livro
História da escola em São Paulo e no Brasil	Maria Luiza Marcílio	2005	Livro
A casa e seus mestres	Maria Celi Chaves Vasconcelos	2005	Livro
A representação de infância nas propostas pedagógicas do Dr. Abílio Cesar Borges: o barão de Macahubas	Diane Valdez	2006	Tese de Doutorado – Unicamp
A pedagogia social da geração de 1870: literatura e infância	Celdon Fritzen	2007	Capítulo de livro
O Ateneu na perspectiva histórico-educacional brasileira do século XIX	Carlos Henrique de Carvalho e Luciana Beatriz de	2008	Artigo de periódico Linguagens, educação e

	Carvalho		sociedade, Teresina, n. 13
Ser Stella: um estudo sobre o papel da mulher e da educação feminina na Juiz de Fora do início do século XX	Ana Luiza de Oliveira Duarte Ferreira	2008	Artigo de periódico Revista Brasileira de História da Educação, Campinas, n. 18
A ficção e o real: a importância da educação no século XIX	Giseli Rodrigues Correa	2009	Dissertação de Mestrado – PUC/SP
Instituto Teresa Valsé Pantellini: um compromisso com a formação da mulher (1959-1971)	Julio Cesar Orias Teodoro e José Carlos Souza Araujo	2009	Artigo de periódico
Filhos da pátria, homens pelo progresso: o Conselho Municipal e a instrução pública na Capital Federal (1892-1902)	Rosane dos Santos Torres	2009	Dissertação de Mestrado – UERJ
O internato como modelo educacional segundo a literatura	Jeová Silva Santana	2011	Tese de doutorado – PUC/SP

Há textos que tomam “O Ateneu” como objeto fundamental em uma análise do contexto educacional do Império. Por outro lado, há trabalhos que não necessariamente estudam o período do livro, mas que se servem de “O Ateneu” em outras discussões.

Em primeiro lugar, o trabalho de Kleber Garcia Campos[246] pretende estudar a educação na Era Vitoriana, e faz uma aproximação entre “O Ateneu” e “David Copperfield” de Charles Dickens. Ainda que seja, a princípio, um trabalho de literatura comparada – o que faria com que estivesse relacionado na subdivisão anterior, a de “estudos literários”, a importância dada à análise contextual e os objetivos pretendidos pelo autor fazem com que se situe dentro dos estudos de História da Educação.

[246] Kleber Garcia CAMPOS, *O Ateneu de Charles Dickens: sociedade e educação em duas obras do século XIX,* Bragança Paulista: EDUSF, 2001.

No mesmo sentido situa-se o trabalho de Giseli Rodrigues Corrêa[247], que busca uma análise do processo educacional no século XIX, por meio da análise de "O Ateneu" e de textos de Eça de Queiroz. A autora também utiliza como referência alguns textos a respeito do Colégio do Caraça, o que denota sua preocupação em estudar o contexto educacional.

O estudo de Laura Hosiasson[248], um dos que pertencem à coletânea de Leyla Perrone-Moisés "Ateneu – retórica e paixão", trata do cenário educacional da época, em diálogo com a obra literária.

A dissertação defendida por Maria Therezinha Consolação Teixeira dos Santos[249] insere-se no âmbito dos estudos de Filosofia da Educação. No entanto, a análise tem uma forte historicização, o que faz com que esteja também nessa classificação, já que a elucidação das práticas de ensino no Império é um dos principais objetivos da autora, que trabalha "O Ateneu" como fonte primária.

O trabalho de Eliane Marta Teixeira Lopes[250] é de caráter introdutório na área de estudos de História da Educação, sendo um livro pertencente a uma coleção de caráter didático, denominada "Princípios". Nesse sentido, poderia também ser considerado um manual pedagógico, embora tenha ênfase maior em propor uma iniciação ao trabalho de pesquisa acadêmico do que servir de texto para formação de professores.

José Vieira de Sousa, em seu texto[251], faz uma discussão a respeito da utilização do romance de Raul Pompéia nas pesquisas em História da Educação. Importa notar que seu trabalho faz um diálogo com o texto de Eliane Marta Teixeira Lopes, citado anteriormente.

José Gonçalves Gondra[252] produz uma reflexão sobre o texto de Pompéia, e situa a obra dentro do contexto da produção sobre o século XIX, tendo em vista suas características autobiográficas. Como já mencionado, o texto de Gondra é

---

[247] Giseli Rodrigues CORREA, *A ficção e o real: a importância da educação no século XIX*, São Paulo: PUC, 2009 (dissertação de mestrado).
[248] Laura HOSIASSON, *Disciplinas e indisciplinas no Ateneu.*
[249] Maria Therezinha da Consolação Teixeira dos SANTOS, *De como a educação escolar torna-se palco no romance brasileiro*, São Paulo: PUC, 1988 (dissertação de mestrado).
[250] Eliane Marta Teixeira LOPES, *Perspectivas históricas da educação,* São Paulo: Ática, 1989.
[251] José Vieira de SOUSA. *Educação no Brasil Colônia, Império e República: os textos literários como fonte alternativa de pesquisa* in Luciano Mendes FARIA FILHO (org.) *Pesquisa em história da educação: perspectivas de análise, objetos e fontes*. Belo Horizonte: HG, 1999.
[252] José Gonçalves GONDRA. *Arquivamento da vida escolar: um estudo sobre O Atheneu.*

fundamental para despertar a discussão que se pretende fazer na presente investigação.

Os trabalhos de Mariza Guerra de Andrade[253], Diane Valdez[254] e Maria Celi Chaves Vasconcelos[255] utilizam o texto literário como auxiliar nas discussões pretendidas dentro de seus estudos de História da Educação no século XIX. O primeiro serve-se de "O Ateneu" como bibliografia no seu estudo do Colégio do Caraça. O segundo, por tratar do Barão de Macaúbas, cita em certos momentos o romance de Raul Pompéia. O terceiro, ao se debruçar sobre a questão do ensino doméstico, menciona a obra de Pompéia como fonte para seu estudo.

Ainda há que se mencionar o trabalho de Maria Luiza Marcílio[256], um livro a respeito da História da escola na cidade de São Paulo e que faz breve menção a "O Ateneu", no momento em que trata do período educacional do romance.

Regina Zilberman e Marisa Lajolo, em seu livro[257] sobre práticas de leitura e formação de leitores no Brasil, fazem referência a Raul Pompéia e à sua obra.

Jeová Silva Santana, em sua tese de doutorado[258], utiliza "O Ateneu", entre outras obras, para tratar da questão do internato, sob um ponto de vista histórico. Assim, também pode ser enquadrada como pertencente aos estudos de História da Educação.

Celdon Fritzen também faz análise[259] do cenário educacional do período a partir de "O Ateneu", ao lado de outros dois documentos de época, sendo que um delas é literário ("O missionário" de Inglês de Souza) e outro é "A educação nacional" de José Veríssimo.

---

[253] Mariza Guerra de ANDRADE, *A educação exilada: Colégio do Caraça*, Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
[254] Diane VALDEZ, *A representação de infância nas propostas pedagógicas do Dr. Abílio César Borges.*
[255] Maria Celi Chaves VASCONCELOS, *A casa e os seus mestres: a educação no Brasil de oitocentos,* Rio de Janeiro: Gryphus, 2005.
[256] Maria Luiza MARCÍLIO, *História da escola em São Paulo e no Brasil*, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005.
[257] Marisa LAJOLO e Regina ZILBERMAN, *A formação da leitura no Brasil,* São Paulo: Ática, 2003.
[258] Jeová Silva SANTANA, *O internato como modelo educacional segundo a literatura: um estudo sob a perspectiva da teoria crítica,* São Paulo: PUC, 2011 (tese de doutorado).
[259] Celdon FRITZEN, *A pedagogia social da geração de 1870: literatura e infância* in Celdon FRITZEN e Gladir CABRAL, *Infância, imaginação e educação em debate*, Campinas: Papirus, 2007.

Ainda na discussão do contexto educacional do período, mas dessa vez trabalhando apenas com o texto de Pompéia, vem o trabalho de Carlos Henrique de Carvalho e Luciana Beatriz de Carvalho[260].

Por fim, importa notar que há fontes aqui consideradas que não tratam especificamente do contexto educacional descrito no romance, mas que usam "O Ateneu" em auxílio a discussões histórico-educacionais que remetem a outros períodos ou outros cenários. É o caso do trabalho de Julio Cesar Orias Teodoro e José Carlos Souza Araujo[261], a respeito de um instituto de educação feminina no século XX. Também nesse sentido está o artigo de Ana Luiza de Oliveira Duarte Ferreira[262], sobre educação da mulher no início do século XX. Outro trabalho é o de Rosane dos Santos Torres[263], a respeito do Conselho Municipal do Rio de Janeiro na passagem do século XIX ao XX.

3.4. Estudos educacionais

Agora, passa-se a uma descrição objetiva das fontes restantes, que são no total de 16. São fontes dentro da subdivisão que se chamou de "estudos educacionais". É uma denominação ampla, visto que há grande heterogeneidade entre elas.

São fontes que tratam de estudar a Educação em variados aspectos, seja do ponto de vista da Filosofia da Educação, da Didática, da Metodologia de Ensino, entre outros. Logo, são fontes que não se enquadram perfeitamente nas subdivisões descritas anteriormente, e daí a criação desta categoria para comportá-las.

---

[260] Carlos Henrique de CARVALHO e Luciana Beatriz de Oliveira Bar de CARVALHO, O Ateneu na perspectiva histórico-educacional brasileira do século XIX, *Linguagens, educação e sociedade*, Teresina, n. 13, 2008.

[261] Julio Cesar Orias TEODORO e José Carlos Souza ARAUJO, Instituto Teresa Valsé Pantellini: um compromisso com a formação da mulher (1959-1971)*, Cadernos de História da Educação*, Uberlândia, vol. 8, n. 2, 2009.

[262] Ana Luiza de Oliveira Duarte FERREIRA, Ser Stella: um estudo sobre o papel da mulher e da educação feminina na Juiz de Fora do início do século XX, *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, n. 18, 2008.

[263] Rosane dos Santos TORRES, *Filhos da pátria, homens pelo progresso: o Conselho Municipal e a instrução pública na Capital Federal (1892-1902),* Rio de Janeiro: UERJ, 2009 (dissertação de mestrado).

Quadro 7 – Estudos educacionais

Estudos educacionais			
Título do trabalho	**Autor**	**Ano**	**Natureza do trabalho**
O Ateneu: a escola da sociedade	Maria Terezinha Bellanda Galuch e Marta Sueli de Faria Sforni	1992	Artigo de periódico Perspectiva, Florianópolis, n. 18
Uma crítica da razão pedagógica a partir da leitura d' O Ateneu	Amaury Cesar Moraes	1999	Capítulo de livro
"O amor dos começos": por uma história das relações com a escola	Denice Barbara Catani, Belmira Oliveira Bueno e Cynthia Pereira de Sousa	2000	Artigo de periódico Cadernos de pesquisa, Campinas, n. 111
Era uma vez uma escola... (histórias que os alunos contam)	Marilse Terezinha de Araújo	2001	Dissertação de Mestrado – Unicamp
A mortificação do ser: uma investigação das paixões no universo escolar	Luiz Carlos Migliozzi Ferreira de Mello	2002	Tese de Doutorado – USP
Dispositivos disciplinares produtores de subjetividade na instituição total	Silvio José Benelli	2003	Artigo de periódico Psicologia em estudo, Maringá, v. 8, n. 2
Ensinar, formar, educar e instruir: a linguagem da crise escolar	Maria da Conceição Barbosa Lima, Giselle Faur de Castro e Roberto Moreira Xavier de Araujo	2006	Artigo de periódico Ciência & educação, Bauru, v. 12, n. 2
Ciência, literatura e civilidade	Pedro da Cunha Pinto Neto	2006	Livro originado de trabalho acadêmico

Perspectivas educacionais no pensamento de Anísio Teixeira e Paulo Freire	Jeferson Silveira Dantas	2007	Artigo de periódico Percursos, Florianópolis, v. 8, n.2
Reflexões sobre a educação em tempo integral no decorrer do século XX	Cezar Ricardo de Freitas e Maria Inalva Galter	2007	Artigo de periódico Educere et educare, Cascavel, v. 2, n. 3
Exercício do poder: conflitos, discursos e representações culturais em O Ateneu	Vilma Marques da Silva	2007	Dissertação de Mestrado – UEL
Ficções, memórias e culturas da escola: a escrita de “si”, dos “outros” e da história da profissão docente	Dislane Zerbinatti Moraes	2008	Capítulo de livro
Da palmatória à sedução: imagens do professor na literatura e na cultura brasileiras	Nilza Perez de Rezende	2008	Dissertação de Mestrado – PUC/RJ
Ser professor: da divisão do trabalho à organização do trabalho pedagógico e do trabalho didático	José Carlos Souza Araujo	2009	Artigo de periódico Cadernos de História da Educação, Uberlândia, v. 8, n. 1
Memórias escolares: sem ressentimentos	Marlene de Souza Dozol	2009	Artigo de periódico Educação & realidade, Porto Alegre, v. 34, n. 2
O Ateneu: uma análise de mecanismos disciplinares no romance de Raul Pompéia	Tiago Ribeiro Santos e Rita de Cássia Marchi	2013	Artigo de periódico Educação & realidade, Porto Alegre, v. 38

Dentre os trabalhos aqui destacados, nota-se grande diversidade de temas. Em primeiro lugar, pode-se dar uma atenção a fontes que discutem a questão do

poder e da disciplina presentes no romance. Há o artigo de Silvio Benelli[264], no qual se discute a questão da instituição total dentro de "O Ateneu", nas caracterizações do internato. No trabalho de Vilma Marques da Silva[265], encontra-se uma análise das relações de poder dentro do Ateneu. Há também o artigo de Tiago Ribeiro Santos e Rita de Cássia Marchi[266], que explora a questão do poder disciplinar (na perspectiva foucaultiana) e do poder simbólico (na perspectiva de Bourdieu) a partir da leitura do romance.

Marlene Dozol[267] faz um artigo sobre imagens de memórias escolares, conforme descrições em textos literários, como no caso das memórias de Pedro Nava, em diálogo com Raul Pompéia.

Outro trabalho que trata de "O Ateneu" em diálogo com outros textos literários é o de Nilza Perez de Rezende[268], no qual há descrição e análise de imagens de professores encontradas em obras de literatura. Daí, ser um trabalho que poderia estar situado entre os de caráter literário e os de caráter educacional. Optou-se por enquadrá-lo dentre os "estudos educacionais" por haver maior preocupação no texto com a discussão do fenômeno educacional do que com as questões linguísticas ou estilísticas.

Maria Terezinha Bellanda Galuch e Marta Sueli de Faria Sforni elaboraram um artigo[269] trabalhando e discutindo "O Ateneu" dentro do ponto de vista das relações entre escola e sociedade.

Já Amaury Cesar Moraes apresenta, em sua tese de doutorado, no âmbito da Filosofia da Educação, uma discussão em relação ao caráter retórico da pedagogia. O autor considera que:

> nesses anos todos, a pedagogia, enquanto retórica, apropriou-se de discursos políticos diversos, aqueles oficiais e os de contestação, tendo no horizonte, em ambos os casos, a ideia de emancipação. Mas, na sua ânsia

---

[264] Silvio José BENELLI, Dispositivos disciplinares produtores de subjetividade na instituição total, *Psicologia em Estudo*, Maringá, vol. 8, n. 2, 2003.
[265] Vilma Marques da SILVA, *Exercício do poder: conflitos, discursos e representações em "O Ateneu"*, Londrina: UEL, 2007 (dissertação de mestrado).
[266] Tiago Ribeiro SANTOS e Rita de Cássia MARCHI, O Ateneu: uma análise de mecanismos disciplinares no romance de Raul Pompéia*, Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 38, 2013.
[267] Marlene de Souza DOZOL, Memórias escolares: sem ressentimentos, *Educação & Realidade*, Porto Alegre, vol. 34, n. 2, 2009.
[268] Nilza Perez de REZENDE, *Da palmatória à sedução: imagens do professor na literatura e na cultura brasileiras,* Rio de Janeiro: PUC, 2008 (dissertação de mestrado).
[269] Maria Terezinha Bellanda GALUCH e Marta Sueli de Faria SFORNI, O Ateneu: a escola da sociedade, *Perspectiva*, Florianópolis, n. 18, 1992.

> totalizante, por querer dominar todas as variáveis do processo de ensino-aprendizagem – por que, o que, como ensinar –, a pedagogia nega essa emancipação pretendida e produz um discurso antes de tudo moralizante, em que predominam, não a autonomia do sujeito e a indeterminação do processo, mas a prescrição, o controle e a norma. O caráter retórico da pedagogia talvez seja o responsável por essa ilusão.[270]

Na presente investigação, foi selecionado, ao invés da tese de Amaury Cesar Moraes, um capítulo de livro[271] em que ele reproduz (com ligeiras modificações) um capítulos de sua tese que trata de discutir suas questões a partir da utilização de "O Ateneu".

Denice Barbara Catani, Belmira Bueno e Cynthia Pereira de Sousa, em um artigo[272] publicado no ano de 2000, tratam de relatos autobiográficos que contam sobre os significados que as relações entre os indivíduos e a escola adquirem nas memórias individuais. Sendo assim, é um trabalho que utiliza fontes que têm sido analisadas com maior constância pelos estudiosos da educação.

Nesse sentido, Antonio Viñao coloca que:

> vem-se criando, cada vez com maior insistência, um espaço para o sujeito ou os sujeitos como tais; isto é, não para o indivíduo como ser isolado, mas para a subjetividade e a privacidade, para o pessoal, o cotidiano e o íntimo. [...] Todas essas mudanças nos objetos de interesse, nos motivos pelos quais se interessam e nos enfoques ou perspectivas com os quais os estudiosos se aproximam dos mesmos, são o que explica a atenção prestada, a partir de diferentes âmbitos, aos chamados ego-documentos ou, também, literatura auto-referencial. Isto é, àqueles textos nos quais o sujeito fala ou se refere a si mesmo; nos quais o eu encontra refúgio e se converte em elemento de referência.[273]

Pedro da Cunha Pinto Neto, por sua vez, faz uma análise[274] de representações sobre ciência e fazer científico no final do século XIX em escritos literários, entre eles, "O Ateneu".

No trabalho de Jeferson Silveira Dantas[275] há uma tentativa de se traçar pontos de semelhança entre as trajetórias políticas de Anísio e Paulo Freire, e há referência ao texto de Pompéia.

---

[270] Amaury Cesar MORAES, *Uma crítica da razão pedagógica*, São Paulo: USP, 1997 (tese de doutorado), p. 9.
[271] idem, *Uma crítica da razão pedagógica a partir da leitura d'O Ateneu* in Mary Julia Martins DIETZSCH (org.), *Espaços da linguagem na Educação*. São Paulo: Humanitas, 1999.
[272] Denice Barbara CATANI, Belmira Oliveira BUENO e Cynthia Pereira de SOUSA, "O amor dos começos": por uma história das relações com a escola, *Cadernos de Pesquisa*, Campinas, n. 111, 2000.
[273]Antonio VIÑAO, *Relatos e relações autobiográficas de professores e mestres,* p. 334-337.
[274]Pedro da Cunha PINTO NETO, *Ciência, Literatura e civilidade,* Bragança Paulista: EDUSF, 2006.
[275] Jeferson Silveira DANTAS, Perspectivas educacionais no pensamento de Anísio Teixeira e Paulo Freire*, Percursos*, Florianópolis, vol. 8, n. 2, 2007.

Já a dissertação de Marilse Terezinha de Araújo[276] traz depoimentos de alunos de Ensino Médio que dão suas opiniões a respeito dos significados da educação escolar, fazendo uma aproximação com as vozes de Sérgio, narrador do romance de Raul Pompéia.

Há trabalhos das mais diversas temáticas dentro da área educacional, como se pode observar. Demais exemplos são o artigo de José Carlos Souza Araujo[277] sobre a organização do trabalho docente, o estudo de Cezar Ricardo de Freitas e Maria Inalva Galter[278] a respeito de escola em tempo integral e educação integral, e o trabalho publicado por Maria da Conceição Barbosa Lima, Giselle Faur de Castro e Roberto Moreira Xavier de Araujo[279] que diz respeito a questões sobre o ensino de ciências. Todos os trabalhos contêm referências a "O Ateneu" de Raul Pompéia, ainda que sejam referências incidentais, mas que precisam ser analisadas, para que se obtenha com maior clareza os modos de apropriação do romance.

Dislane Zerbinatti Moraes[280], em escrito relativo ao uso de fontes literárias no ensino de História da Educação traz um relato de experiência com alunos de graduação, que deveriam produzir trabalhos analisando escritos literários e relacionando com os conteúdos em sala de aula.

Por fim, há a tese de doutorado de Luiz Carlos Migliozzi Ferreira de Mello[281] a respeito das paixões no universo escolar. A investigação adquire importância no âmbito educacional, pois, tratando de sentimentos como "medo", "culpa" ou "vergonha", surgidos da relação pedagógica e expostos em textos literários, e utilizando-se de trechos de "O Ateneu", o autor chega a conclusões gerais sobre como funcionam as relações pedagógicas.

---

[276]Marilse Terezinha de ARAUJO, *Era uma vez uma escola...(Histórias que os alunos contam),* Campinas: Unicamp, 2001 (dissertação de mestrado).

[277] Jose Carlos Souza ARAUJO, Ser professor: da divisão do trabalho à organização do trabalho pedagógico e do trabalho didático*, Cadernos de História da Educação*, EDUFU, v. 8, n. 1, 2009.

[278] Cezar Ricardo de FREITAS e Maria Inalva GALTER, Reflexões sobre a educação em tempo integral no decorrer do século XX, *Educere et educare*, Cascavel, vol. 2, n. 3, 2007.

[279] Maria da Conceição Barbosa LIMA, Giselle Faur de CASTRO e Roberto Moreira Xavier de ARAUJO, Ensinar, formar, educar e instruir: a linguagem da crise escolar, *Ciência & Educação*, Bauru, vol. 12, n. 2, 2006.

[280] Dislane Zerbinatti MORAES, *Ficções, memórias e cultura da escola: a escrita de "si", dos "outros" e da história da profissão docente.*

[281]Luiz Carlos Migliozzi Ferreira de MELLO, *A mortificação do ser*: *uma investigação das paixões no universo escolar*, São Paulo: USP, 2002 (tese de doutorado).

Em suma, todas as 42 fontes aqui selecionadas têm certa relevância na apreensão do que significa o romance de Raul Pompéia no campo educacional brasileiro, tendo em vista que são fontes que compreendem estudos nas mais diversas áreas da educação, permitindo afirmar que são textos cuja leitura leva a uma visão das diferentes possibilidades de apropriação de “O Ateneu”.

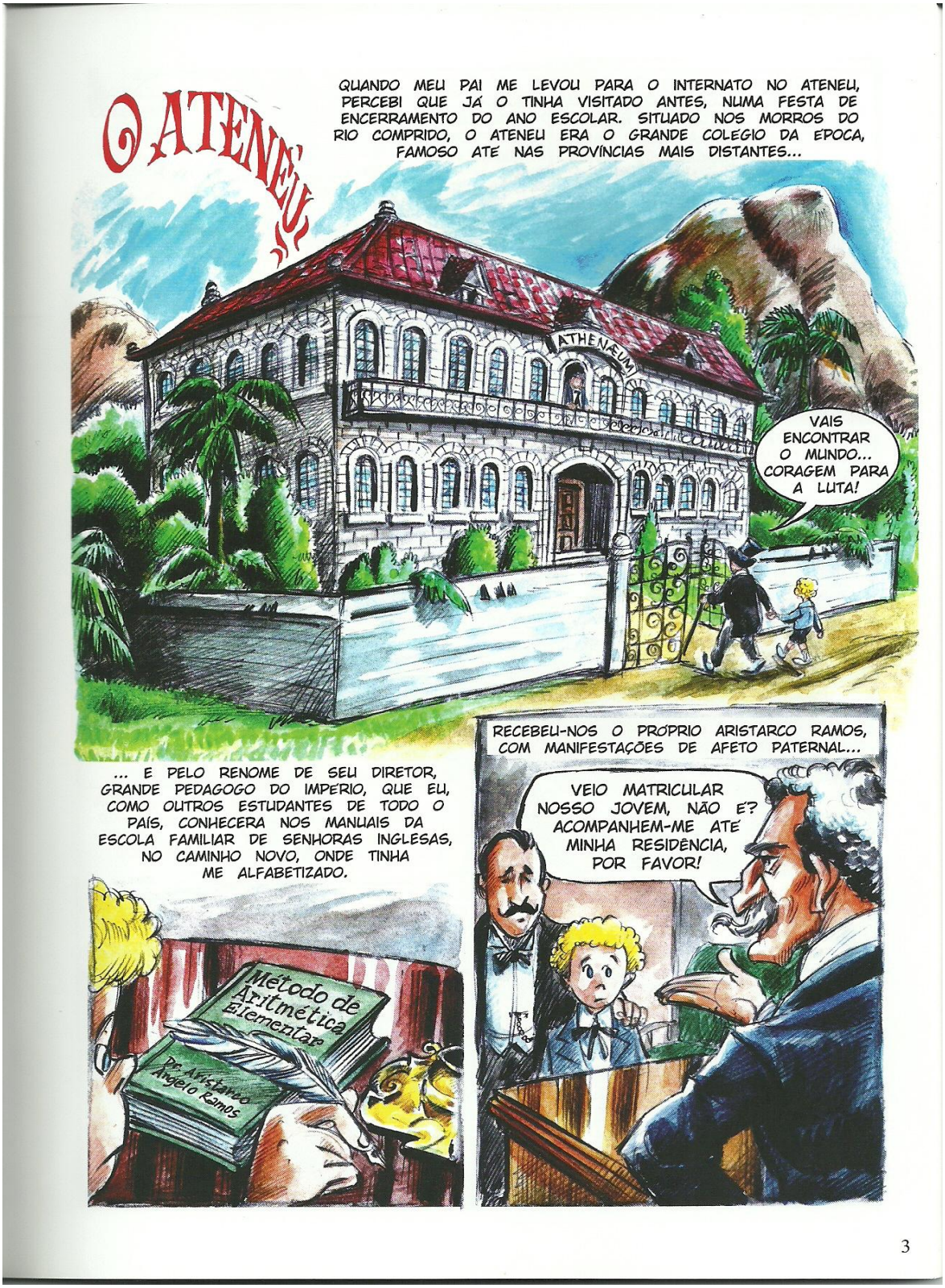


Figura 6 – Reprodução de página de “O Ateneu de Raul Pompéia: literatura brasileira em quadrinhos”

4. Apropriações da obra no campo educacional

4.1. Modos de apropriação

Em primeiro lugar, é mister que se faça, antes de passar à análise das fontes, uma breve menção ao teórico Roger Chartier. Em suas palavras, quando se trabalha o conceito de apropriação, Chartier considera o termo no sentido de "fazer algo com o que se recebe"[282].

A partir desse breve enunciado é que se pode pensar em como trabalhar as apropriações encontradas nas 42 fontes elencadas no presente trabalho. Ainda para Chartier:

> Utilizei o termo no sentido da pluralidade de usos, da multiplicidade de interpretações, da diversidade de compreensão dos textos, o que significa seguir a definição hermenêutica, mas com um conteúdo sócio-histórico particular [...] cada apropriação tem seus recursos e suas práticas, e que uns e outras dependem da identidade sócio-histórica de cada comunidade e de cada leitor.[283]

Ou seja, deve-se considerar "apropriação" do romance de Raul Pompéia o que cada autor fez a partir do texto, tendo em vista cada uma das condições sócio-históricas em que estavam inseridos.

A análise das apropriações pode muitas vezes fazer com que sejam elucidadas maneiras de lidar com o texto literário, fazendo saltar aos olhos imagens, interpretações e memórias que foram ou tenham sido criadas a respeito da obra, possibilitando entender melhor todo o seu alcance e significado dentro do campo educacional brasileiro.

Ainda segundo Roger Chartier:

> As obras não têm sentido estável, universal, imóvel. São investidas de significações plurais e móveis, construídas na negociação entre uma proposição e uma recepção, no encontro entre as formas e os motivos que lhes dão sua estrutura e as competências ou as expectativas dos públicos que delas se apropriam. É certo que os criadores, ou as autoridades, ou os "clérigos" (quer pertençam ou não à Igreja), sempre aspiram a fixar o sentido e a enunciar a correta interpretação que deve restringir a leitura (ou o olhar). Mas sempre, também, a recepção inventa, desloca, distorce. Produzidas em uma esfera específica, em um campo que tem suas regras, suas convenções, suas hierarquias, as obras escapam delas e assumem

---

[282] Roger CHARTIER, *Cultura escrita, Literatura e História*, Porto Alegre: Artmed, 2001, p. 116.
[283] ibid., loc. cit.

> densidade, peregrinando, às vezes na longuíssima duração, através do mundo social".[284]

Ou seja, não se pode simplesmente buscar fazer uma análise de estudos que citem o romance de Pompéia, sem que se leve em conta essa possibilidade de invenção ou mesmo de distorção provocada por quem recebe e se apropria dos discursos contidos no romance.

Ainda para Chartier, "produzidas em uma ordem específica, as obras escapam dela e ganham existência sendo investidas pelas significações que lhes atribuem, por vezes na longa duração, seus diferentes públicos."[285]

De qualquer maneira, a análise das apropriações do romance nos estudos educacionais pode ser uma chave para que se desvende melhor a relevância da obra dentro desse meio, partindo de suas múltiplas possibilidades de diálogos com as questões educacionais.

Cumpriria, portanto, para que se facilite o estudo das leituras de "O Ateneu" nos textos aqui selecionados, fazer uma classificação dos modos de apropriação do romance. Como fazê-la?

Em investigação sobre a apropriação de Pierre Bourdieu em estudos produzidos no campo educacional brasileiro, Afrânio Mendes Catani, Denice Bárbara Catani e Gilson Ricardo de Medeiros Pereira procedem a uma classificação das fontes por eles encontradas, discutindo-a no seguinte excerto:

> A forma mais frequente de apropriação é designada como <u>apropriação incidental</u>, caracterizada por referências rápidas ao autor. Nessa modalidade de apropriação, são frequentes as seguintes ocorrências: é comum o sociólogo ser arrolado nas referências bibliográficas e não aparecer mencionado no corpo do texto; vir referido apenas de passagem, junto com outros autores [...]. Classificamos a outra forma sob a denominação de <u>apropriação conceitual tópica</u>, caracterizada pelo fato de deixar entrever a utilização, conquanto não sistemática, de citações e eventualmente de conceitos do autor, como o de capital cultural, por exemplo. [...] Nessa forma de apropriação, as aquisições conceituais do sociólogo são mobilizadas, com maior ou menor intensidade, para reforçar argumentos ou resultados obtidos e desenvolvidos num quadro terminológico que não necessariamente é o do autor. [...] A terceira forma recebe o nome de <u>apropriação do modo de trabalho</u>, constituindo-se em maneiras de apropriação reveladoras da utilização sistemática de noções e

---

[284] Roger CHARTIER, *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes*, Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002, p. 93.
[285] ibid., p. 259.

> conceitos do autor, [...] bem como mostram preocupação com o "modus operandi" da teoria.[286]

Tendo por inspiração o acima exposto, pode-se proceder a algumas tentativas de divisão que auxiliem na análise das fontes. Ainda que se trate, no presente trabalho, da apropriação de um texto literário, o que é muito diferente de se pensar na maneira em que uma teoria de um sociólogo aparece nos estudos educacionais, podem-se fazer algumas analogias.

No trabalho citado, de Denice Barbara Catani, Afrânio Mendes Catani e Gilson Ricardo de Medeiros Pereira, são expostas três subdivisões das apropriações de Pierre Bourdieu. Há a "apropriação incidental", quando existem apenas breves menções ou referências do trabalho de Bourdieu. Há outro tipo de apropriação, que é chamado de "apropriação conceitual tópica", que ocorre a partir do momento em que o autor não é apenas referido, mas há um uso de conceitos por ele trabalhados. Nesse caso, a apropriação faz-se da seguinte maneira: aquele que se apropria utiliza conceitos do teórico para reforçar argumentos em seu trabalho. Por fim, há a "apropriação do modo de trabalho", que é quando se utilizam sistematicamente os conceitos do teórico na própria pesquisa, tendo em vista seu "modus operandi".

Como já foi dito, há grande diferença entre a apropriação de um texto literário da de um texto de um teórico, mas o modelo citado pode servir para o presente estudo.

Em primeiro lugar, há uma imediata separação a ser notada entre as obras aqui trabalhadas. Conforme já se percebeu anteriormente, nem todas as 42 fontes tratam "O Ateneu" como objeto de estudo principal. Em alguns casos, o romance de Pompéia aparece para servir em alguma argumentação dos trabalhos, ou mesmo para ilustrar ideias. Seriam momentos em que a apropriação pode ser considerada, nos moldes do estudo acima citado, uma "apropriação incidental", em contraposição ao outro caso, em que poderia se denominar de "apropriação como objeto de estudo".

Considerando somente a questão da utilização do romance seja como objeto de estudo ou simplesmente como uma fonte de informações sem uma abordagem mais detalhada da obra, podem-se separar as 42 fontes em dois grupos, e nota-se

---

[286] Denice Barbara CATANI, Afrânio Mendes CATANI e Gilson Ricardo de Medeiros PEREIRA, As apropriações da obra de Pierre Bourdieu no campo educacional brasileiro, através de periódicos da área, *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 17, 2001, p. 65. (grifos nossos)

que 18 dos trabalhos tomam o romance de Raul Pompéia como fonte principal em sua análise, enquanto que as demais 24 obras não têm o romance como objeto principal de estudo, mas utilizam-se dele apenas em alguma citação ou referência.

Para exemplificar, pode-se tomar a dissertação de Maria Therezinha Consolação Teixeira dos Santos[287]. Sua intenção é debruçar-se sobre o livro de Raul Pompéia. Em seu trabalho, são mais de 60 citações de trechos de "O Ateneu", procedendo, assim, a um exame pormenorizado da obra. Enquanto isso, no livro de Maria Luiza Marcílio, há somente uma menção ao romance[288]. Isso não significa, como já foi dito, e conforme se poderá observar mais adiante, que, para os fins deste trabalho, a análise desta última fonte seja de menor importância em relação à primeira.

No entanto, não é apenas esse tipo de diferenciação que serve aos propósitos da presente investigação.

Retomando a sentença de Chartier, que considera "apropriar-se" um "fazer algo com o que se recebe", pode-se pensar em outras possibilidades de se categorizar os modos de apropriações feitos nesses 42 escritos, conforme se verá a seguir.

4. 1. 1. Apropriação "didática"

Tomando de início a tese de Henrique Evaldo Janzen, pode-se pensar em um dos modos de apropriação de "O Ateneu". Isso porque esse trabalho constitui-se de uma investigação bastante peculiar.

Situado dentro da área de Língua e Literatura alemã, a intenção do autor no trabalho é, ao propor a alguns alunos que estejam aprendendo o idioma a leitura de um romance na língua alemã, que o façam através da mediação de um romance brasileiro de características semelhantes. O autor explica que, em sua maior parte, os alunos do idioma alemão, ainda que tenham domínio sobre a estrutura

---

[287] Maria Therezinha da Consolação Teixeira dos SANTOS, *De como a educação escolar torna-se palco no romance brasileiro*, passim.
[288] Maria Luiza MARCÍLIO, *História da escola em São Paulo e no Brasil*, p. 79.

gramatical, “falta-lhes, muitas vezes, o conhecimento dos elementos extraverbais que dão sustentação e sentido ao discurso verbal”[289]. Assim, propõe:

> a aproximação da obra da literatura alemã *Jakob von Gunten (1909)*, de Robert Walser**,** ‘mediada’ pelo romance brasileiro, *O Ateneu (1888)*, de Raul Pompéia, envolvendo obras literárias pertencentes a um mesmo gênero (*Bildungsroman*). Estas obras, de fundo autobiográfico, apontam para a representação ficcional dos institutos de ensino (internatos) no Brasil e na Alemanha, no final do século XIX e começo do século XX, respectivamente.[290]

O estudo segue-se com uma parte dos estudantes lendo apenas o romance alemão, enquanto que outra parte lia ambas as obras, para, mais tarde, serem aferidos os resultados:

> a leitura do romance *O Ateneu* precedendo a leitura da obra ficcional alemã se mostrou relevante para a aproximação pedagógica e para o desestranhamento cultural e favoreceu um aprofundamento de sentido do romance *Jakob von Gunten,* gerando possibilidades de um novo potencial interpretativo da obra literária alemã. Os integrantes do grupo que leu previamente o romance brasileiro, se comparado ao grupo anterior, avançaram na interpretação do texto, aprofundando a produção de sentido, enfocando elementos que não foram levantados por aquele grupo. Neste sentido, entendemos que é possível, fundamentado nos resultados encontrados, almejar um diálogo intercultural, a partir da literatura.[291]

Assim, o autor procedeu de modo a fazer uma apropriação que podemos considerar como sendo uma apropriação “didática”. Isso porque, ao ter em mãos o texto de “O Ateneu”, serviu-se dele com uma intenção de mostrar que a sua leitura pode servir de auxílio na compreensão de outro texto, ao se criar essa aproximação intercultural.

No mesmo sentido, há outras fontes aqui analisadas que apreendem o texto de “O Ateneu” como uma espécie de instrumento didático, tendo em vista os mais diversos fins.

No manual de Jaime Cordeiro, há um trecho do texto de Pompéia no momento final de um capítulo, com uma descrição de uma situação escolar. O capítulo discute, entre outras questões, o seguinte:

> Hoje, o que chamamos de escola ou sistema escolar é algo muito semelhante no mundo todo. [...] Alguns autores dão o nome de “gramática escolar” a essa profunda semelhança no funcionamento do ensino e da escola no mundo de hoje. É como se houvesse um determinado arranjo obrigatório, como acontece numa frase sintaticamente bem estruturada[292]

---

[289] Henrique Evaldo JANZEN, *O Ateneu e Jakob Von Gunten: um diálogo possível,* p. 11.
[290] ibid., p. 11.
[291] ibid., p. 165.
[292] Jaime CORDEIRO, *Didática*, p. 15.

Após essa discussão e, posteriormente, a apresentação do trecho de “O Ateneu”, ao lado de outro texto literário que também trata de escola (“Conto de escola”, de Machado de Assis), pede-se aos alunos que descrevam uma situação qualquer de uma escola nos dias atuais e comparem com as descrições feitas pelos autores do século XIX, com a finalidade de se apreender a questão trabalhada no capítulo sobre a chamada “gramática escolar”.

Há um texto de Dislane Zerbinatti Moraes em que também se pode enxergar uma apropriação didática de “O Ateneu”. Em uma experiência com alunos de graduação, pediu-se para que os estudantes lessem o texto de Pompéia, entre outras obras literárias e fizessem aproximações com o conteúdo das aulas de História da Educação. O resultado foi o seguinte:

> O *Ateneu* foi objeto de um grande número de trabalhos, talvez porque seja o mais conhecido e leitura obrigatória no ensino fundamental e médio. O romance autobiográfico e alegórico, ao mesmo tempo, trouxe às alunas algumas questões de interpretação. Separar os dados de realidade entre metáforas, entender o ponto de vista do narrador, associar esta construção narrativa aos elementos biográficos do autor e à história dos institutos educacionais particulares no Império, todas essas tarefas são desafios intelectuais instigantes e produtivos oferecidos aos alunos. Um dos grupos utilizou artigo sobre o pensamento pedagógico do Barão de Macaúbas, Cesar Abílio Borges, proprietário, diretor do Colégio Abílio e modelo histórico para o romance. Nesse artigo, o Barão posiciona-se criticamente ao modelo escolástico de educação e apresenta perspectivas modernas em educação. No romance, no entanto, o personagem do diretor Aristarco é um educador tradicionalista, que valoriza o ensino da retórica e, apesar de incentivar a difusão dos conhecimentos das ciências da natureza – novidades da época –, revelam-se então as tensões e ambiguidades da modernização educacional de seu tempo.[293]

Sendo assim, percebe-se a utilização do texto literário como modo de levantar reflexões que servem à produção historiográfica e aos estudos educacionais.

Mais um texto em que se pode enxergar esse tipo de apropriação didática, ou seja, olhando para o livro “O Ateneu” com alguma finalidade de instrumento pedagógico, é o trabalho de Eliane Marta Teixeira Lopes. Em seu livro, para incentivar a utilização de novas fontes nos trabalhos de História da Educação, a autora levanta a seguinte questão: “por que não relembrar e ‘ler’ de novo o sempre muito citado *Ateneu* de Raul Pompéia, publicado pela primeira vez em 1888?”[294]

---

[293] Dislane Zerbinatti MORAES, *Ficções, memórias e cultura da escola: a escrita de “si”, dos “outros” e da história da profissão docente*, p. 225.
[294] Eliane Marta Teixeira LOPES, *Perspectivas históricas da educação*., p. 69.

Alguns anos mais tarde, o trabalho de José Vieira de Sousa com fontes literárias em História da Educação retoma o mesmo questionamento, inclusive fazendo referência ao trabalho de Eliane Marta Teixeira Lopes.

Nesse trabalho, há intenção de relatar resultados de pesquisas desenvolvidas em cursos de Licenciatura, também fazendo uso de fontes literárias. Os resultados obtidos, em relação aos estudos de "O Ateneu" foram expostos da seguinte maneira:

> o modelo educacional elitista do Império é refletido a partir da inquestionável e reiterada contribuição do romance 'O Ateneu' [...] e suas denúncias sobre a ausência de um efetivo compromisso estatal com a democratização da educação.[295]

Como se percebeu, há fontes que, tomando o texto de "O Ateneu", fazem dele um meio didático de levar aos interlocutores certas propostas. Tendo analisado essas fontes, passa-se à verificação de outro modo de se relacionar com "O Ateneu", mais comumente encontrado nas fontes.

4. 1. 2. Apropriação "como um clássico"

Theobaldo Miranda dos Santos, em uma de suas obras sobre cultura e educação, trata da questão dos livros considerados "clássicos":

> Discutem-se ainda hoje quais as qualidades características desses grandes livros. Mas as opiniões continuam divergentes. Uns afirmam que essas obras se caracterizam pela força e originalidade; outros, pela harmonia e beleza; outros, pela atualidade e penetração; outros, enfim, pelo sentido humano e universal.[296]

O autor elenca, assim, alguns livros que considera "clássicos", tanto no contexto universal, como no brasileiro. No caso das obras brasileiras, o autor coloca um total de dezesseis títulos. Na lista estão "Os sertões", de Euclides da Cunha, "A cultura brasileira", de Fernando de Azevedo, entre outros. Figura também, entre eles, "O Ateneu".

---

[295] José Vieira de SOUSA, *Educação no Brasil Colônia, Império e República: os textos literários como fonte alternativa de pesquisa.*, p. 181.
[296] Theobaldo Miranda SANTOS, *Métodos e técnicas do estudo e da cultura,* São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957, p. 206.

Italo Calvino, por sua vez, coloca que:

> Os clássicos são livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual. [...] chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram[297]

Na maior parte das análises aqui feitas, percebeu-se que o texto de "O Ateneu", talvez devido à sua consagração, popularidade, e – por que não? – sua presença no inconsciente coletivo, vem à tona quando da discussão de diversas questões ligadas à temática educacional. Muitas vezes, parece que vem automaticamente, como uma referência obrigatória, e que "se impõe como inesquecível".

Assim, encontra-se outro modo de apropriação do romance, que pode ser, de modo abrangente, denominado de "apropriação como um clássico".

Nesse sentido, podem-se criar ainda duas outras categorias. Em primeiro lugar, serão relacionadas e descritas algumas fontes que se apropriam de "O Ateneu" sob essa perspectiva ("como um clássico"), porém utilizam-no de modo "incidental", ou seja, fazem breves menções ou referências ao romance. Em seguida, são destacadas fontes que têm o romance como um dos objetos principais de estudo e olham para ele também do ponto de vista de um "clássico".

a) <u>fontes que não têm "O Ateneu" como um dos seus objetos de estudo:</u>

Em primeiro lugar, cumpre retomar a dissertação de Marilse Terezinha de Araujo. A ideia da pesquisadora era fazer entrevistas com alunos de Ensino Médio e comparar seus relatos com o discurso de Sérgio, em "O Ateneu". Nota-se a maneira como a autora se refere ao personagem protagonista do romance: "Sérgio, aluno d'O Ateneu, nos acompanhará durante toda a caminhada no papel de aluno que confirma essa organização escolar sobrevivendo desde o século XIX."[298]

Após algumas comparações, a autora chega a conclusões dentro da pesquisa: "na comparação com a descrição feita por Sérgio d'*O Ateneu*, nos

---

[297] Italo CALVINO, *Por que ler os clássicos?*, p. 10-11.
[298] Marilse Terezinha de ARAUJO. *Era uma vez uma escola...(Histórias que os alunos contam), p. 26.*

permitiram afirmar a permanência, ao longo de mais de um século, desse modelo escolar que os alunos reiteradamente criticam".[299]

Como se pode observar, "O Ateneu" surge para reforçar todo um discurso, emergindo como um "clássico" cujas imagens são bastante fortes na discussão de questões educacionais, apesar de tratar de realidades tão distantes cronologicamente, o que poderia cair em certos anacronismos.

Em trabalho sobre o Colégio do Caraça, Mariza Guerra de Andrade utiliza-se de "O Ateneu" como obra de referência em relação ao contexto dos internatos no século XIX, relacionando-a com outros textos de caráter autobiográfico ou memorialístico. Em certo ponto, afirma:

> O romance 'O Ateneu', de Raul Pompéia, ganha, para esta pesquisa, um interesse especial. É uma narrativa da vida cotidiana do colégio interno no século passado (Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro) do qual o autor foi ex-aluno, de fortes traços autobiográficos. Dada a descrição de ambientes e de situações análogas ao internato caracense e a grande validade da utilização da fonte literária para o trabalho historiográfico – abrindo novas janelas para o pesquisador – transcrevemos o seguinte texto, que encontra similaridades com o fato acima referido.[300]

Como se pode observar, são inúmeras utilizações do romance em textos que não têm como objeto de estudo a obra de Pompéia. No entanto, as referências surgem constantemente, seja por que serve de auxílio em discussões de contexto histórico, seja por que as situações descritas no livro são importantes quando de outras discussões do fenômeno educacional.

Denice Barbara Catani, Belmira Oliveira Bueno e Cynthia Pereira de Sousa, ao analisarem textos autobiográficos em depoimentos de alunos e professores, citam o texto de Raul Pompéia. Cumpre dizer que a obra é mencionada da seguinte maneira: "O clássico de Raul Pompéia *O Ateneu* é um caso de obra memorialística que não se pode deixar de mencionar"[301]

Já na dissertação de mestrado de Rosane dos Santos Torres, o objeto de estudo são discursos produzidos por membros da casa legislativa do Rio de Janeiro, mas a autora se utiliza de uma breve análise de "O Ateneu", para fazer a seguinte correlação:

---

[299]Marilse Terezinha de ARAUJO. *Era uma vez uma escola...(Histórias que os alunos contam),* p. 108.
[300] Mariza Guerra de ANDRADE, *A educação exilada: Colégio do Caraça*, p. 122. (grifos nossos)
[301] Denice Barbara CATANI, Belmira Oliveira BUENO e Cynthia Pereira de SOUSA, *"O amor dos começos": por uma história das relações com a escola.*, p. 159. (grifos nossos)

> a descrição feita pelo autor do romance é sintomática de uma afirmação bastante recorrente nos discursos de alguns parlamentares – e também de alguns membros da intelectualidade brasileira –, expressa em diferentes períodos do século XIX, os quais procuravam atribuir à "educação" um papel de centralidade na formação dos alunos e na organização social.[302]

Há trabalhos que tratam das representações de educação ou de infância em textos literários, muitas vezes comparando diversos escritos e tentando relacioná-los aos seus contextos. É o caso da dissertação de Anderson Luis Nunes da Mata que, ainda que não trate especificamente de "O Ateneu", faz alusão ao romance, por ser uma referência obrigatória: "é nessa clave que se desenvolve o texto que inaugura a figura do protagonista infantil no cânone literário brasileiro. Em 1888, Raul Pompéia lançava *O Ateneu*"[303]

Em livro cujo tema principal é a formação de leitores no Brasil, Marisa Lajolo e Regina Zilberman tratam das relações e impressões que a escola significa para os alunos, questionando até que ponto o ambiente escolar foi um local em que se desenvolveu o gosto pela leitura. Para tanto, as impressões encontradas nos relatos existentes em "O Ateneu" não sugerem um ambiente favorável: "como poderia ser prazeroso e significativo o encontro patrocinado pela escola entre eles e os jovens leitores, recém-iniciados no mundo da leitura?"[304]

O trabalho de Jeferson Silveira Dantas tenta traçar pontos de semelhança entre as trajetórias políticas de Anísio Teixeira e Paulo Freire, sempre na procura de um modelo de educação que servisse à realidade nacional, distanciando-se, segundo o autor, do modelo de educação considerado antiquado presente nas páginas de "O Ateneu", texto que acaba servindo, no trabalho, de contraponto às teorias de Anísio e Freire.[305]

Pedro da Cunha Pinto Neto utiliza-se de "O Ateneu", especialmente referindo-se a uma aula de astronomia descrita no livro. No entanto, sua leitura traz contribuições, ao falar sobre as impressões que Sérgio transmite: "Muitas das imagens que expressam sua experiência sobreviveram ao tempo, e passaram a

---

[302]Rosane dos Santos TORRES, *Filhos da pátria, homens pelo progresso: o Conselho Municipal e a instrução pública na Capital Federal (1892-1902)*, p. 24.
[303] Anderson Luis Nunes da MATA, *O silêncio das crianças: representações da infância na narrativa brasileira contemporânea.*, p. 18.
[304] Marisa LAJOLO e Regina ZILBERMAN, *A formação da leitura no Brasil*, p. 174.
[305] cf. Jeferson Silveira DANTAS, *Perspectivas educacionais no pensamento de Anísio Teixeira e Paulo Freire*.

compor uma memória, que não é mais a de Sérgio, mas de várias gerações de leitores de O Ateneu."[306]

Maria Luiza Marcílio, em estudo abrangente sobre a escola em São Paulo, menciona rapidamente a obra de Pompéia, mas é o suficiente para que algumas questões possam ser discutidas, já que coloca que: "o Caraça e o Ateneu do Abílio (Rio de Janeiro), este conhecido graças à obra literária e memorialista de Raul Pompéia, foram dos poucos colégios graduados e de ensino melhor existentes no período"[307]. Não há como não notar a confusão de termos, proposital ou não, quando a autora chama de "Ateneu" o "Colégio Abílio", ainda que "ateneu" fosse uma denominação comum aos estabelecimentos de ensino secundário na época.

O trabalho de Maria Celi Chaves Vasconcelos, traçando panorama da educação doméstica no Oitocentos, serve-se de textos literários, como "O Ateneu" para afirmar que "havia uma significativa rede de educação doméstica no Brasil durante o século XIX, concorrendo com o atendimento dado nos colégios particulares e ultrapassando o atendimento dado pela escola pública estatal"[308].

Diane Valdez, em tese sobre o Barão de Macaúbas, também se utiliza da memória criada em torno de "O Ateneu" para discutir questões relacionadas às semelhanças e diferenças entre elementos descritos no romance e a vida de Abílio. Na palavra da autora:

> não é nossa intenção discutir se o teor do romance de Pompéia era realidade ou ficção, tampouco argumentar sobre a veracidade de suas memórias. Porém, ao percorremos a referida obra, não podemos deixar de estabelecer algumas relações com o que investigamos sobre Abilio e seu colégio[309]

Em artigo sobre a questão da educação integral nos dias de hoje, Cezar Ricardo de Freitas e Maria Inalva Galter se apropriam de "O Ateneu" também de modo breve, para se lembrar de um momento da história educacional brasileira em que a educação ocorria em tempo integral e, desta forma, fazer um paralelo.[310]

---

[306] Pedro da Cunha PINTO NETO, *Ciência, literatura e civilidade*, p. 128. (grifos nossos)
[307] Maria Luiza MARCÍLIO. *História da escola em São Paulo e no Brasil,* p. 79.
[308] Maria Celi Chaves VASCONCELOS, *A casa e os seus mestres: a educação no Brasil de oitocentos,* p. 224.
[309] Diane VALDEZ, *A representação de infância nas propostas pedagógicas do Dr. Abílio César Borges,* p. 178. (grifos nossos)
[310] cf. Cezar Ricardo de FREITAS e Maria Inalva GALTER, Reflexões sobre a educação em tempo integral no decorrer do século XX.

Ana Luiza de Oliveira Duarte Ferreira, ao tratar de um colégio feminino em Juiz de Fora faz menção a “O Ateneu”. Ainda que a correlação não pareça evidente, esclarece-se que é um modo de encontrar não pontos de contato, mas de dessemelhança. Assim, a autora coloca que, na comparação do cotidiano dos dois colégios, percebe-se que o colégio descrito em “O Ateneu” é bem mais rígido e autoritário, ainda que o período histórico analisado seja próximo.[311]

Em estudo sobre a organização do trabalho pedagógico, Jose Carlos Souza de Araujo cita brevemente a obra de Pompéia para exemplificar uma situação de organização do trabalho didático.[312]

Em investigação a respeito de um Instituto feminino em Uberlândia, Julio Cesar Orias Teodoro e José Carlos de Souza Araujo fazem menção a “O Ateneu” justamente para contrapor os modelos de educação de duas épocas distintas. Interessante notar que a referência a “O Ateneu” está presente mesmo quando não se trata de um estudo referente ao século XIX. Vale mencionar o seguinte trecho do artigo:

> os percursos para a construção desse texto possibilitaram vislumbrar uma concepção distanciada daquela visão de instituição católica de educação rememorada em nossa consciência, pela leitura de obras literárias que faziam caricaturas das formas regimentais de funcionamento dos internatos brasileiros através de relatos de escritores como Raul Pompeia (O Ateneu) e José Lins do Rego (Doidinho), pelos aspectos mórbidos proporcionados por tais obras ao retratar o internato. Assim, quando se fala de instituição católica de educação e de internato, o que se visualiza, graças a essa literatura, é um local sombrio, fechado, com muros enormes, com uma vigilância próxima à de um presídio. Entretanto, na realidade, os fatos literários apresentam um aspecto caricato da realidade, ainda que sejam testemunhos do que ocorria no interior dos mesmos.[313]

Nota-se que o texto de Pompéia surge nas mais diversas ocasiões, seja para reforçar um ponto de vista, seja para entrar em oposição, servindo de contra-exemplo. De qualquer modo, é um texto que adquiriu visibilidade facilmente.

Ainda em trabalhos em que o romance não figura como objeto principal de análise, encontra-se o trabalho de Marlene Dozol que trata de descrever imagens e sentimentos que aparecem em memórias escolares, contrapondo boas e más lembranças. “O Ateneu” faz-se presente nas descrições da autora:

---

[311] Ana Luiza de Oliveira Duarte FERREIRA, Ser Stella: um estudo sobre o papel da mulher e da educação feminina na Juiz de Fora do início do século XX.
[312] Jose Carlos Souza ARAUJO, Ser professor: da divisão do trabalho à organização do trabalho pedagógico e do trabalho didático.
[313] Julio Cesar Orias TEODORO e José Carlos Souza ARAUJO. *Instituto Teresa Valsé Pantellini: um compromisso com a formação da mulher (1959-1971),* p. 359.

> A versão literária de tal luta associada a um profundo ressentimento relativamente à experiência escolar pode ser muito bem ilustrada pela obra *O Ateneu*, de Pompéia. Nela deparamo-nos com um processo doloroso de adaptação ao internato[314]

Por fim, há o trabalho de Maria da Conceição Barbosa Lima, Giselle Faur de Castro e Roberto Moreira Xavier de Araujo[315], no qual discute-se, após estudo etimológico de quatro palavras do vocabulário pedagógico, como se deu a construção do ensino de ciências ao longo dos anos. Mais uma vez, o romance faz-se presente no momento em que se menciona a educação elitista.

Enfim, constata-se que o romance está presente nos discursos educacionais, de maneira frequente. Suas imagens aparecem, cheias de vida. A apropriação muitas vezes se faz como se referir-se ao "Ateneu" fosse um imperativo. Daí, o destaque dado nos momentos em que os autores das fontes afirmam que não se poderia deixar de mencionar "O Ateneu". Daí, a apropriação "como um clássico", como a menção a um livro que não pode ser esquecido.

b) <u>fontes que têm em "O Ateneu" um dos seus principais objetos de estudo:</u>

Nas fontes em que o romance é um dos principais objetos de estudo, as apropriações se fazem de outra maneira. Não é uma simples imagem que se coloca, mas há análises textuais e contextuais mais elaboradas. Ainda assim, o livro entra como uma memória de um período ou de um modelo de educação para que se discutam questões, ora de caráter historiográfico, ora de demais temas educacionais.

A dissertação de Maria Therezinha da Consolação Teixeira dos Santos, datada de 1988, é exemplo de apropriação do texto de "O Ateneu" em uma discussão contextual sobre o século XIX, ainda que relacione também com questões atuais. Para a autora, fazendo um debate sobre o discurso do romance:

> desafia o poder estabelecido da autoridade, das falsas aparências, das discriminações sociais, do mecanismo mercantilista da educação como mercadoria. Ele ironiza um barateamento do conteúdo da escola, um 'dourar a pílula', como procedimento de educação, processo comercial dos colégios particulares empresas lucrativas no ocaso do Império. Ele discorre sobre cada disciplina do currículo, evidenciando todo um fazer artificial da

---

[314] Marlene de Souza DOZOL, *Memórias escolares: sem ressentimentos,* p. 235.
[315] Maria da Conceição Barbosa LIMA, Giselle Faur de CASTRO e Roberto Moreira Xavier de ARAUJO, *Ensinar, formar, educar e instruir: a linguagem da crise escolar.*

> educação, que para sustentar-se como processo acreditado precisa e usa da repressão.[316]

Giseli Rodrigues Correa, por sua vez, faz um paralelo entre o descrito em "O Ateneu" e relatos descritivos referentes ao Colégio Caraça, para obter informações a respeito da educação no século XIX. A autora, em seu uso da obra de Pompéia, afirma que:

> O Ateneu não é uma reprodução exata de uma determinada realidade, mas a transposição dessa realidade para a ficção. Neste sentido, a ficção se tornou mais verdadeira do que a história no romance, pois foi além dos fatos comprovados devido à liberdade do autor em compor a obra, permitindo-lhe enfatizar certos traços e ridicularizar outros.[317]

Ainda tendo em vista as discussões a respeito do contexto educacional do Império, o artigo de Laura Hosiasson tenta caracterizar o período como rígido, severo e repressor. É interessante notar que a autora dá ênfase para o fato de o narrador-personagem conseguir, aos poucos, escapar desse esquema repressor, indisciplinando-se, como se extrai do seguinte trecho:

> Sérgio confirma então que, no colégio como na vida lá fora, o importante não é submeter-se às regras e hierarquias estabelecidas, mas descobrir seu funcionamento e dele se aproveitar. (...) Diante da disciplina, Sérgio cresce em compreensão e em desencantamento. Crescer é, assim, indisciplinar-se.[318]

Já Kleber Garcia Campos, em seu trabalho de literatura comparada, faz uma apropriação da obra no sentido de buscar elementos que colaborem para uma visão da educação no período, relacionando também com os dias atuais. Assim, coloca que, no seu estudo que relaciona "O Ateneu" com "David Copperfield":

> Dickens e Pompéia obviamente não estavam conscientes de toda a transformação que o homem de hoje vê passar diante de si. Mas eles eram conscientes de que alguma coisa não se ajustava a seus critérios de julgamento. Foram críticos o bastante para relatarem com precisão o que acontecia em volta deles e que tinha alguma coisa a ver com educação. Seus relatos, ora doloridos, ora contundentes, permanecem válidos hoje para nossa compreensão de seus tempos e das respectivas sociedades em que estavam inseridos.[319]

Jeová Silva Santana também preocupa-se com o contexto histórico, sobretudo em relação ao assunto do internato. Em certo momento, ele faz a seguinte observação, fazendo uso de "O Ateneu":

---

[316] Maria Therezinha Consolação Teixeira dos SANTOS, *De como a educação escolar torna-se palco no romance brasileiro*, p. 137.
[317] Giseli Rodrigues CORREA, *A ficção e o real: importância da educação no século XIX*, p. 39
[318] Laura HOSIASSON, *Disciplinas e indisciplinas no Ateneu*, p. 78.
[319] Kleber Garcia CAMPOS, *O Ateneu de Charles Dickens: sociedade e educação em duas obras do século XIX,* p. 183.

> a literatura torna-se um ancoradouro para as vozes do passado. Quantas experiências desse tipo não puderam chegar até nós em virtude de não ter encontrado o meio ou a capacidade de registrá-las? Assim, recompõe-se, sob o auxílio da imaginação e da memória, certos recortes do processo educacional brasileiro, quando se tem o conflito diante dos protocolos da relação ensino-aprendizagem.[320]

Ou seja, o romance de Raul Pompéia, quando analisado de um ponto de vista histórico, permite relevantes investigações sobre o contexto da época, como se pode observar nas apropriações feitas.

Ainda em uma análise com viés historiográfico situa-se o trabalho de Carlos Henrique de Carvalho e Luciana Beatriz de Oliveira Bar de Carvalho, no qual as passagens de "O Ateneu" são analisadas. Os autores chegam a fazer o seguinte comentário, que demonstra o seu modo de apropriação, simplesmente fazendo relação direta entre o discurso literário e a realidade educacional, sem levar em conta outras possibilidades:

> O projeto pedagógico e educativo revelado pela referida obra se insere na perspectiva do conservadorismo, expresso pelas concepções de professor, de escola e de pedagogia. E é em torno desse diapasão que muitas instituições escolares, mesmo no período republicano, irão ser instituídas e se estruturarem em seu processo instituinte por várias décadas do século XX. *O Ateneu* é uma escola-ficção, mas entre esta e a realidade educacional brasileira, mesmo republicana, certamente não há diferenças significativas, pois a ficção imita a realidade.[321]

Em análise sobre relações entre escola e sociedade, tomando por base o texto de Pompéia, Maria Terezinha Bellanda Galuch e Marta Sueli de Faria Sforni, por sua vez, explicam as razões da escolha da obra para seus objetivos de pesquisa:

> este autor coloca às claras como o conteúdo social se manifesta na escola, demonstrando que ela não tem forças para ser algo diferente daquilo que é a sociedade. [...] flagra de forma espetacular a relação existente entre educação e sociedade.[322]

Já a tese de doutorado de Luiz Carlos Migliozzi Ferreira de Mello trata a respeito das paixões no universo escolar. Tratando de sentimentos como "medo", "culpa" ou "vergonha", surgidos da relação pedagógica e expostos em textos literários, e utilizando-se de trechos de "O Ateneu", o autor chega a conclusões gerais sobre como funcionam as relações pedagógicas.

---

[320] Jeová Silva SANTANA. *O internato como modelo educacional segundo a literatura: um estudo sob a perspectiva da teoria crítica,* p. 35.
[321] Carlos Henrique de CARVALHO e Luciana Beatriz de Oliveira Bar de CARVALHO, *O Ateneu na perspectiva histórico-educacional brasileira do século XIX*, p. 65.
[322] Maria Terezinha Bellanda GALUCH e Marta Sueli de Faria SFORNI, O Ateneu: a escola da sociedade, p. 34.

> o discurso burocrático sobre a escola manda os professores e sua equipe dirigente porem seus alunos em conjunção com certos saberes. A análise do corpus deste trabalho mostra, todavia, que a escola (encarnada nos professores, diretores e fiscais), para fazer isso, precisa antes condicionar, controlar, dominar seus alunos.[323]

Ainda no mesmo trabalho, chegando a conclusões a respeito de quais seriam os objetivos da educação escolar, o autor vale-se do descrito em "O Ateneu":

> percebe-se, assim, que a "transformação moral", anteriormente mencionada, que é o objetivo explícito da escola, pode muito bem ser compreendida como um processo de mortificação do "eu" do aluno. O modo de vida daquele aluno, oriundo de uma estrutura familiar, é profanado e, paulatinamente, desaparece. Em consequência, surge um outro "eu", diferente, com novos valores. Esse novo "eu" tem padrões de comportamento definidos pela estrutura escolar e não pela estrutura familiar.[324]

Amaury Cesar Moraes faz uso do romance em um trabalho abrangente sobre Filosofia da Educação. Nesse sentido, muitas questões vêm à tona. Em especial, está a questão da formação, que é intrínseca a toda concepção de educação. No diálogo com o romance, vem o seguinte trecho:

> o Ateneu, ao assemelhar-se ao mundo, prepara o indivíduo para viver no mundo. Assim, a ideia de formação presente no romance, mas de um modo geral ligada ao ato de educar, é antes de tudo uma proposta de transformação do indivíduo em um ser social[325]

Há trabalhos que buscam em "O Ateneu" uma fonte para a discussão das relações de poder na escola. No trabalho de Tiago Ribeiro Santos e Rita de Cássia Marchi, o uso das situações descritas na obra faz com que o autor trace paralelos entre duas visões sobre o poder (a de Foucault e a de Bourdieu):

> considerar que a atuação do poder disciplinar (como definido por Foucault) no *colégio Ateneu* é também e, ao mesmo tempo, uma manifestação do poder simbólico (tal como definido por Bourdieu), é somente sugerir que, talvez, a capilaridade através da qual o poder opera nas sociedades disciplinares, segundo anuncia Foucault, possa ser compreendida como aquilo que torna a violência ou força que adestra (isto é, que *educa*), como uma violência essencialmente *simbólica* que tanto Bourdieu quanto Foucault reconhecem estar presente na vida escolar.[326]

No mesmo sentido, está o artigo de Silvio José Benelli, que trata da questão do internato como instituição total. No artigo, o autor faz uso dos trechos do romance para exemplificar os conceitos trabalhados. Assim se pronuncia a respeito:

---

[323] Luiz Carlos Migliozzi Ferreira de MELLO, *A mortificação do ser: uma investigação das paixões no universo escolar*, p.130.
[324] ibid., p. 152.
[325] Amaury Cesar MORAES, *Uma crítica da razão pedagógica a partir da leitura d'O Ateneu*, p. 191.
[326] Tiago Ribeiro SANTOS, Rita de Cássia MARCHI, *O Ateneu: uma análise de mecanismos disciplinares no romance de Raul Pompéia,* p. 353.

> Em vez de parafrasear Pompéia, preferimos lançar mão desse artifício e abusar da transcrição literal. Assim, não perdemos o interessante estilo de Pompéia e temos seu próprio testemunho de como realmente funciona uma instituição total[327]

Já Vilma Marques da Silva, também discutindo a questão do poder, faz uma leitura que enxerga permanências:

> conclui-se que a prática pedagógica explicitada em *O Ateneu* parece arraigada em nosso sistema educacional, o que dificulta promover, na escola, mudanças que objetivem, por exemplo, como o respeito às diferenças sociais, físicas, intelectuais e ideológicas. Mas é inadmissível, no atual e real contexto escolar do século XXI, dar continuidade à certas práticas pedagógicas descritas no mundo fictício de *O Ateneu*, — obra do final do século XIX que possibilita ver personagens agindo no drama da vida e oferecendo possibilidades de reflexão sobre nosso mundo social.[328]

Há ainda o trabalho de Nilza Perez de Rezende sobre imagens de professores na literatura. Para a autora, em sua análise, as representações docentes em "O Ateneu" são consideradas todas autoritárias:

> Na escola do menino Sérgio, os professores não têm o livro como aliado e os meninos¸ os professores como amigos. Monotonia, tédio, enfado, temor permanente, espionagem: assim se caracteriza a vida no Ateneu. O grande diretor é vigilante poderoso, bedel injusto, que vai se metamorfoseando, cada hora desfazendo uma ilusão, olhos arregalados prontos a espreitar e punir quem fugisse às regras, fosse professor ou aluno.[329]

Celdon Fritzen interroga textos literários que construíram imagens sobre a infância. Em sua leitura, dá maior atenção à questão da moralidade e do controle dos instintos, afirmando que a formação da organização social dá-se no controle sobre a infância e sobre seu sexo, e utiliza-se do texto de Raul Pompéia para situar sua análise.[330]

Marcus Vinicius Mazzari faz uma incursão ao texto de Raul Pompéia, relacionando-o com outras obras, como "O jovem Törless". Para o autor, em uma demonstração do tipo de aquisição feita em relação aos textos literários, origem de imagens que servem de análise a muitas questões humanas, são duas "obras-primas que tematizam o embate da criança ou do adolescente com o meio adverso

---

[327] Silvio José BENELLI, *Dispositivos disciplinares produtores de subjetividade na instituição total*, p. 100.
[328] Vilma Marques da SILVA, *Exercício do poder: conflitos, discursos e representações em "O Ateneu"*, p. 126.
[329] Nilza Perez de REZENDE, *Da palmatória à sedução: imagens do professor na literatura e na cultura brasileiras*, p. 37.
[330] cf. Celdon FRITZEN, *A pedagogia social da geração de 1870: literatura e infância.*

da escola vão literalmente à raiz das grandes questões do indivíduo e da sociedade".[331]

Por último, Danilo de Oliveira Nascimento, ao fazer um estudo do livro na perspectiva do romance de formação, e explicando a questão da caracterização de Sérgio, atesta que:

> tornar a alma do menino acessível aos leitores é, necessariamente, tornar acessíveis todos os mecanismos sociais e psicológicos, todos os outros personagens, todos os ambientes onde ele circula, bem como todas as circunstâncias por ele vividas. Em suma, todas as forças operantes na função de formá-la[332]

Assim, pôde-se verificar algumas das maneiras como "O Ateneu" é lido dentro dos estudos educacionais e como é referido nos textos que circulam no meio educacional.

Rico em imagens e falas que tratam do fenômeno educacional, em alguns momentos surge como um clássico a ser lembrado e relembrado, a ser lido e relido. Como uma memória de um período educacional, o do Império brasileiro, ou como uma memória de uma instituição, o internato. Como um modelo de ensino tradicional e elitista que ficou no passado, ou como um modelo que se mantém até hoje.

Seja como for, as apropriações do texto ensejam inúmeras possibilidades, e sugerem outros questionamentos.

4.2. "O Ateneu": memória/monumento?

Michel Pollak, em seus estudos sobre memória, ao retomar textos de Pierre Nora e Maurice Halbwachs, discute sobre pontos de referência que estruturam a memória coletiva, e cita, entre eles, os chamados monumentos.[333]

Em outro trabalho, o mesmo autor trata da questão de como se forma o fenômeno da memória, no ponto de vista social:

> memória é um fenômeno construído. Quando falo em construção, em nível individual, quero dizer que os modos de construção podem tanto ser conscientes como inconscientes [...] em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente [...] cada vez que uma

---

[331] Marcus Vinicius MAZZARI. *Representações literárias da escola*, p. 241.
[332] Danilo de Oliveira NASCIMENTO. *Dossiê Sérgio: o Ateneu como romance de formação*, p. 109.
[333] cf. Michael POLLAK, Memória, esquecimento, silêncio*, Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

> memória está relativamente constituída, ela efetua um trabalho de manutenção, de coerência, de unidade, de continuidade, da organização. [...] essa mesma memória passou a trabalhar por si só.[334]

Assim, torna-se necessário entender como se dá essa estruturação da memória, seja individual ou coletiva e qual a importância dos chamados "monumentos" nessa constituição.

Para se esclarecer melhor, podem-se citar exemplos dentro do campo educacional brasileiro, mais especificamente dentro da História da Educação. Algumas questões têm sido muito discutidas quando se trata do que se produziu dentro da historiografia educacional brasileira durante o século XX.

Em primeiro lugar, deve-se voltar os olhos para um período muito significativo dentro da História da Educação. Franco Cambi considera que:

> entre o último decênio do século XIX e o terceiro decênio do novo século, afirmam-se na pedagogia mundial algumas experiências educativas de vanguarda, inspiradas em princípios formativos bastante diferentes daqueles em vigor na escola tradicional.[335]

Já no caso brasileiro, vêm as palavras de Jorge Nagle:

> comparado com os três decênios que o antecederam, o terceiro decênio do século XX representa a etapa em que explode, barulhento e rápido, o surdo e lento processo de represamento de energias: continuamente se discutem, se identificam e se analisam os 'grandes problemas nacionais', para os quais se propõem conjuntos muitas vezes contraditórios de soluções. Entre eles se privilegia o da escolarização, em muitos espíritos transformado no único e grave problema da nacionalidade.[336]

Considerando o exposto, há que se entender que teria ocorrido, desde o final do século XIX, um movimento de renovação na educação, seja no âmbito mundial, seja no nacional. No Brasil, isso se tornaria mais nítido, como visto, a partir dos anos 1920.

Seja como for, a produção historiográfica que se cristalizaria a seguir consagrou o período dos anos 1920 e 1930 como o início das grandes transformações que estavam por vir, o início de uma propagada renovação da educação, e passou uma ideia negativa em relação a tudo o que havia sido feito anteriormente na área educacional no Brasil. Considerando a questão da historiografia, o texto de Fernando de Azevedo é obra fundamental para a

---

[334] Michel POLLAK, Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.
[335] Franco CAMBI, *História da pedagogia*, p. 536.
[336] Jorge NAGLE, *Educação e sociedade na primeira República*, p. 116.

construção dessa visão. Pode-se observar, entre outros exemplos, o seguinte excerto:

> tem-se considerado como um ponto culminante no movimento de renovação educacional no Brasil, a reforma de 1928 no Distrito Federal, que se tornou o foco mais intenso de irradiação das novas ideias e técnicas pedagógicas.[337]

Sobre a obra de Fernando de Azevedo, vêm a seguir as palavras de Marta Maria Chagas de Carvalho:

> publicada em 1943, é obra de síntese que, estruturando-se monumentalmente, por seu escopo, método, tamanho, e, sobretudo, pelo formato editorial que assumiu como Introdução do Censo realizado pelo Estado Novo em 1940, teve várias edições e ampla circulação no meio acadêmico, sendo lida como obra de consulta e fonte de pesquisa. [...] Propondo-se como obra de síntese, é uma espécie de compêndio em que se apagam as posições da enunciação, o que facilita uma modalidade de leitura pouco atenta à desmontagem das estratégias discursivas de produção de sentido, que fizeram do livro uma peça engajada na guerra de posições instaladas no campo educacional na primeira metade da década de 1930.[338]

Sendo assim, configurou-se uma interpretação da História da Educação brasileira que se manteve como predominante. Ainda segundo a mesma autora:

> as representações sobre a educação no Brasil e sua história, articuladas na obra de Azevedo, não foram ainda suficientemente desarticuladas e criticadas, enquanto dispositivos de produção de rígidos esquemas de enquadramento da disciplina. Estruturando-se monumentalmente como obra de síntese, "A cultura brasileira" é uma espécie de compêndio em que se apagam as posições da enunciação, e, por isso, é sem dúvida um lugar no qual a "memória dos renovadores é erigida em conhecimento histórico". Na medida em que, por seu tamanho e formato editorial, é obra de consulta destinada a pesquisadores, ganha especial relevância a análise dos dispositivos textuais que, nela, definem o que é pertinente ao campo da história da educação a ser narrada, prefigurando os elementos da intriga e constituindo o seu sentido.[339]

Mas qual a relação que se pode deduzir dessa discussão historiográfica com as apropriações de "O Ateneu" e com os processos de constituição da memória, segundo Michel Pollak? Conforme o exposto acima, a obra de Fernando de Azevedo tornou-se um texto fundamental na constituição de uma memória sobre a História da Educação brasileira, impondo uma determinada interpretação e, sendo assim,

---

[337] Fernando de AZEVEDO, *A transmissão da cultura: terceira parte de A cultura brasileira*, p. 163.
[338] Marta Maria Chagas de CARVALHO, *A Cultura Brasileira de Fernando de Azevedo* in XAVIER, Maria do Carmo (org.). *Clássicos da educação brasileira – volume 1.* Belo Horizonte: Mazza, 2010, p. 64.
[339] Marta Maria Chagas de CARVALHO, *A Configuração da historiografia educacional brasileira* in Marcos Cezar FREITAS (org.), *Historiografia brasileira em perspectiva,* São Paulo: Contexto, 2010, p. 331.

passou a configurar como uma memória/monumento dentro da História da Educação no Brasil.[340]

E "O Ateneu"? Pode ser considerado na perspectiva de memória/monumento da educação oitocentista, tendo em vista tudo aquilo que aqui foi exposto?

Fazendo um olhar para fontes destinadas à formação de professores, alguns aspectos nesse sentido podem ser destacados. Afinal, os manuais são importante fonte de análise de como certas ideias circulam dentro do campo educacional. Muitas vezes, a leitura dada pelo autor do manual pode ser a que prevalece, pois faz-se por esse meio a entrada do texto no campo. No trabalho de Vivian Batista da Silva, a respeito dos manuais pedagógicos brasileiros entre as décadas de 1930 e 1970, há uma discussão esclarecedora a esse respeito:

> os saberes contidos nos compêndios constituíram-se a partir da explicação que os seus autores, enquanto leitores, fizeram de algumas ideias. Muito provavelmente essa interpretação direcionou o entendimento que os normalistas tiveram da bibliografia citada. O presente trabalho pode, portanto, ser útil para uma história da produção e transmissão da cultura profissional do professorado, pois os livros aqui examinados permitem conhecer modos pelos quais determinados conhecimentos foram reunidos em textos aparentemente coerentes e unificados.[341]

Olhando para as fontes do presente trabalho, há dois manuais que tratam de História da Educação. Enquanto que o manual de Dermeval Saviani faz menção a "O Ateneu" somente na relação existente com Abílio César Borges, no manual de Maria Lucia Arruda Aranha há outras questões.

Nota-se o uso de "O Ateneu" como reforço de uma visão negativa da educação oitocentista, o que colaboraria na hipótese de o texto de Raul Pompéia ter se transformado em uma "memória-monumento" da educação oitocentista.

Um trecho do romance aparece no final do capítulo relativo à Educação no Império, ao lado de uma citação de "Vigiar e Punir" de Michel Foucault. A autora pede para que os leitores relacionem os dois textos, discutindo a questão do rigor da disciplina no internato. A escolha da autora é a de aproximar a perspectiva da literatura da abordagem historiográfica, destacando a questão disciplinar e o modelo educacional atrasado. Vale ressaltar também que a obra de Fernando de Azevedo é

---

[340] Nesse sentido, cf. Zaia BRANDÃO. *A historiografia da educação na encruzilhada* in Dermeval SAVIANI, José Claudinei LOMBARDI e José Luís SANFELICE (orgs.), *História e História da Educação: o debate teórico-metodológico atual,* Campinas: Autores Associados, 2000.

[341] Vivian Batista da SILVA, *História de leituras para professores: um estudo da produção e circulação de saberes especializados nos "manuais pedagógicos" brasileiros (1930-1971),* p. 112.

utilizada como sendo a principal referência da autora na caracterização do contexto educacional do Império, como se observa pelos seguintes trechos, que somente realçam a ideia de atraso no ensino oitocentista:

> são muitas as críticas à baixa qualidade do ensino, com professores improvisados, incompetentes e, devido aos baixos salários, obrigados a se dedicarem a outras atividades ao mesmo tempo. [...] Quanto ao ensino elementar, a situação é mais caótica ainda.[342]

É necessário lembrar, porém, que os estudos relativos à História da Educação no Império estão relativizando essa ideia. José Gonçalves Gondra e Alessandra Schueler publicaram recentemente uma obra cujo trecho destacado elucida melhor essa discussão, fazendo uma crítica a alguns dos manuais de História da Educação:

> nesses manuais, a educação oitocentista é, via de regra, representada sob o signo do vazio, do atraso, das trevas ou das sombras. Sob este registro, pouco ou nada havia sido feito, sendo que o modo de medir as iniciativas do 'antigo regime' foram dadas ou arbitradas pelos que sonharam e lutaram por uma determinada República. Nesta nossa 'nova síntese', procuramos não repetir as teses generalistas.[343]

Outro texto que trata da discussão sobre os manuais é o de Dislane Zerbinatti Moraes, no qual se encontram as seguintes questões:

> a maioria deles traz a versão tradicional da história das ideias pedagógicas e das políticas educacionais. Os textos complementares são, via de regra, analíticos, com forte presença da interpretação consolidada por Fernando de Azevedo no livro Cultura Brasileira, em que se compreende o passado como "atrasado" e "tradicional" e os discursos educacionais contemporâneos como exemplo da evolução do processo educacional. Os textos literários, quando aparecem no livro didático, são citados para introduzir o tema ou para efeito de demonstração da realidade escolar, sem tocar na posição dos autores e mentalidade das épocas. Em alguns livros, os textos literários são escolhidos por retratar as precárias condições de trabalho do professor, ou para reforçar a oposição entre o modelo pedagógico tradicional e o progressista.[344]

Assim, há indícios de que existe, no caminho percorrido pelo romance de Pompéia, uma predominância da leitura da obra sob a perspectiva de modelo de educação tradicional, retrógrada, símbolo do Oitocentos brasileiro, o que estudos mais recentes vem relativizar.

Enfim, pela grande diversidade de temas e formas de leitura da obra, e sabendo-se que ela pode ser válida em múltiplas apropriações, cabe dizer que, segundo Chartier:

---

[342] Maria Lúcia Arruda ARANHA, *História da Educação*, p. 192-193.
[343] José Gonçalves GONDRA e Alessandra SCHUELER, *Educação, poder e sociedade no Império brasileiro*, p. 13.
[344] Dislane Zerbinatti MORAES, *Ficções, memórias e cultura da escola: a escrita de "si", dos "outros" e da história da profissão docente,* p. 222.

> concebidos como um espaço aberto a múltiplas leituras, os textos (e também todas as categorias de imagens) não podem, então, ser apreendidos nem como objetos cuja distribuição bastaria identificar nem como entidades cujo significado se colocaria em termos universais, mas presos na rede contraditória das utilizações que os constituíram historicamente.[345]

Sendo assim, ler "O Ateneu" é também olhar para as leituras que foram feitas do livro ao longo dos anos. Ou, segundo Michel de Certeau:

> o texto só tem sentido graças a seus leitores; muda com eles; ordena-se conforme códigos de percepção que lhe escapam. Torna-se texto somente na relação à exterioridade do leitor, por um jogo de implicações e de astúcias entre duas espécies de 'expectativa' combinadas: a que organiza um espaço *legível* (uma literalidade) e a que organiza uma *démarche* necessária para a *efetuação* da obra (uma leitura).[346]

Ainda para o mesmo autor:

> análises recentes mostram que "toda leitura modifica o seu objeto", que (já dizia Borges) "uma literatura difere de outra menos pelo texto que pela maneira como é lida", e que enfim um sistema de signos verbais ou icônicos é uma reserva de formas que esperam do leitor o seu sentido. Se portanto "o livro é um efeito (uma construção) do leitor", deve-se considerar a operação deste último como uma espécie de *lectio*, produção própria do "leitor". Este não toma nem o lugar do autor nem um lugar de autor. Inventa nos textos outra coisa que não aquilo que era a "intenção" deles. Destaca-os de sua origem (perdida ou acessória). Combina os seus fragmentos e cria algo não-sabido no espaço organizado por sua capacidade de permitir uma pluralidade indefinida de significações.[347]

Logo, pode-se dizer que todos os que entraram em contato com o livro, de certa forma, entraram em contato também com as leituras feitas sobre o livro, ainda mais em se tratando de obra tão divulgada e conhecida.

Afinal, o autor que se apropria de "O Ateneu", o faz não apenas após o contato com o romance, mas sim com outras leituras prévias do romance, que, muitas vezes, alteram o sentido, orientam o olhar em outro sentido, ressignificam o texto.

Mikhail Bakhtin, procedendo a uma análise teórica a respeito dos discursos, propõe que se atente para todos os diálogos existentes dentro de cada interlocução, já que entre todo discurso e seu objeto há outros discursos prévios, e que contaminam e perpassam a relação entre sujeito e objeto:

> todo discurso existente não se contrapõe da mesma maneira ao seu objeto: entre o discurso e o objeto, entre ele e a personalidade do falante interpõe-se um meio flexível, frequentemente difícil de ser penetrado, de discursos

---

[345] Roger CHARTIER, *A História Cultural entre práticas e representações*, p. 61.
[346] Michel de CERTEAU, *Ler: uma operação de caça* in Michel de CERTEAU, *A invenção do cotidiano: artes de fazer*, p. 266.
[347] ibid., p. 296.

> de outrem, de discursos 'alheios' sobre o mesmo objeto, sobre o mesmo tema. E é particularmente no processo da mútua-interação existente com este meio específico que o discurso pode individualizar-se e elaborar-se estilisticamente. [...] O enunciado existente, surgido de maneira significativa num determinado momento social e histórico, não pode deixar de tocar os milhares de fios dialógicos existentes, tecidos pela consciência ideológica em torno de um dado objeto de enunciação, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social. Ele também surge desse diálogo como seu prolongamento, como sua réplica, e não sabe de que lado ele se aproxima desse objeto.[348]

Não há como descartar, portanto, que ao lado de toda a leitura que se faça haja leituras prévias do mesmo objeto, feitas por outrem, e que dialogam o tempo todo com a leitura a ser feita.

Então, análises de crítica literária sobre certas obras que adquiriram grande repercussão influenciam as leituras feitas a partir de então. No caso de "O Ateneu", pode-se dizer que a crítica feita por Mário de Andrade fez com que muitas leituras que viriam em seguida ficassem contaminadas por aquela que ele fez, tendo em vista a grande repercussão de seu trabalho.

O mesmo acontece em se pensando as interlocuções feitas dentro do campo educacional. Se, no manual de Maria Lúcia Arruda Aranha, "O Ateneu" esteve presente, e esteve ali para reforçar uma visão negativa da História da Educação no Império, juntamente com os escritos de Fernando de Azevedo, por exemplo, é possível que algumas leituras subsequentes de "O Ateneu" nos estudos educacionais passassem, a partir daí, a ser feitas levando em conta tal conexão.

De qualquer forma, todo o panorama das leituras e apropriações aqui exposto fez com que uma visão mais ampla dos caminhos percorridos pelo texto de Pompéia viesse à tona e provocasse, pensando em uma perspectiva mais ampla, novas questões a propósito dos mecanismos de funcionamento da circulação de textos dentro do campo educacional. Fez, ainda, com que se provocassem questões sobre a constituição da obra de Pompéia como uma memória/monumento da educação oitocentista.

---

[348] Mikhail BAKHTIN, Questões de literatura e estética, São Paulo: Unesp, 1993, p. 86.

Figura 7 – Reprodução de página de “O Ateneu – clássicos brasileiros em HQ”

5. Considerações Finais

O presente trabalho, ao buscar apropriações e imagens da obra “O Ateneu” no campo educacional brasileiro, teve a intenção de provocar questionamentos e levantar possibilidades para análises futuras.

A investigação suscita hipóteses a respeito do alcance da obra e da maneira como o texto de Raul Pompéia é encarado dentro dos estudos educacionais. Levanta questões, também, sobre a transformação da obra em uma memória histórica da educação no Império, ou de um modelo de educação tradicional.

Sérgio e Aristarco, passados 125 anos, não são simples personagens literários, mas ganharam nova vida na memória que se criou em torno da obra. Não há mais um simples personagem Sérgio, mas há inúmeros Sérgios na imaginação coletiva. Há também inúmeros Sérgios nas escolas Brasil afora, cujos desejos, impressões e sentimentos muitas vezes se aproximam aos do aluno-protagonista do romance. O mesmo vale para Aristarco, Silvino, Franco, Egbert, Sanches, e para as demais descrições de personagens e situações contidas na obra. A riqueza das imagens despertadas pelo romance faz com que os personagens ganhem vida no imaginário coletivo e estabeleçam uma memória sobre a obra, sobre a educação no Império e sobre o internato.

Tornou-se costumeiro, conforme se pôde observar, ao se falar da educação oitocentista, retomar as representações criadas por Raul Pompéia e recriadas por todos os que leram a obra ao longo dos anos. Para elucidarmos melhor tal questão, é de grande valia a observação de Roger Chartier:

> as obras de ficção, ao menos algumas delas, e a memória, seja ela coletiva ou individual, também conferem uma presença ao passado, às vezes ou amiúde mais poderosa do que a que estabelecem os livros de história.[349]

Para ir além, viu-se frequente a apropriação da obra não somente nas discussões historiográficas, que tratem do contexto do século XIX, mas também em demais questões educacionais, o que mostrou que a memória sobre a obra não se limita às questões do século XIX ou do internato, servindo de base para discussões educacionais de inúmeras temáticas.

---

[349] Roger CHARTIER, *A história ou a leitura do tempo*, p. 21.

Em suma, como se viu, o romance tornou-se um clássico da literatura, e também da educação.

Nas palavras de Robert Darnton:

> qualquer obra que se cristaliza como um clássico pode sofrer de um endurecimento das artérias. Pode matar um objeto esgotando-o, e pode se tornar um monumento a um empreendimento intelectual no passado, ao invés de um estímulo para maiores esforços no futuro.[350]

Por tudo quanto se investigou até o presente momento, a afirmação de Darnton talvez sirva de iluminação ao objeto do estudo.

Se considerarmos a permanência de uma representação da educação oitocentista com base nas descrições do romance, é possível, como já se discutiu, olharmos para ele como um monumento. Para Jacques Le Goff:

> o monumento tem como características o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado à memória coletiva) e o reenviar a testemunhos que só numa parcela mínima são testemunhos escritos.[351]

Logo, tomando por base os estudos de Le Goff, pode-se dizer que o romance "O Ateneu" serve como uma referência importante à memória coletiva. Assim, cumpre observar, ainda para Le Goff, que:

> o documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de força que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa. [352]

Para que "O Ateneu" possa ser analisado enquanto monumento, há que se compreender sua perpetuação na memória coletiva, por meio de um exame de suas leituras e apropriações, conforme a presente investigação buscou fazer.

Na expressão de Alfredo Bosi, a respeito de "O Ateneu": "resta sempre alguma coisa de inquietante e moderno neste julgamento da civilização pela arte, ou, mais precisamente, da educação pelo romance". [353]

Em suma, é inegável que existam ainda grandes possibilidades de relações entre "O Ateneu", obra-prima de nossa literatura, e os estudos ligados ao fenômeno educacional.

---

[350] Robert DARNTON, *História e Literatura* in Robert DARNTON, *O beijo de Lamourette*, São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 325.
[351] Jacques LE GOFF, *História e memória*, Campinas: Unicamp, 2003, p. 526.
[352] ibid., p. 535
[353] Alfredo BOSI, *Céu, inferno – ensaios de crítica literária e ideológica*, p. 86

Fontes

ANDRADE, Mariza Guerra de. *A educação exilada: Colégio do Caraça*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

ARANHA, Maria Lucia Arruda. *História da Educação*. São Paulo: Moderna, 1992.

ARAUJO, Jose Carlos Souza. Ser professor: da divisão do trabalho à organização do trabalho pedagógico e do trabalho didático*. Cadernos de História da Educação*, EDUFU, v. 8, n. 1, 2009.

ARAUJO, Marilse Terezinha de. *Era uma vez uma escola...(Histórias que os alunos contam).* Campinas: Unicamp, 2001 (dissertação de mestrado).

BENELLI, Silvio José. Dispositivos disciplinares produtores de subjetividade na instituição total. *Psicologia em Estudo*, Maringá, vol. 8, n. 2, 2003.

CAMPOS, Kleber Garcia. *O Ateneu de Charles Dickens: sociedade e educação em duas obras do século XIX.* Bragança Paulista: EDUSF, 2001.

CARVALHO, Carlos Henrique de; CARVALHO, Luciana Beatriz de Oliveira Bar de. O Ateneu na perspectiva histórico-educacional brasileira do século XIX. *Linguagens, educação e sociedade*, Teresina, n. 13, 2008.

CATANI, Denice Barbara; BUENO, Belmira Oliveira; SOUSA, Cynthia Pereira de. "O amor dos começos": por uma história das relações com a escola. *Cadernos de Pesquisa*, Campinas, n. 111, 2000.

CORDEIRO, Jaime. *Didática.* São Paulo: Contexto, 2012.

CORREA, Giseli Rodrigues. *A ficção e o real: a importância da educação no século XIX*. São Paulo: PUC, 2009 (dissertação de mestrado).

DANTAS, Jeferson Silveira. Perspectivas educacionais no pensamento de Anísio Teixeira e Paulo Freire*. Percursos*, Florianópolis, vol. 8, n. 2, 2007.

DOZOL, Marlene de Souza. Memórias escolares: sem ressentimentos. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, vol. 34, n. 2, 2009.

FERREIRA, Ana Luiza de Oliveira Duarte. Ser Stella: um estudo sobre o papel da mulher e da educação feminina na Juiz de Fora do início do século XX. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, n. 18, 2008.

FREITAS, Cezar Ricardo de; GALTER, Maria Inalva. Reflexões sobre a educação em tempo integral no decorrer do século XX. *Educere et educare*, Cascavel, vol. 2, n. 3, 2007.

FRITZEN, Celdon. *A pedagogia social da geração de 1870: literatura e infância* in FRITZEN, Celdon; CABRAL, Gladir. *Infância, imaginação e educação em debate*. Campinas: Papirus, 2007.

GALUCH, Maria Terezinha Bellanda; SFORNI, Marta Sueli de Faria. O Ateneu: a escola da sociedade*. Perspectiva*, Florianópolis, n. 18, 1992.

GONDRA, José Gonçalves. *Arquivamento da vida escolar: um estudo sobre O Atheneu* in VIDAL, Diana Gonçalves; SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de (orgs.). *A memória e a sombra*: *a escola brasileira entre o Império e a República*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

HOSIASSON, Laura. *Disciplinas e indisciplinas no Ateneu* in PERRONE-MOISÉS, Leyla (org.). *O Ateneu: retórica e paixão*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

JANZEN, Henrique Evaldo. *O Ateneu e Jakob Von Gunten: um diálogo possível*. São Paulo: USP, 2005 (tese de doutorado).

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 2003.

LIMA, Maria da Conceição Barbosa; CASTRO, Giselle Faur de; ARAUJO, Roberto Moreira Xavier de. Ensinar, formar, educar e instruir: a linguagem da crise escolar. *Ciência & Educação*, Bauru, vol. 12, n. 2, 2006.

LOPES, Eliane Marta Teixeira. *Perspectivas históricas da educação.* São Paulo: Ática, 1989.

LUZ, Ana Maria de Carvalho (org.). *Gestão educacional e qualidade social da educação*. Salvador: ISP/UFBA, 2007.

MARCÍLIO, Maria Luiza. *História da escola em São Paulo e no Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005.

MATA, Anderson Luis Nunes da. *O silêncio das crianças: representações da infância na narrativa brasileira contemporânea.* Brasília: UnB, 2006 (dissertação de mestrado).

MAZZARI, Marcus Vinicius. Representações literárias da escola. *Estudos Avançados*, São Paulo, vol. 11, n. 31, 1997.

MELLO, Luiz Carlos Migliozzi Ferreira de. *A mortificação do ser*: *uma investigação das paixões no universo escolar*. São Paulo: USP, 2002 (tese de doutorado).

MORAES, Dislane Zerbinatti. *Ficções, memórias e cultura da escola: a escrita de "si", dos "outros" e da história da profissão docente* in PASSEGI, Maria da Conceição; BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre. *Narrativas de formação e saberes biográficos*. São Paulo: Paulus, 2008.

MORAES, Amaury Cesar. *Uma crítica da razão pedagógica a partir da leitura d'O Ateneu* in DIETZSCH, Mary Julia Martins (org.). *Espaços da linguagem na Educação*. São Paulo: Humanitas, 1999.

NASCIMENTO, Danilo de Oliveira. *Dossiê Sérgio: o Ateneu como romance de formação*. Campinas: Unicamp, 2000 (dissertação de mestrado).

PINTO NETO, Pedro da Cunha. *Ciência, Literatura e civilidade.* Bragança Paulista: EDUSF, 2006.

REZENDE, Nilza Perez de. *Da palmatória à sedução: imagens do professor na literatura e na cultura brasileiras.* Rio de Janeiro: PUC, 2008 (dissertação de mestrado).

SANTANA, Jeová Silva. *O internato como modelo educacional segundo a literatura: um estudo sob a perspectiva da teoria crítica.* São Paulo: PUC, 2011. (tese de doutorado)

SANTOS, Maria Therezinha da Consolação Teixeira dos. *De como a educação escolar torna-se palco no romance brasileiro*. São Paulo: PUC, 1988 (dissertação de mestrado).

SANTOS, Tiago Ribeiro; MARCHI, Rita de Cássia. O Ateneu: uma análise de mecanismos disciplinares no romance de Raul Pompéia*. Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 38, 2013.

SAVIANI, Dermeval. *História das ideias pedagógicas no Brasil.* Campinas: Autores Associados, 2008.

SILVA, Vilma Marques da. *Exercício do poder: conflitos, discursos e representações em "O Ateneu"*. Londrina: UEL, 2007 (dissertação de mestrado).

SOUSA, José Vieira de. *Educação no Brasil Colônia, Império e República: os textos literários como fonte alternativa de pesquisa* in FARIA FILHO, Luciano Mendes (org.) *Pesquisa em história da educação: perspectivas de análise, objetos e fontes*. Belo Horizonte: HG, 1999.

TEODORO, Julio Cesar Orias; ARAUJO, José Carlos Souza. Instituto Teresa Valsé Pantellini: um compromisso com a formação da mulher (1959-1971)*. Cadernos de História da Educação*, Uberlândia, vol. 8, n. 2, 2009.

TORRES, Rosane dos Santos. *Filhos da pátria, homens pelo progresso: o Conselho Municipal e a instrução pública na Capital Federal (1892-1902)*. Rio de Janeiro: UERJ, 2009 (dissertação de mestrado).

VALDEZ, Diane. *A representação de infância nas propostas pedagógicas do Dr. Abílio César Borges.* Campinas: Unicamp, 2006 (tese de doutorado).

VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. *A casa e os seus mestres: a educação no Brasil de oitocentos.* Rio de Janeiro: Gryphus, 2005.

Referências bibliográficas

ADORNO, Sergio. *Os aprendizes do poder: o bacharelismo liberal na política brasileira.* São Paulo: Paz e Terra, 1988.

ALONSO, Ângela. *Ideias em movimento*: *a geração 1870 na crise do Brasil-Império.* São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ALVES, Isaias. *Vida e obra do Barão de Macahubas*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942.

ALVES, Lizir Arcanjo (org.). *O Ginásio Baiano de Abílio César Borges (antologia)*. Salvador: IGHB, 2000.

ANDRADE, Mário de. *Aspectos da literatura brasileira*. São Paulo: Martins, 1974.

ANTONELLI, Ronaldo. *O Ateneu de Raul Pompéia. Literatura Brasileira em Quadrinhos.* São Paulo: Escala Educacional, 2010.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

AZANHA, José Mario Pires. Cultura escolar brasileira: um programa de pesquisa*. Cadernos de História e Filosofia da Educação*, São Paulo, vol. V, n. 7, 2002.

AZEVEDO, Fernando de. *A transmissão da cultura: terceira parte de A cultura brasileira*. Brasília: Melhoramentos, 1976.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal.* São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *Questões de literatura e estética.* São Paulo: Unesp, 1993.

BASTOS, Maria Helena Camara. *Pro patria laboremus: Joaquim José de Menezes Vieira (1848-1897)*. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

BORGES, Vavy Pacheco. *Grandezas e misérias da biografia* in PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

BOSI, Alfredo. *Céu, inferno – ensaios de crítica literária e ideológica*. São Paulo: Ed. 34, 2003.

BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência*. São Paulo: Unesp, 2003.

_____. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____. *Razões práticas: sobre a teoria da ação.* Campinas: Papirus, 1996.

BRANDÃO, Zaia. *A historiografia da educação na encruzilhada* in SAVIANI, Dermeval; LOMBARDI, José Claudinei; SANFELICE, José Luís (orgs.). *História e História da Educação: o debate teórico-metodológico atual.* Campinas: Autores Associados, 2000.

CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CAMBI, Franco. *História da Pedagogia*. São Paulo: Unesp, 1999.

CAPAZ, Camil. *Raul Pompéia: biografia*. São Paulo: Gryphus, 2001.

CARVALHO, José Murilo de. *Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi.* São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. *A Configuração da historiografia educacional brasileira* in FREITAS, Marcos Cezar (org.). *Historiografia brasileira em perspectiva.* São Paulo: Contexto, 2010.

_____. *A Cultura Brasileira de Fernando de Azevedo* in XAVIER, Maria do Carmo (org.). *Clássicos da educação brasileira – volume 1.* Belo Horizonte: Mazza, 2010.

_____. Escola, memória, historiografia: a produção do vazio*. São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, vol. 7, n. 1, 1993.

_____. O velho, o novo, o perigoso: relendo A cultura brasileira*. Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 71, 1989.

CATANI, Denice Barbara. A Memória como questão no campo da produção educacional: uma reflexão*. Revista História da Educação*, Porto Alegre, n 4, 1998.

_____. *Educadores à meia-luz: um estudo sobre a Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo (1902-1918).* Bragança Paulista: EDUSF, 2003.

_____. *Ensaio sobre a produção e circulação dos saberes pedagógicos.* São Paulo: USP, 1994 (tese de livre docência).

_____; BASTOS, Maria Helena Camara (orgs.). *Educação em Revista: a imprensa periódica e a História da Educação.* São Paulo: Escrituras, 1997.

_____; CATANI, Afrânio Mendes; PEREIRA, Gilson Ricardo de Medeiros. As apropriações da obra de Pierre Bourdieu no campo educacional brasileiro, através de periódicos da área*. Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 17, 2001.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

_____. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel,1990.

_____. *A história ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

_____. *Cultura escrita, Literatura e História*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CORREA, Viriato. *Cazuza.* São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1984.

COSTA, Emília Viotti da. *Brasil: Era da Reforma 1870-1889* in BETHELL, Leslie (org.). *História da América Latina volume V.* São Paulo: Edusp, 2008.

CURVELLO, Mário. *Uma personalidade em conflito* in POMPÉIA, Raul. *O Ateneu*, São Paulo: Abril Educação, 1981.

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

EDMUNDO, Luiz. *De um livro de memórias – volume 1*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1958.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 2004.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. *Abolição e emancipação: ecos de vozes femininas no nordeste brasileiro na passagem do século XIX para o século XX* in CURY, Cláudia Engler; MARIANO, Serioja (orgs.). *Múltiplas visões: cultura histórica no oitocentos.* João Pessoa: UFPB, 2009.

_____. *Cultura escolar, práticas educacionais e profissão docente* in MIGUEL, Maria Elisabeth Blanch; CORRÊA, Rosa Lydia Teixeira (orgs.). *A educação escolar em perspectiva histórica*. Campinas: Autores Associados, 2005.

GAGLIARDI, Caio. *Singularidades de Raul Pompéia* in POMPÉIA, Raul. *O Ateneu*. São Paulo: Hedra, 2008.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais.* São Paulo: Cia das Letras, 1996.

_____. *O queijo e os vermes.* São Paulo: Cia das Letras, 2006.

GOMES, Eugenio. *Aspectos do romance brasileiro*. Salvador: UFBA, 1958.

GONDRA, José Gonçalves; SCHUELER, Alessandra. *Educação, Poder e Sociedade no Império Brasileiro*. São Paulo: Cortez, 2008.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. *A literatura como fonte para a história da infância: possibilidades e limites.* in LOPES, Alberto; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; FERNANDES, Rogério (orgs.). *Para a compreensão histórica da infância.* Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

HAIDAR, Maria de Lourdes Mariotto. *O ensino secundário no Brasil Império*. São Paulo: Edusp, 2008.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história.* São Paulo: Edusp, 2005.

IVO, Lêdo. *O universo poético de Raul Pompéia.* Rio de Janeiro: Livraria São José, 1963.

JAF, Ivan. *Onde fica o Ateneu?* São Paulo: Ática, 2004.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico*. Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, n. 1, 2001.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 2003.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: UFMG, 2008

LEVI, Giovanni. *Usos da biografia* in FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). *Usos & abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

LOPES, Eliane Marta Teixeira. História da Educação e Literatura: algumas ideias e notas. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n. 27, 1998.

LUCAS, Fábio. As várias faces de Raul Pompéia. *Remate de Males*, Campinas, n. 15, 1995.

MARTINS, Ana Luiza. *Imprensa em tempos de Império* in MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (orgs.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

MAUAD, Ana Maria. *A vida das crianças de elite durante o Império* in PRIORE, Mary Del (org.). *História das Crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1999.

MELLO, Maria Tereza Chaves de. *A República consentida: cultura democrática e científica do final do Império.* Rio de Janeiro: FGV/Edur, 2007.

MORAES, Amaury César. *Uma crítica da razão pedagógica*. São Paulo: USP, 1997 (tese de doutorado).

MORAES, Dislane Zerbinatti. *Literatura, memória e ação política: uma análise de romances escritos por professores paulistas*. São Paulo: USP, 1996 (dissertação de mestrado).

MOREL, Marco. *As Transformações dos Espaços Públicos: imprensa, atores políticos e sociabilidades na cidade Imperial (1820-1840).* São Paulo: Hucitec, 2005.

MOTTA, Marly. *Rio de Janeiro, a cidade-capital do Brasil (1850-1950)* in CHAVES, Mirian Waidenfeld; LOPES, Sonia de Castro. *Instituições educacionais da cidade do Rio de Janeiro: um século de história (1850-1950).* Rio de Janeiro: Mauad, 2009.

NAGLE, Jorge. *Educação e sociedade na Primeira República.* São Paulo: Edusp, 2009.

NAVA, Pedro. *Balão Cativo – memórias 2*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

NÓVOA, António. *Uma educação que se diz nova* in NÓVOA, António; CANDEIAS, António; FIGUEIRA, Manuel Henrique (orgs.). *Sobre a educação nova: cartas de Adolfo Lima a Álvaro Viana de Lemos*. Lisboa: Educa, 1995.

PAES, José Paulo. *Sobre as Ilustrações do Ateneu* in PAES, José Paulo*. Gregos & Baianos: Ensaios*. São Paulo: Brasiliense, 1985

PEREIRA, Lúcia Miguel. *História da Literatura Brasileira: prosa de ficção de 1870 a 1920*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973

PERRONE-MOISÉS, Leyla (org.). *O Ateneu: retórica e paixão*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio*. Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

_____. Memória e identidade social*. Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

POMPÉIA, Raul. *O Ateneu*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

_____. *Obras (organização de Afrânio Coutinho)*. 10 volumes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

PONTES, Eloy. *A vida inquieta de Raul Pompéia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.

PRADO, Antonio Arnoni. Diário de classe: pequena farsa em oito quadros. *Remate de Males*, Campinas, n. 15, 1995.

QUINTANILHA, Marcelo. *O Ateneu de Raul Pompéia: clássicos brasileiros em HQ*. São Paulo: Ática, 2012.

RAMOS DO Ó, Jorge. *O governo de si mesmo: modernidade pedagógica e encenações disciplinares do aluno liceal (último quartel do século XIX – meados do século XX).* Lisboa: Educa, 2003.

REGO, José Lins do. *Menino de engenho.* Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

_____. *Doidinho.* Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

REIS, Zenir Campos. *Opostos mas justapostos* in POMPÉIA, Raul. *O Ateneu*. São Paulo: Ática, 1996.

SANTOS, Máximo de Moura. *O professor Policarpo.* São Paulo: Francisco Alves, 1940.

SANTOS, Theobaldo Miranda. *Métodos e técnicas do estudo e da cultura.* São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957.

SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da Vida Privada no Brasil – volume 3*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

_____. *Literatura como Missão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SILVA, Marciano Lopes e. Por uma revisão crítica da obra de Raul Pompéia. *Acta Scientiarum*, Maringá, v. 23, 2001.

SILVA, Vivian Batista da. *História de leituras para professores: um estudo da produção e circulação de saberes especializados nos "manuais pedagógicos" brasileiros (1930-1971).* São Paulo: USP, 2001 (dissertação de mestrado).

SOUZA, Maria Cecilia Cortez Christiano de. *Decorar, lembrar e repetir: o significado de práticas escolares na escola brasileira no final do século XIX* in SOUSA, Cynthia Pereira de (org.). *História da Educação: processos, práticas e saberes*. São Paulo: Escrituras, 2003.

VAZ, Leo. *O Professor Jeremias*. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2001.

VECHIA, Ariclê. *O ensino secundário no século XIX: instruindo as elites* in BASTOS, Maria Helena Camara; STEPHANOU, Maria (orgs.). *Histórias e memórias da educação no Brasil: volume II século XIX.* Petrópolis: Vozes, 2005.

VIÑAO, Antonio. *Relatos e relações autobiográficas de professores e mestres* in MENEZES, Maria Cristina (org.). *Educação, memória, História: possibilidades, leituras.* Campinas: Mercado de letras, 2004.

WARDE, Mirian Jorge. Contribuições da História para a Educação. *Em aberto*, Brasília, n. 47, 1990.

XAVIER, Libânia Nacif. *Para além do campo educacional: um estudo sobre o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932)*. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

ZILBERMAN, Regina. Um assunto entre Pompéia e Abílio. *Remate de Males*, Campinas, n. 15, 1995.

Apêndice – Quadros com descrição das fontes

Título e subtítulo	Disciplinas e indisciplinas no Ateneu
Autor (es)	Laura Hosiasson
Publicação	Leyla Perrone-Moisés (org.). *O Ateneu: Retórica e Paixão*. São Paulo: Brasiliense.
Data	1988
Natureza	Capítulo de livro
Palavras-chave	Contexto educacional; disciplina; transgressões
Breve descrição	Artigo que trata do contexto educacional do século XIX, relacionando-o com situações descritas em “O Ateneu”

Título e subtítulo	De como a educação escolar torna-se palco no romance brasileiro: uma tentativa de interpretação de “O Ateneu” de Raul Pompéia
Autor (es)	Maria Therezinha Consolação Teixeira dos Santos
Publicação	São Paulo: PUC
Data	1988
Natureza	Dissertação de mestrado
Palavras-chave	Educação; elite; propedêutica; disciplina; século XIX
Breve descrição	Educação no século XIX e trechos de “O Ateneu”, prevalecendo questões como: o ensino propedêutico voltado para a elite

Título e subtítulo	Perspectivas históricas da Educação
Autor (es)	Eliane Marta Teixeira Lopes
Publicação	São Paulo: Ática
Data	1989
Natureza	Livro
Palavras-chave	História; educação; historiografia
Breve descrição	Livro de divulgação contendo discussões sobre a História da Educação no Brasil, e suas possibilidades de estudo

Título e subtítulo	História da Educação
Autor (es)	Maria Lúcia Arruda Aranha
Publicação	São Paulo: Moderna
Data	1992
Natureza	Manual pedagógico
Palavras-chave	História; educação; pedagogia
Breve descrição	Manual voltado para formação de professores, contendo temas de história da educação no Brasil e no mundo desde a época antiga

Título e subtítulo	O Ateneu: a escola da sociedade
Autor (es)	Maria Terezinha Bellanda Galuch e Marta Sueli de Faria Sforni
Publicação	Perspectiva, Florianópolis, n. 18
Data	1992
Natureza	Artigo de periódico
Palavras-chave	Instituição escolar; educação; sociedade; moral
Breve descrição	Comparação entre escola e sociedade, por meio da análise de “O Ateneu”

Título e subtítulo	Representações literárias da escola
Autor (es)	Marcus Vinicius Mazzari
Publicação	Revista Estudos Avançados, São Paulo, vol. 11, n. 31
Data	1997
Natureza	Artigo de periódico
Palavras-chave	Literatura comparada; infância e escolaridade
Breve descrição	Análise comparativa entre “O Ateneu”, “O jovem Törless” e “O gato e o rato”. Trauma da entrada na escola, estruturas coercitivas.

Título e subtítulo	Arquivamento da vida escolar: um estudo sobre “O Ateneu”
Autor (es)	José Gonçalves Gondra
Publicação	Diana Gonçalves Vidal; Maria Cecília Cortez Christiano de Sousa. *A memória e a sombra: a escola brasileira entre o Império e a República.* Belo Horizonte: Autêntica
Data	1999
Natureza	Capítulo de livro
Palavras-chave	“O Ateneu”; educação no Império; historiografia sobre século XIX
Breve descrição	Discussão a respeito das relações entre episódios do livro e a historiografia educacional sobre o século XIX

Título e subtítulo	Uma crítica da razão pedagógica a partir da leitura d’O Ateneu
Autor (es)	Amaury Cesar Moraes
Publicação	Mary Julia Martins Dietzsch. *Espaços da linguagem na educação.* São Paulo: Humanitas
Data	1999
Natureza	Capítulo de livro
Palavras-chave	Pedagogia; discursos; retórica; moralismo
Breve descrição	Uso de “O Ateneu” para discussão da questão da retórica e do moralismo na pedagogia.

Título e subtítulo	Educação no Brasil Colônia, Império e 1ª República: Os textos literários como fonte alternativa de pesquisa
Autor (es)	José Vieira de Sousa
Publicação	Luciano Mendes Faria Filho (org.). *Pesquisa em história da educação: perspectivas de análise, objetos e fontes.* Belo Horizonte: HG Edições
Data	1999
Natureza	Capítulo de livro
Palavras-chave	Fontes literárias; educação; História; cotidiano
Breve descrição	Discussão sobre importância do uso das fontes literárias em história da educação. “O Ateneu” é exemplo de fonte para o estudo do Império

Título e subtítulo	A educação exilada: Colégio do Caraça
Autor (es)	Mariza Guerra de Andrade
Publicação	Belo Horizonte: Autêntica
Data	2000
Natureza	Livro originado de trabalho acadêmico
Palavras-chave	Colégio Caraça; educação no Império; século XIX
Breve descrição	Estudo do cotidiano no Colégio Caraça por meio de variadas fontes, inclusive memórias e fontes literárias.

Título e subtítulo	“O amor dos começos”: por uma história das relações com a escola
Autor (es)	Denice Barbara Catani, Belmira Oliveira Bueno e Cynthia Pereira de Sousa
Publicação	Revista Cadernos de Pesquisa, n. 111.
Data	2000
Natureza	Artigo de periódico
Palavras-chave	Escola; autobiografias; literatura; relações com a escola
Breve descrição	Estudo de relações entre indivíduos e a escola, baseado em relatos, autobiografias ou textos literários

Título e subtítulo	Dossiê Sérgio: O Ateneu como romance de formação
Autor (es)	Danilo de Oliveira Nascimento
Publicação	Campinas: Unicamp
Data	2000
Natureza	Dissertação de mestrado
Palavras-chave	Romance de formação; literatura; infância; escolarização
Breve descrição	Discussão sobre caracterização do romance na categoria de romance de formação, tendo em vista a descoberta do período da infância

Título e subtítulo	Era uma vez uma escola... (histórias que os alunos contam)
Autor (es)	Marilse Terezinha de Araújo
Publicação	Campinas: Unicamp
Data	2001
Natureza	Dissertação de mestrado
Palavras-chave	Escola; impressões; relatos; relações pedagógicas
Breve descrição	Entrevistas com alunos comparadas a relatos do personagem Sérgio, discute-se a permanência de um modelo educacional

Título e subtítulo	O Ateneu de Charles Dickens: sociedade e educação em duas obras literárias do século XIX
Autor (es)	Kleber Garcia Campos
Publicação	Bragança Paulista: Ed. Universidade São Francisco
Data	2001
Natureza	Livro originado de trabalho acadêmico
Palavras-chave	Literatura comparada; educação; infância
Breve descrição	Educação no século XIX, a partir de dois textos literários

Título e subtítulo	A mortificação do ser: uma investigação das paixões no universo escolar
Autor (es)	Luiz Carlos Migliozzi Ferreira de Mello
Publicação	São Paulo: USP
Data	2002
Natureza	Tese de doutorado
Palavras-chave	Relação pedagógica; paixões; sentimentos; literatura
Breve descrição	Estudo dos sentimentos que vêm à tona nos textos literários e que tratam de educação, da relação entre alunos, e entre aluno e professor

Título e subtítulo	Dispositivos disciplinares produtores de subjetividade na instituição total
Autor (es)	Silvio José Benelli
Publicação	Revista Psicologia em Estudo, Maringá, vol 8, n. 2
Data	2003
Natureza	Artigo de periódico
Palavras-chave	Instituições, internato, controle, disciplina
Breve descrição	Descrição do internato como instituição total em “O Ateneu”, disciplina, controle, modelo condicionador
Breve descrição	Estudo do modelo educacional e do espaço do jovem a partir de dois romances brasileiros: “O Ateneu” e “Infância”

Título e subtítulo	A formação da leitura no Brasil
Autor (es)	Marisa Lajolo e Regina Zilberman
Publicação	São Paulo: Ática
Data	2003
Natureza	Livro
Palavras-chave	Leitura; leitores; formação; intelectuais; livro
Breve descrição	História da formação de leitores no Brasil, estudo da escola elementar no século XIX e relação entre escola e literatura

Título e subtítulo	O Ateneu e Jakob Von Gunten: um diálogo intercultural possível
Autor (es)	Henrique Evaldo Janzen
Publicação	São Paulo: USP
Data	2005
Natureza	Tese de doutorado
Palavras-chave	Literatura comparada; práticas de leitura; estudo intercultural
Breve descrição	Estudo de dois romances de temática semelhante e do diálogo entre eles, para estudantes terem a leitura facilitada, após lerem ambos

Título e subtítulo	História da escola em São Paulo e no Brasil
Autor (es)	Maria Luiza Marcílio
Publicação	São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo
Data	2005
Natureza	Livro
Palavras-chave	Educação; historiografia; São Paulo; escola; práticas
Breve descrição	O livro faz uma retrospectiva da História da escola no Brasil, sobretudo em São Paulo, em uma perspectiva de longa duração

Título e subtítulo	A casa e seus mestres
Autor (es)	Maria Celi Chaves Vasconcelos
Publicação	Rio de Janeiro: Gryphus
Data	2005
Natureza	Livro
Palavras-chave	Educação doméstica, historiografia, fontes, práticas; século XIX
Breve descrição	O livro estuda a educação doméstica no Brasil, indicando suas origens e características, utilizando-se de fontes como a literatura

Título e subtítulo	Ensinar, formar, educar e instruir: a linguagem da crise escolar
Autor (es)	Maria da Conceição Barbosa Lima, Giselle Faur de Castro e Roberto Moreira Xavier de Araujo
Publicação	Revista Ciência & Educação, Bauru, vol. 12, n. 2
Data	2006
Natureza	Artigo de periódico
Palavras-chave	Crise escolar; relações pedagógicas; linguagem; ciência
Breve descrição	Estudo etimológico de palavras do vocabulário pedagógico, contextualizando seu sentido e relacionando com questões do ensino de Ciências

Título e subtítulo	Ciência, literatura e civilidade
Autor (es)	Pedro da Cunha Pinto Neto
Publicação	Bragança Paulista: Ed. Universidade São Francisco
Data	2006
Natureza	Livro originado de trabalho acadêmico
Palavras-chave	Ciência; literatura; contexto educacional
Breve descrição	Representações sobre a ciência e o fazer científico em imagens literárias dos séculos XIX e XX

Título e subtítulo	O silêncio das crianças: representações da infância na narrativa brasileira contemporânea
Autor (es)	Anderson Luis Nunes da Mata
Publicação	Brasília: UnB
Data	2006
Natureza	Dissertação de mestrado
Palavras-chave	Literatura; romances; infância
Breve descrição	Representações da infância na literatura brasileira contemporânea, e a questão da infância em romances dos séculos XIX e XX

Título e subtítulo	A representação de infância nas propostas pedagógicas do Dr. Abílio Cesar Borges: o barão de Macahubas
Autor (es)	Diane Valdez
Publicação	Campinas: Unicamp
Data	2006
Natureza	Tese de doutorado
Palavras-chave	Educação; século XIX; inovação; infância
Breve descrição	Trabalho que analisa produção de Abílio Cesar Borges, o contexto educacional e sua preocupação com a infância

Título e subtítulo	Perspectivas educacionais no pensamento de Anísio Teixeira e Paulo Freire
Autor (es)	Jeferson Silveira Dantas
Publicação	Revista Percursos, Florianópolis, vol. 8, n. 2
Data	2007
Natureza	Artigo de periódico
Palavras-chave	Ideias pedagógicas; luta política; trajetórias
Breve descrição	Discussão dos projetos e atuação dos dois educadores no âmbito da educação brasileira, em busca de uma modernização

Título e subtítulo	Reflexões sobre a educação em tempo integral no decorrer do século XX
Autor (es)	Cezar Ricardo de Freitas e Maria Inalva Galter
Publicação	Revista Educere et educare, Cascavel, vol. 2, n. 3
Data	2007
Natureza	Artigo de periódico
Palavras-chave	Educação integral; propostas pedagógicas; tempo integral
Breve descrição	Discussões sobre vantagens e desvantagens da educação em tempo integral, relacionando com educação integrada e educação integral

Título e subtítulo	A pedagogia social da geração de 1870: literatura e infância
Autor (es)	Celdon Fritzen
Publicação	Celdon Fritzen, Gladir Cabral. *Infância, imaginação e educação em debate.* Campinas: Papirus
Data	2007
Natureza	Capítulo de livro
Palavras-chave	Século XIX, pedagogia, infância, literatura
Breve descrição	O trabalho busca interrogar textos literários que constituíram imagens sobre a infância no século XIX

Título e subtítulo	Exercício do poder: conflitos, discursos e representações culturais em O Ateneu
Autor (es)	Vilma Marques da Silva
Publicação	Londrina: UEL
Data	2007
Natureza	Dissertação de mestrado
Palavras-chave	Mecanismos coercitivos; discursos, representações
Breve descrição	Análise das relações de poder em “O Ateneu”

Título e subtítulo	Gestão educacional e qualidade social da educação
Autor (es)	Ana Maria de Carvalho Luz (org.)
Publicação	Salvador: ISP/UFBA
Data	2007
Natureza	Material de formação de educadores
Palavras-chave	Gestão educacional; educação pública; formação
Breve descrição	Documento que discute questões sobre formação de educadores e qualidade da educação pública

Título e subtítulo	O Ateneu na perspectiva histórico-educacional brasileira do século XIX
Autor (es)	Carlos Henrique de Carvalho e Luciana Beatriz Bar de Carvalho
Publicação	Revista Linguagem, educação e sociedade, Teresina, n. 13
Data	2008
Natureza	Artigo de periódico
Palavras-chave	Educação no século XIX; disciplina; projeto pedagógico
Breve descrição	Problematiza projeto político e pedagógico no século XIX a partir de “O Ateneu”

Título e subtítulo	Ser Stella: um estudo sobre o papel da mulher e da educação feminina na Juiz de Fora do início do século XX
Autor (es)	Ana Luiza de Oliveira Duarte Ferreira
Publicação	Revista Brasileira de História da Educação, Campinas, n. 18
Data	2008
Natureza	Artigo de periódico
Palavras-chave	Educação feminina; cotidiano; modernização do ensino
Breve descrição	Trata da análise de algumas fontes relativas a um colégio feminino, estabelecendo comparações com “O Ateneu”

Título e subtítulo	Ficções, memórias e culturas da escola: a escrita de “si”, dos “outros” e da história da profissão docente
Autor (es)	Dislane Zerbinatti Moraes
Publicação	Maria da Conceição Passegi; Tatyana Mabel Nobre Barbosa. *Narrativas de formação e saberes biográficos*. São Paulo: Paulus.
Data	2008
Natureza	Capítulo de livro
Palavras-chave	Literatura; história; educação
Breve descrição	Estudo sobre fontes literárias na História da Educação e descrição de experiências feitas com alunos de graduação

Título e subtítulo	Da palmatória à sedução: imagens do professor na literatura e na cultura brasileiras
Autor (es)	Nilza Perez de Rezende
Publicação	Rio de Janeiro: PUC
Data	2008
Natureza	Dissertação de mestrado
Palavras-chave	Representações; imagens; professor; literatura
Breve descrição	Discussão das imagens que o professor tem na literatura ao longo de diversos contextos

Título e subtítulo	História das ideias pedagógicas no Brasil
Autor (es)	Dermeval Saviani
Publicação	Campinas: Autores Associados
Data	2008
Natureza	Manual pedagógico
Palavras-chave	Educação; ideias; século XX
Breve descrição	Destinado à formação de professores, faz panorama da história da educação no Brasil

Título e subtítulo	Ser professor: da divisão do trabalho à organização do trabalho pedagógico e do trabalho didático
Autor (es)	José Carlos Souza Araujo
Publicação	Cadernos de História da Educação, EDUFU, v.8, n. 1
Data	2009
Natureza	Artigo de periódico
Palavras-chave	Profissão docente; formação; divisão do trabalho
Breve descrição	Entender questões relativas à profissão docente e à formação docente a partir de uma análise que leva em conta as transformações advindas da Revolução Industrial

Título e subtítulo	A ficção e o real: a importância da educação no século XIX
Autor (es)	Giseli Rodrigues Correa
Publicação	São Paulo: PUC
Data	2009
Natureza	Dissertação de mestrado
Palavras-chave	Contexto educacional; rigidez; disciplina; século XIX
Breve descrição	Paralelo entre descrições de “O Ateneu” e documentos referentes ao Colégio Caraça

Título e subtítulo	Memórias escolares: sem ressentimentos
Autor (es)	Marlene de Souza Dozol
Publicação	Revista Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 34, n. 2
Data	2009
Natureza	Artigo de periódico
Palavras-chave	Literatura; imagens; educação;
Breve descrição	Comparação entre relatos amargos sobre educação e memórias que não apresentam mágoas, como as de Pedro Nava

Título e subtítulo	Instituto Teresa Valsé Pantellini: um compromisso com a formação da mulher (1959-1971)
Autor (es)	Julio Cesar Orias Teodoro e José Carlos Souza Araujo
Publicação	Cadernos de História da Educação, Uberlândia, vol. 8, n. 2
Data	2009
Natureza	Artigo de periódico
Palavras-chave	Educação feminina; internatos; século XX
Breve descrição	Análise do cotidiano vivido em uma instituição para educação feminina e comparação entre descrições sobre internatos

Título e subtítulo	Filhos da pátria, homens pelo progresso: o Conselho Municipal e a instrução pública na Capital Federal (1892-1902)
Autor (es)	Rosane dos Santos Torres
Publicação	Rio de Janeiro: UERJ
Data	2009
Natureza	Dissertação de mestrado
Palavras-chave	Educação; políticas educacionais; legislação
Breve descrição	Analisa discursos produzidos por membros da casa legislativa relacionando com o contexto político e educacional

Título e subtítulo	O internato como modelo educacional segundo a literatura: um estudo sob a perspectiva da teoria crítica
Autor (es)	Jeová Silva Santana
Publicação	São Paulo: PUC
Data	2011
Natureza	Tese de doutorado
Palavras-chave	Escola; literatura; representações; sentimentos; internato
Breve descrição	Relações conflituosas dentro da escola em textos literários. Modelo do internato.

Título e subtítulo	Didática
Autor (es)	Jaime Cordeiro
Publicação	São Paulo: Contexto
Data	2012
Natureza	Manual pedagógico
Palavras-chave	Didática; formação de professores; metodologia
Breve descrição	Manual destinado à formação de professores

Título e subtítulo	O Ateneu: uma análise de mecanismos disciplinares no romance de Raul Pompéia
Autor (es)	Tiago Ribeiro Santos e Rita de Cássia Marchi
Publicação	Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 38
Data	2013
Natureza	Artigo de periódico
Palavras-chave	Disciplina; poder; internato; educação escolar
Breve descrição	Análise dos mecanismos de poder presentes no romance “O Ateneu”, tendo por base os conceitos de poder disciplinar de Foucault e de poder simbólico de Bourdieu